

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Maria Amália Vaz de Carvalho
Pelo Mundo Fora



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Maria Amália Vaz de Carvalho

Pelo Mundo Fora

Adaptação ortográfica e revisão gráfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1896.

**Maria Amália Vaz de Carvalho
(1847 – 1921)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 584



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, da escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho: “*Pelo Mundo Fora*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE.....	1
SEGUNDA PARTE.....	54
O FIM DO PAGANISMO	
ANTERO DE QUENTAL: A OBRA E A SUA MORTE	
ANATOLE FRANCE	
ERNESTO RENAN: SUA OBRA, O SEU ESPÍRITO, A SUA FILOSOFIA	
OLIVEIRA MARTINS	

PELO MUNDO FORA



PRIMEIRA PARTE

I

Não há de certo ninguém, por pouco imaginativo e pouco fantasista que seja, que não tenha arquitetado um complicadíssimo e alegre sonho dando-lhe por base o *prazer das viagens*. Aos homens é o interesse de visitar cousas novas, de experimentar sensações mais vivas, que os atrai e chama; às mulheres é o amor do desconhecido que lhes irrita a insaciável curiosidade.

Imaginamos todos que a ventura está justamente... onde nós não estamos. E que seria fácil conquistá-la, indo em demanda dela um pouco longe, em um lugar de onde ela nos sorri, de onde ela nos acena, cariciosa... traiçoeira.

Eu cedi também à estranha, à irresistível sugestão. Fui-me por esse mundo fora em busca do pomo de ouro, que tantas vezes se parece com aquele fruto colhido em terras da Palestina — mimoso e veludo por fora, cinzas escuras no interior.

Era bem natural que, para mim tão profundamente modelada pelo espírito da França, o primeiro objetivo fosse a terra onde a civilização franco-latina se resume em síntese deslumbradora.

Chamava-me Paris. E Paris não era, já se vê, a cidade luxuosa e alegre do *boulevard*, a cidade da permanente festa, do prazer que se elabora de todos os requintes de uma decadência, da frenética aspiração ao gozo material da vida.

Paris era a terra sagrada de onde brotara para a espécie humana a primeira centelha da Liberdade.

Paris era a pátria, pelo menos moral — daqueles espíritos de que a minha alma colhera, num vago êxtase fecundante, a flor maravilhosa e inspiradora.

Todos os que eu intelectualmente mais amara tinham ido ali receber a consagração suprema da glória ou da desgraça, às vezes de ambas elas.

Eram, no grande século clássico, Pascal, Racine e Molière; eram, na soberba Renascença francesa, Rabelais e Montaigne; eram depois, nesse século XVIII hoje tão caluniado, mas sempre tão grande, e que tão indômitas energias acordara na alma do homem, Rousseau com a sua mórbida sensibilidade de ambicioso e de revoltado, que nós hoje compreendemos tão bem; era Voltaire, a sã ironia hoje desdenhada, mas que tão benéfica ação exerceu na treva do espírito humano; era Diderot, o profundo precursor de todas as modernas teorias críticas, o homem que no seu tempo moveu maior número de ideias novas e sugestivas; era a plêiade formidável e fascinante da Revolução, a que na minha mocidade me dera sensações de tão absoluto assombro, a que, desde Turgot e Mirabeau até Robespierre, refizera em novos moldes o mundo moral e o mundo político; era, na cumiada mais alta e mais luminosa da montanha da História, essa grande figura imortal, o Alexandre do século XIX, o herói de Homero, o frenético conquistador, que empobreceu talvez a França, que dizimou as populações e crucificou as mães e as noivas, que sangrou do seu melhor sangue as nações e as raças, mas que imprimiu na sua pátria o cunho épico, inapagável, inolvidável, com que ela ainda hoje espanta e assombra o espírito dos estrangeiros! Parece dos tempos lendários e é de ontem esse homem soberbo e fatal — em cujo olhar profundo há reverberações do Olimpo, e cuja fronte pensativa fez parar embevecidos, silenciosos, os mais impassíveis e os mais frívolos — cuja figura nós topamos a cada passo na Capital do Mundo.

Modernamente, quantos outros me chamavam, ainda mais queridos ao meu coração, ainda mais intimamente e estreitamente identificados com todas as recordações mais doces da minha vida intelectual... Era Michelet, o poderoso encanto alucinante; era Balzac, a vida intensa que pulula em criações imortais; era Renan, a graça embaladora, ondiante e mórbida, que anestesia e faz sonhar; e Taine, o vigor soberbo da ideia servido por um temperamento possante de artista e de poeta, um Spinoza que tivesse o pincel do Veronez para traduzir as visões do seu pensamento altíssimo; era Musset, o divino; era Sand, e Sainte Beuve, e Hugo, e Lamartine: e cada um me atraía por um lado ou por muitos lados da sua sensibilidade e do seu gênio, e cada um me dizia a palavra mágica que faz parar, suspenso, embevecido, um espírito de poeta e de artista, humilde embora...

Eram mais, eram muitos mais, todos lidos, todos decorados com enternecimento e apaixonado enlevo. Eram os que eu sempre amei desde que abri os olhos d'alma, e a quem devo os prazeres mais ardentes, mais refinados ou mais subtis da minha vida interior.

Todos ali me chamavam — coro de mortos que eu tinha a louca ilusão de encontrar ainda. Parecia-me que o sorriso aberto e expansivo do pai Dumas havia de acentuar-se simpaticamente ao encarar com o meu assombro extático; que a voz mordente de Voltaire se amoleceria para acolher em mim a mais

fervente entusiasta do espírito francês; que Beaumarchais me contaria, entre risonho e cáustico, uma nova travessura de *Fígaro*, uma nova paixão de *Cherubin*; que Molière, descendo do seu pedestal marmóreo, me diria ao ouvido uma daquelas profundas reflexões satíricas que ele não poupava às *bas-bleus* do seu tempo!

Para mim confundiam-se num caos alucinante as épocas, os séculos, os períodos históricos.

O meu humilde espírito colhera apaixonadamente centelhas soltas de todos esses espíritos; a minha memória guardava reverente, em relicário precioso, perfumes vagos de todas essas essências raras! Amara-os tanto! Sonhara-os tanto! O cenário onde eles se tinham movido interessava-me tão profundamente!

Oh! Balzac ia decerto contar-me a história, para ele *real*, das suas elegantes e pálidas heroínas; ele que era forte e bom, compadecido da minha pequenez, não duvidaria apresentar-me a esse mundo mais humano, mais verdadeiro que o outro em que tanto à vontade sabia mover-se.

A viscondessa de Beauseant, a espirituosa e aristocrática rainha do *faubourg*, aquela que amara tanto um português, e que tivera no seu abandono uma dignidade tão gentil e uma atitude de tão romanesco encanto, ao ver-me patrocinada pelo seu grande artista, far-me-ia o que fez a Eugénio de Rastignac: proteger-me-ia, introduzir-me-ia, carinhosa e maternal, no círculo estreito, exclusivo, seletivo onde viviam as suas iguais.

Então, neste ponto do meu sonho galopante, mais rápido que o trem que me levava, mais vertiginoso que o cenário mudável que me envolvia, eu deixava o mundo da realidade sempre limitado, sempre condicional e sempre estreito, por outro amplíssimo, fascinador e deslumbrante.

A multidão prestigiosa das figuras de Balzac cercava-me numa espécie de círculo encantado. Todo o sortilégio poderoso com que esse grande artista — o Napoleão da literatura — atuou sobre o nosso tempo, descia sobre o meu cérebro, excitava-o, estimulava-o perigosamente.

Todos os meus gostos de observadora achavam ali a sua satisfação plena. Esquecia, nesse mundo de tão frisante *realidade*, de tão intensa vida, tudo que o mundo atual tem de nauseante e de triste...

De resto, Nucigen, o formidável banqueiro da *Comédia humana*, é bem mais assustador que Reinach e que todos os judeus modernos da Coluna da Bolsa; Vautrin tem um porte épico de criminoso que deixa a perder de vista Cornélio Herz, ou Arton; de Marsay, esse personagem que é de Balzac como Hamlet é

de Shakespeare, como Tartufo é de Molière, como D. Juan é de Byron, é um político, um diplomata, um perverso das altas cumiadas sociais, bem superior a Rouvier, a Clemenceau, aos pobres pigmeus da terceira República; Lousteau, Claude Vignon, Emilio Blondet, Natan, os príncipes do jornalismo, os grandes críticos e os manipuladores de *sucessos* ou de derrotas literárias, não podem realmente comparar-se ao sr. Maier, ao sr. Magnard, ao próprio sr. Rochefort.

E que plêiade encantadora de artistas e de sábios! Que lindas figuras luminosas de pintores, de escultores, de romancistas, de pensadores! D'Artez! Joseph Bridau! Camille Maupin! Leon Giraud! Fulgence Ridal!

Em Miguel Cristien transparece a integridade rígida, a consciência admirável, a fogaosa independência de Armand Carrel; em D'Artez a bela alma, a vida modesta e simples, a magnificência intelectual de um Berrier...

E todos desfilavam ante os meus olhos ofuscados, os cinzeladores da palavra, os manejadores soberbos ou do escalpelo que abre as entranhas humanas para extrair delas o segredo da vida, ou do pincel que rasga janelas de luz para o azul, para o Ideal! Os mestres da ciência e da arte, os grandes tipos que constituíram essa sociedade imaginária da obra de Balzac, reflexo idealizado da outra que ele frequentava e conheceu também.

Ao pé desse agrupamento sublime de figuras que o gênio criou, e que iluminam o talento, a glória, a ambição ou a desventura, que ora se contorcem como os personagens que Miguel Ângelo pintou nos seus frescos soberbos, sob o influxo de uma dor tremenda, ora sorriem olímpicamente, como os retratos do Ticiano, surge uma legião adorável de mulheres, em quem a graça indefinível da parisiense se alia ao eterno mistério da poesia feminina, mulheres que se vestem como duquesas modernas, e sorriem, enigmáticas e sugestivas, como a Mona Lisa, eternamente indecifrável, do pintor florentino.

Mulheres que sabem *ouvir*, que sabem compreender, e julgar, e consolar, e amar; mulheres que, sendo perversas, têm o encanto diabólico da princesa de Cadignan e de Me. Marnefe, e que, sendo puras, se chamam Henriete de Morsauf, Duquesa de Langeais; mulheres que são ao mesmo tempo imaginárias e reais; que ficaram representando na história um papel preponderante e característico, como as inspiradoras da Renascença italiana, como as amigas gregas de Sócrates e de Platão.

II

O comboio levava-me, rápido, ferozmente rápido. Levava-me para longe do meu ninho, dos meus filhos, de tudo que me faz a vida consolada e boa, de tudo

que me dá força para o trabalho, para a luta, de tudo que enche de bênçãos a minha existência laboriosa e triste...

À paisagem Arida, pedregosa, da Estremadura espanhola sucedia um cenário mais animado, mais característico. Aldeias que desde os tempos hispano-árabes se conservam na mesma imobilidade bárbara, sinos altos de igrejas góticas, perfis apenas entrevistos de velhos conventos, ninhos de cegonhas nas árvores que pareciam correr comigo, sombrias manchas de arvoredos que o vento torcia em atitudes de desesperada súplica...

A grandeza alpestre dos Pireneus e a França, a França enfim!... Oh! que júbilo estranho e misterioso se mesclou então com a saudade que me ia alanceando e cortando as raízes da alma!

A França! Como eu tinha levado anos a amar e a sonhar esse país entre todos aureolado aos meus olhos da luz que vem de cima!

Outras que para lá partem levam projetos de requintada elegância para pôr em prática. Irão ao Redfern, o alfaiate afamado da rua Rivoli, que veste tão primorosamente as francesas de alto coturno; irão ao Wort, popularizado pelos romances modernos; à Laferrière, que veste as atrizes de mais fama; ao Felix, que príncipesas encomendas acabam de singularizar; comprarão na Virot o último modelo de chapéu; receberão *chez Lentéric des conseils de beauté*, que ele dá caríssimos, *pela hora da morte*, segundo a expressiva frase portuguesa, e que de resto tão pouco aproveitam a quem os recebe; interrogarão ansiosas a elegância avulsa da parisiense que passa, pedindo-lhe o segredo, que só ela tem, de andar por sobre o solo molhado ou enlameado, sem macular de leve a fimbria, gentilmente arregaçada, do seu simples, gracioso e bem posto vestido escuro, que se amolda sobre um espartilho de mestra, com a nobreza com que sobre o corpo de uma estatueta de Tanagra se amolda a roupagem de linhas magistrais que o envolve sem encobri-lo; o segredo de colocar sobre a sua fina cabeça pequenina, lindamente penteada, ou antes, lindamente despenteada, um minúsculo chapéu, semelhante a uma borboleta ou a uma flor, que o vento parece querer levar, e que não leva nunca...

O Paris que as atrai é o Paris da moda, da elegância, do *chic*, do *concours hipique*, da *avenue des Acacias*, do *vernissage* e dos pequenos teatros gaiatos. O Paris que as atrai é o dos figurinos, das lojas de modas, dos ourives da rua de *la Paix*, dos frequentadores do *boulevard des Italiens* e da *Madeleine*.

O Paris que, na velocidade vertiginosa, quase trágica do *expresso*, surgia ante meus olhos, era um Paris fantástico, *unreal*, feito, construído, cimentado com o gênio dos seus grandes artistas, dos seus grandes poetas, dos seus historiadores, dos seus moralistas, dos seus sábios, dos seus críticos, dos seus dramaturgos, dos seus romancistas geniais!

A França, a que minha alma aspirava, como aspira às paisagens desoladas da Palestina a alma dos grandes ascetas do cristianismo, como aspiram à mística e penetrante atmosfera de Baireut os fanáticos da religião wagneriana, era a França que desde Jean Goujon até Rodin, e desde o Poussin até Puvis de Chavanes, e desde Froissart até Michelet, e desde Me. Lafaiete até Georges Sand, e desde Balzac até Zola, e desde Pascal até Renan — um, o católico que se inclina sobre o abismo da dúvida, outro, o cético que tem a unção evangelista de um santo... e desde Montaigne até Anatole France, e desde Racine até Bourget... os finos psicólogos do eterno feminino — e desde Ronsard até Victor Hugo, e desde Marot até Verlaine, e desde a grande renascença do século XVI até ao magnífico movimento do romantismo, têm enchido o mundo da arte, e da poesia, e da realidade, e da ficção, de obras primas sem conta e sem medida!...

De pequena tinham-me ensinado essa língua tão clara, que milhares de artistas forjaram, bateram, cinzelaram, incrustaram de pedrarias coruscantes, esmaltaram de riquíssimas cores, metal precioso feito de todos os metais, e que tem qualidades de flexibilidade, de elegância, de sonoridade, de harmonia, de colorido, e de pujança absolutamente incomparáveis e inimitáveis... De pequena tinham-me metido nas mãos as obras primas dos seus gênios mais brilhantes, e eu sentia-me no íntimo da minha alma mais francesa às vezes do que propriamente peninsular.

Ah! mas que melancólico foi o despertar do meu ambicioso, do meu doido sonho!...

Atravessei, com uma rapidez que me deixou confusa e palpitante, o Paris da minha evocação de vidente; estavam mortos os amigos que me tinham alimentado com a medula do seu cérebro, ou com o leite da sua poesia, e, vivos que fossem, ali perto deles, na atmosfera em que eles tinham respirado, nas ruas em que eles tinham morado, no cenário que eles enchiam do seu nome é que eu, pela primeira vez, ia senti-los longe, muito longe de mim, na incomensurável distância moral, que a proximidade física revelava de repente ao meu quimérico espírito de sonhadora!

Senti então o que nunca julguei que sentiria nesse país que eu reputava positivamente a pátria do meu espírito! Senti uma nostalgia tão violenta, tão dolorosa, que pensei morrer dela! Uma espécie de desagregação intelectual, que deve ter nome na patologia do cérebro, mas que eu não sei cientificamente classificar — o que de resto não admira nada!

Esqueci-me do que aprendera, fiquei-me em uma espécie de assombro mudo, em que a saudade de Portugal punha uma nota alanceadora, torturante.

O que os livros me tinham revelado foi como que varrido da minha memória; os sonhos que eu tinha edificado sobre a minha vinda a Paris, desmoronaram-se em uma espécie de estranho cataclismo, e percorri a linda capital da Europa civilizada, não como uma pessoa que de antemão, e por muito os ter visto descritos, conhecesse os seus encantos, as suas belezas soberanas, os filtros subtis que do seu *pavé de bois* se exalam de envolta com o cheiro penetrante da terra sempre úmida e sempre regada, a festa perene das suas ruas e avenidas onde a miséria não vem pôr a sua mancha lívida, onde perpassa uma multidão sempre garrida e sempre feliz, a perfeição nos seus teatros, a perversa poesia das suas canções *fim de século*, a tenra verdura das suas árvores, tão bem cuidadas que parece que de manhã cedo as lava todos os dias, a esponja e sabonete, um exército de invisíveis jardineiros, a lindeza da sua luz que à tarde se faz de um cinzento róseo como o das paisagens de Corot, tão inexprimivelmente belas... mas como um ser inteiramente novo às impressões da vida extracivilizada e que dela recebesse uma espécie de choque *estupidificante!*

Através de tudo, o que eu sentia vivo, absorvente como um *cauchemar*, era a saudade do meu país, da minha Lisboa das sete colinas, construída em anfiteatro, sobre o Tejo amplo e azul, da bonomia deste nosso viver um pouco provinciano, pacato apesar do ridículo de paródia involuntária que às vezes o desfigura e o desnacionaliza, da familiaridade com que todos nos conhecemos, nos amamos através do *debique* permanente, em que andamos uns a respeito dos outros, da tranquilidade um tanto adormecida do nosso espírito, do amor da casa que distingue todo o bom lisboeta, da ausência de ambição que, excetuando as alturas procelosas da política, imprime o seu cunho esterilizador, mas calmante, em todas as nossas almas serenas...

A língua então, a música da língua pátria, fazia-me uma falta dolorosa. Tinha sede de ouvir falar português!

E preferia aos divertimentos que a engenhosa amabilidade do meu querido hospedeiro me proporcionava, e às excursões artísticas em que ele era um *cicerone* incomparável, instruíssimo, *rafiné*, cheio de ideias originais e sugestivas, as tranquilas e doces noites passadas em Neuilly, na luz discreta da lâmpada Carcel, que um quebra-luz cor de rosa fazia mais acariciadora e mais suave, e onde a família adoravelmente inteligente, e inolvidável para mim, de um escritor português, que é um artista da mais pura raça intelectual e da mais ampla envergadura de engenho, me fazia uma espécie de pequenina pátria. Ali a conversa tinha o tom preguiçoso da nossa conversa, os gostos combinavam-se com os meus gostos, os nossos jeitos especiais de portuguesas manifestavam-se a cada instante, e o que a graça feminina de umas combinada com o gênio nervoso e original de outros podiam dar de delicioso ao meu espírito, harmonizavam-se para me fazer esquecer a pátria, os filhos, os outros amigos

ausentes!

Nem sabem — nesse ideal cantinho do mundo onde vivem, um pouco alheados da civilização babilônica que os aperta, os cinge e os invade às vezes — ele, o artista laborioso e apaixonado metido no seu trabalho austero e impecável, como um monge na sua cela estreita, elas, as duas encantadoras irmãs, envoltas na grinalda viva de lindíssimas flores humanas, que são para uma *tudo*, e quase tudo para o coração instintivamente maternal da outra, — nem sabem o bem que me fizeram numa destas crises absurdas que só os nervosos conhecem e das quais o mundo estupidamente ri!

Foi aí sobretudo que eu, curada daquela violenta nostalgia que ameaçava inutilizar inteiramente o resultado moral da minha viagem, *reaprendi* a gozar Paris, não já o meu Paris ideal, espécie de babilônia construída em nuvens, mas o Paris verdadeiro, o Paris real, tal como ele lentamente me foi sendo revelado pelo inteligente *cicerone* que eu tive a fortuna de ter no meu divagar de *touriste*.

III

Folheio ao acaso as notas escritas a correr, na rapidez da minha viagem, e transcrevo-as para aqui, na sua sinceridade frisante.

É, de resto, o único mérito que hoje podem ter as notas de viagem, o temperamento pessoal do artista que *viu*, através das impressões que a sua visão lhe deu. Mais nada. Tudo está dito, e não há quem acorde uma emoção nova, na alma do leitor *blasé* pelo conhecimento da obra dos grandes artistas que viajaram. O próprio Bourget, que é um mestre, cujo único defeito é ter vindo um pouco tarde, depois de muitos outros, está reduzido a chamar *Sensações de Itália* ao seu livro encantador de viagem na terra clássica da Arte. As sensações que a Itália lhe deu a ele, eis unicamente o que o delicado escritor se atreve a contar, certo de que toda a essência de poesia que desse maravilhoso e fecundo solo se pode extrair, outros a extraíram antes dele por lá ter passado.

A minha única desculpa vem a ser esta: costumada a contar neste mesmo lugar as impressões colhidas na leitura dos livros, porque me não atreverei a completar, a ampliar, a desenvolver essas impressões *livrescas* com outras colhidas em diversos ramos de arte; mais diretas, mais reais?...

Acabo de sair do Louvre, onde fui visitar as galerias da escultura e principalmente essa sala entre todas privilegiada e bendita, onde a *Vênus vitoriosa*, a Vênus de Milo, esplende na sua sagrada formosura.

Chamava-me de longe, como um sortilégio poderoso exercido pelo Belo, essa figura que eu tinha mil vezes visto em reproduções, em estampas, em fotografias, que me tinham dito ser a suprema divinização do corpo feminino, e que eu ia pela primeira vez contemplar na sua genuína pureza marmórea.

A minha impressão, conquanto profunda, tem o seu quê de incerto e duvidoso. Porque? Será porque a Vênus não realizou o sonho que eu fizera da perfeição ideal dos seus contornos e das suas linhas? Não. Ela é realmente a beleza augusta, sobre-humana, ideal, como a proclamam unânimes os que a tem visto e julgado.

Mas é que eu não tenho em mim enraizado como uma religião da infância, fazendo corpo com as minhas crenças, ideias e sentimentos, esse culto da beleza física que foi a feição primacial da civilização dos gregos.

Para mim um *corpo divino* é uma expressão literária, não é um dogma de estética instintiva.

Por isso, através da bela estátua procuro adivinhar, nas suas linhas mais gerais, a extinta civilização que ela representa, de que ela é como que o remate e a flor!

Como Taine diz tão bem, “todas as grandes cousas um pouco remotas correspondem a sentimentos que já não temos.”

Precisamos de os reconstruir pela reflexão; e como ainda os menos profundamente instruídos têm uma educação cosmopolita e múltipla, em que umas poucas de concepções de arte se ajustam e sobrepõem, como nós temos, adquirida laboriosamente, ou bebida no ar que respiramos e nas rápidas leituras que fazemos, uma noção, profunda ou elementar, de cada uma das civilizações que antecederam a nossa, acabamos depois de algum tempo de meditação por compreender, com o espírito, não com a alma, o sentimento que inspirou a obra de arte que estamos contemplando um pouco inteligentemente.

O *esnobismo* artístico consiste em fingir que se entende tudo à primeira vista, mesmo as cousas mais avessas ao nosso temperamento individual ou nacional. Evitar esse *esnobismo* a todo o custo, deve ser o decidido empenho de qualquer espírito honesto e sincero.

A Vênus é, mesmo para o simples profano, uma esplêndida revelação de arte? É, de certo.

Não pode um corpo feminino ondular em linhas mais puras, não pode a branca flor do mármore palpitar com mais intensa vida.

Pela graça majestosa da sua mutilada atitude (que fazia ela quando tinha os seus divinos braços, perguntam debalde os críticos especiais da arte grega!), pela serenidade inefável da sua posição, pela harmonia absoluta das suas linhas esculturais, pelo ritmo inspirador do seu corpo marmóreo, — a Vênus de Milo, brotada do cinzel de desconhecido artista, na hora mais feliz da arte da Grécia, logo depois de Fídias lhe haver imprimido o selo supremo de sua grandeza, antes do escopro de Praxiteles a haver impregnado de uma lânguida graça voluptuosa, de um sensualismo requintado e enervante, que decai mais tarde na imitação antiestética da Natureza, nos realismos da policromia, na extinção final do gosto e do puro ideal artístico: a Vênus de Milo merece ser considerada, como diz Paulo de Saint Victor, aquela Eterna Beleza que Platão adorava, a *Vênus victrix* cujo nome César dava por senha aos seus soldados na véspera de Farsália, e em todo o caso a mais bela interpretação, que os modernos possuem desse feminino eterno que a Grécia tanto amou, que no mundo histórico ela foi a primeira a amar, e cujo culto poético e sensual traduziu nos seus mitos divinos, nos seus ritos magníficos, na sua arte incomparável...

Contudo, nós somente possuímos truncados restos, fragmentos secundários da escultura grega e não somos capazes, senão por *diletantismo* e por curiosidade intelectual, de compreender bem o culto apaixonado que ao corpo humano foi consagrado pela Grécia.

É necessário avistar ao menos de longe essa raça simples, viril, inteligente e bela, que foi de todas as raças a única que pôs a sua concepção da felicidade humana em perfeito acordo com a sua concepção das leis do Universo, que à realização positiva de todos os seus instintos chamou Virtude, e à encarnação de todos os impulsos naturalistas deu o nome de deuses; que tendeu ao aperfeiçoamento, e ao desenvolvimento pleno da natureza humana na sua constituição política, no seu organismo social, nos seus costumes, na sua arte, na sua religião; que fez deuses à semelhança dos homens para os poder amar, e que, chegada ao ponto culminante da sua perfeição artística, esculpiu homens à semelhança de deuses para lhes render culto...

Que nos importa hoje, a não ser como exercício de arte, a beleza ideal de um corpo de homem ou de um corpo de mulher?

Para nós a beleza tem outras regras bem mais complicadas, bem mais sutis, e tão difícil nos é conceber um corpo sem defeito, movendo-se na plena graça e na plena liberdade da sua harmonia muscular, como seria à Grécia conceber o nosso moderno ideal do belo, todo em expressão, com a alma atormentada e complexa que se revela principalmente através do gesto, através do olhar, através da fisionomia ardente e devastada...

Para a Grécia, porém, habituada a realizar a perfeição, não somente no mármore, que isso veio mais tarde como complemento e como resultado, senão na própria carne humana, e que seguia todos os processos pelos quais uma raça de homens se desenvolve, se robustece, se apura, se requinta, até poder atingir a beleza suprema: que empregava não só a eliminação sistemática de todos os produtos defeituosos, não só o cruzamento forçado dos fortes e das belas, mas também os exercícios permanentes da força, e da graça robusta e livre, nos jogos do ginásio, na orquímica, nas danças guerreiras ou sacerdotais, na educação, enfim, do corpo levada às mais minuciosas práticas que podem depurar-lhe as formas e desenvolver-lhe as latentes energias — para a Grécia a beleza física é mais que uma virtude, é uma condição absoluta da vida nacional.

Sem beleza, isto é, sem harmonia, não há força; sem força como é que a pequena Grécia venceria a poderosa Pérsia? Como é que ela chegaria a ser o núcleo de extraordinária civilização, de que ainda hoje, apesar de trinta séculos de mutilações contínuas, a nossa alma se alimenta, nutre e revigora?

IV

Mas quem nos diz a nós que a Vênus de Milo, objeto de uma ardente e justa admiração entre os modernos, não fosse no fim de contas uma estátua vulgar no seu tempo?

Os grandes escultores gregos, aqueles cuja cronologia e cuja história chegaram até nós, descobertas pela paciente erudição, em alguns fragmentos de Plínio, de Pausânias, de Cícero, de Quintiliano, não faziam as suas obras mais preciosas senão em ouro, em prata, em marfim, em matérias firmes bem mais raras que o paros e o pentélico, de que hoje se guardam nos museus os torsos mutilados, os fragmentos soltos, as reconstituídas estátuas.

Ao pé do que se sumiu dessa sublime estatuária grega, flor suprema daquela civilização de atletas, de ginastas, de oradores e de heróis, quantas atitudes para a “escultura”! O que resta vale bem pouco, e representa apenas como documento de uma era extinta.

Mas pelo que resta, nós sabemos que o corpo belo, viril, robusto e são, movendo-se livremente sob a claridade azul de um céu sem manchas, era o ideal artístico desse povo que, mais feliz que nenhum outro, traduziu íntegro e imaculado o seu sonho da vida, e — para quem é a vida, mais que um sonho? — na religião, na arte, na poesia, nas páginas luminosas de Homero, Ésquilo e Platão, na forma sublime da sua Acrópole, ante a qual Renan soltou aquele melancólico e sublime grito de amor, nas frisas e estátuas dos seus templos, nas cerimônias divinas e inspirativas do seu culto, que ora são castas como a longa

procissão das Panateneas, ora são soberbas de força e de pujança animal como as danças e os jogos de éfebos nus...

A Grécia amou a sobriedade, a correção, a graça e a força.

E depois de percorrer um período longo e o progressivo da iniciação, chegou ao ponto de combinar e fundir os extremos mais opostos naquela completa harmonia, que só uma vez se realizou na terra e que não torna mais!

Que importa, porém, que não torne?

Bastou que aparecesse uma vez, que brilhasse sobre nós, astro longínquo e puro hoje apagado e de que ainda vemos o reflexo calmo, para que o mundo ficasse eternamente unguido daquela graça misteriosa, daquele divino *aticismo* que em alguns raros eleitos resplandece e de que todos temos o pressentimento, a sede, ou a avidez!

Por isso Renan, a alma mais acessível à influência do belo de que talvez possa ufanar-se o nosso tempo, dizia no alto da *Acrópole* estas palavras que traduzem um sentir universal que até ali não achara expressão condigna:

— “Ó Natureza impecável! Oh! simples e verdadeira Beleza! Deusa cujo culto significa sabedoria e razão! oh! tu cujo templo é uma lição eterna de sinceridade e consciência! chego bem tarde aos umbrais dos teus mistérios; venho ao teu altar cheio de remorsos! Para te encontrar, que infinito esforço eu fiz!

“A iniciação que, num sorriso, davas ao ateniense na primeira infância, só à força de reflexões e de esforços eu pôde conquistá-la!

“Tu só és moça! tu só és pura! tu só és sã! tu só és invencível!”

Um outro crítico profundo, que estudou a Grécia com o amor com que se estuda a civilização-mãe, de que todas mais ou menos dependeram depois, diz que no caráter nacional dessa raça se discriminam claramente os três traços fundamentais que constituem a inteligência de um artista.

Estes três traços são a *delicadeza da percepção*, a *necessidade absoluta da clareza* e o *amor e culto da vida presente*.

O primeiro desses traços permitiu-lhes perceber as relações secretas das cousas, deu-lhes o sentimento fino e raro das *nuances*, e a suprema aptidão para construírem conjuntos de formas, de seres e de cores, combinações de circunstâncias e de elementos tão bem ligados entre si e por tão estreita

identidade de relações, que a sua criação de arte foi tão *viva* que excedeu no mundo imaginário a harmonia preestabelecida no mundo real e verdadeiro.

Ao segundo deveram o sentimento da proporção que possuíram como nenhum outro povo, o ódio ao vago e ao abstrato, o desdém pelo monstruoso e pelo enorme, — que é a marca distintiva do Oriente, do qual eles só aproveitaram o bom, — o gosto dos contornos firmes e precisos. *O amor e o culto da vida presente* bem o revelaram na sua religião sem mistério e sem *au delà*, na sua paixão pela beleza plástica, na sua sede de serenidade e de alegria, no seu antagonismo ingênito com a doença, com as misérias físicas ou morais, no seu encantamento absoluto, e que é para nós imoral mas que para eles o não era, diante do corpo nu, representação suprema da força, da graça, da saúde e da beleza...

Uma raça tão maravilhosamente dotada, idealista e positiva a um tempo, tinha por força de traduzir-se no esplendor das artes plásticas.

O espetáculo permanente dos belos corpos nus, ou envoltos lassamente na elegante e longa túnica que na altura do joelho se duplica e cai sobre os pés em pregas esculturais de inimitável graça, a contemplação habitual dessa raça que se distingue pela nobreza simples das atitudes, pela perfeição atlética da forma, pela serenidade do aspecto que as nossas mesquinhas ambições ou o nosso devastador pensamento não tinham convulsionado, — tudo devia naturalmente produzir, pelo pendor imitativo que caracteriza o espírito do homem, a maravilhosa floração de artistas sublimes que ao princípio tentaram e depois conseguiram libertar a noção do belo da estreita prisão que o cingia e apertava, fixar no mármore, no ouro, no marfim e no bronze a soberba visão da força militante ou graça ingênua e pura!

Como é interessante seguir a evolução da arte grega desde o ponto em que ela parece ainda pedir à inspiração hierática do Egito o molde incorreto que a liga e mumifica, até a hora em que Praxiteles arranca do mármore a sua *Vênus de Gnido*, de que a *Antologia* canta assim a voluptuosa formosura:

“*Cítera* trazida pelas ondas foi a *Gnido* admirar a própria imagem, e após longa contemplação falou destarte: Onde é que Praxiteles me viu sem véus?... Não, Praxiteles não ousou violar-te com olhar sacrílego. O que ele fez foi representar-te com o cinzel qual te havia sonhado!”

Ao princípio, a arquitetura e a estatuaria, estreitamente unidas, pareciam identificadas e inseparáveis; mas quando a estatuaria se emancipou, não foram somente as frisas e os baixos relevos dos templos, as colossais efígies da “*cela*” interior, que cativaram e deslumbraram o olhar do povo grego, foram as soberbas figuras erguidas ao ar livre, a *Atenea* colossal de *Fídias*, a *Sosandra* de

Kalamis, as mulheres de Caria, a Artemis divina em volta de cuja estátua as virgens da Lacedemônia vêm tecer anualmente as suas danças rituais!

Desapareceu o ingênuo simbolismo primitivo, que representava cada divindade com os atributos do seu poder, ou com os acessórios significativos das transformações naturais de que elas todas eram a concreta imagem; agora o que se revela ao fanatismo de beleza que palpita na alma grega, são divinos corpos de mulheres em toda a magnífica pujança da sua beleza criadora, em toda a graça adorável da sua feminina poesia.

V

A estátua diante da qual eu acabo de passar algum tempo, pedindo-lhe o segredo do perdido Ideal que ela traduz, representa, como eu já disse, esse momento fugitivo e belo da vida grega.

Esculpiu-a um desconhecido artista: mas não são totalmente desconhecidos também para nós, os pobres oleiros que amassaram e modelaram as lindas estátuas encontradas nos túmulos de Tanagra e não são também elas a poesia, o encanto, o velado mistério, a inefável graça?

Falando dela, diz Paulo de Saint Victor: “Oh! bendito seja o camponês grego, cuja enxada exumou a deusa enterrada há dois mil anos em uma leiva de trigo!... Graças a ele, a ideia do Belo ascendeu mais um grau sublime, o mundo plástico encontrou a sua Rainha!... A beleza ondula dessa cabeça divina e espraia-se em todo o corpo como uma luz!... Só a língua de Homero e de Sófocles seria digna de celebrar tão régia Vênus! Somente a amplidão do ritmo helênico poderia moldar, sem deslustrá-las, formas tão perfeitas!

“Por que palavras exprimir a majestade desse mármore triplamente sagrado, a atração mesclada de assombro que ele inspira, o ideal supremo e ingênuo que revela?”

E Teofile Gautier, descrevendo-a, diz assim:

“A fronte soberba, de linhas curvas, cingida pelas *bandeletes* do penteado, é tal qual a podíamos sonhar para sede de uma alma divina; o colo direito e firme lembra o fuste de uma coluna dórica, o seio de virgindade eterna é digno de servir de modelo, como o de Helena, para a taça dos altares!”

E, no entanto, essa bela e pequenina cabeça, que uma graça ideal nimba eternamente, não é tal como ele diz, sede *de uma alma divina*. A Vênus de Milo não pensa. Naquela branca flor marmórea uma alma vegetativa sonha e dorme! Que sabe ela da Vida e das suas longas tragédias, que sulcam de rugas

profundas a fronte pálida das mulheres, que contorcem em ânsias, indômitas como o Oceano, a alma dos homens?

Quem lhe revelou, a ela, o segredo das nossas paixões que devastam, das nossas lutas que ou disvirilizam ou depravam, das contradições medonhas de que eriçamos o nosso cruel destino, dos abismos que abrimos debaixo dos nossos cansados pés? Que pressentimento sequer tem ela — a deusa inalterável e serena — de tudo que a engenhosa imaginação dos que vieram depois — deuses e homens — inventou para se torturarem e nos torturarem?

Os dois mil anos que temos a pesar-nos sobre a cabeça e sobre o peito, passou-os ela ignorante e tranquila sob a terra da Grécia.

O que ela representa é um momento risonho e curto da existência humana; um momento em que tudo é belo e harmonioso na terra e no céu, em que, para imitar os deuses que criaram, os homens não precisam de deixar mutilar as suas energias mais vivas, os seus instintos mais naturais; um momento em que o amor é sagrado e puro como a fonte inesgotável dos seres, e como tal tem culto e tem altares; um momento em que a Natureza é benévola e sã, e em que da espuma dos mares da Jônia pode brotar a flor maravilhosa da eterna beleza, em que a inconstância das ondas, a pérfida doçura das sereias, o abismo glauco, que tem no fundo grutas de esmeralda colaboram em uma obra divina e produzem um símbolo imortal...

Que diferença dessa concepção própria à escultura antiga e a nossa de hoje, tão fundamentalmente oposta nos fins e nos processos!

E no entanto a estatuária francesa representa no século XIX um momento glorioso da história da arte! Mas desenganem-se. Pode a estatuária francesa moderna revelar um grande talento da parte de quatro ou cinco ou mesmo mais indivíduos; não é, não pode já ser uma necessidade, uma aspiração da raça, universal e irreduzível!

É um esforço de talento individual, não é o rebento vigoroso e vivaz em que desabrocha finalmente a alma de um povo!

Depois da minha visita incompleta, mas cheia de interesse, às galerias da antiguidade clássica, fui ao Luxemburgo ver as estátuas francesas modernas, e procurei, nos monumentos erguidos aqui ou ali, à memória de um artista querido ou de uma glória nacional, o selo, a marca, pelos quais uma arte revela as íntimas fibras de que é feita.

Vi corpos de mulher verdadeiramente encantadores! O mármore, branco de mais, tinha a fluidez da carne tenra sob a qual o sangue, púrpura viva, circula rico e livre, mas pareceu-me que a preocupação da *expressão* dominava absolutamente os artistas e que eles tinham quase todos perdido o segredo em virtude do qual um corpo humano, masculino ou feminino, interessa por si só, pela harmonia das suas proporções, pela liberdade com que jogam os seus músculos, pelo ritmo misterioso de cada uma das suas linhas.

E voltei dessa peregrinação artística sempre mais convencida, de que a escultura é talvez a mais bela das artes, mas a que está em menos harmonia íntima com o nosso ideal da vida!

Que temos nós feito em um longo esforço de dezenove séculos, apenas interrompido pelo movimento artificial, erudito e artístico, mas não popular da Renascença?

Temos contrariado pertinazmente a ação da Natureza sobre os nossos gostos, instintos e paixões. O que é o cristianismo na sua essência filosófica e na sua influência social? Uma reação violenta e permanente contra essa noção pagã da existência que fazia dela uma festa perene e magnífica; que fazia do corpo humano alguma coisa de sagrado e de inviolável, que tudo devia tender a satisfazer e a servir; que fazia dos instintos naturalistas da nossa espécie a lei suprema a que céu e terra se subordinassem, pois que os deuses para serem amados deviam ter e tinham as paixões que hoje fazem os homens criminosos.

O animal humano era realmente então o rei da criação, mas nenhuma das suas forças enfraquecera ou diminuía, nenhuma das suas energias fora mutilada, nenhum dos seus instintos domados, e ele movia-se livre, feliz, triunfante e belo, em uma atmosfera de apoteose, que nenhuma sombra vinha sinistramente obumbrar.

A antiguidade grega não é uma orgia, porque a orgia precisa de ter por fundo a consciência do pecado, e a Grécia em tudo que fez de pecaminoso e de imoral aos nossos olhos, não violou nenhuma lei divina, não foi de encontro a nenhum preceito dogmático; pelo contrário, obedecendo ao seu instinto, obedeceu à sua religião.

Desta harmonia entre a lei moral, que então não existia senão rudimentar, e a realidade física, vem a sua imensa felicidade e o encanto incomparável da sua civilização.

Para o cristianismo, pelo contrário, o corpo é o invólucro, amaldiçoado as mais das vezes, de paixões condenáveis, de instintos que é necessário a todo o custo dominar, subjugar, vencer.

Não é impunemente que a espécie humana tem vivido acurvada durante longos séculos a este jugo inoportável.

Ressente-se deles até a revolta dos ateus.

Por isso a nossa concepção da beleza física, partindo de outras fontes mais profundas e mais turvas, não podia ter nunca a incomparável claridade que tem o ideal grego. Os escultores, que conservam na sua alma o cunho indelével que ali tem imprimido a civilização cristã, à beleza do corpo humano prendem fatalmente considerações de ordem complexa que não influenciaram a estatuária antiga.

As mulheres têm a atitude lânguida de pecadoras nuas, a carne, que o mármore quer fingir, e que tem dela às vezes a flexibilidade, a macieza, a vibrátil poesia, tem também palpitações e solicitações voluptuosas que a grave e simples beleza nunca deve sugerir aos que a contemplam e que não sugeria aos contemporâneos de Fídias!

Isto não quer dizer que desde a antiguidade a escultura seja uma arte morta. E seria realmente sacrílego que tal avançasse, quem viu curvada, em religioso assombro, a reprodução fiel dessa *Noite* de Miguel Ângelo, de uma tristeza tão trágica e sublime, e o grandioso *Moisés* de bíblica majestade incomparável, e o *Penseroso*, e o *San Jorge* do Donatelo, cuja nobre atitude altiva faz passar um calafrio de admiração pelos nervos ainda mais resistentes.

Mas quer dizer que a estatuária é hoje uma arte destinada a satisfazer, não a alma coletiva das multidões, mas o espírito culto dos *diletante* e dos artistas; uma arte em que o gênio individual pode manifestar-se sublimemente e lá está a *Porta de Bronze* que Rodin anda esculpindo que o diga, e lá estão os túmulos de Barrias, e lá está o baixo relevo de Rude, e lá estão as inúmeras estátuas, os inúmeros monumentos que enchem as praças e os museus afirmando que a França deste século possui uma intensa vitalidade artística que a honra a deve encher de justo orgulho. O próprio Falguière, um pouco amaneirado como é, e dando ao mármore palpitações sensuais e lúbrica languidez, lá tem no monumento erguido na *Escola das Belas-Artes* a Henri Regnault uma figura de mulher deliciosa e viva, que faz estremecer de gozo o verdadeiro artista, isto para não falarmos na sua formosa Diana por quem consta que morreu de amor um pobre histórico, dos muitos que andam enchendo este triste mundo com o espetáculo das suas perversões mórbidas!

A arte moderna, a que inspira a todas as almas de hoje o mesmo espasmo de agonizante prazer, é a música. Essa sim, que é para nós o que a estatuária pura, augusta e simples foi para os atenienses, o que a arquitetura gótica foi para as torturadas almas idealistas da idade média, o que a pintura foi para os renascidos pagãos da Renascença italiana, ébrios de cor, de luz, de vida. Essa

sim, que é de nós todos, e que nos faz vibrar, chorar, sofrer, e nos consola e nos tortura, e nos arranca a nós mesmos e nos leva ao Inferno e ao céu.

VI

Visto que no outro capítulo falei, não na inferioridade o que seria um mal escolhido termo, mas na diferença que distingue a estatuária moderna da estatuária antiga, vou dizer alguma coisa a respeito de um dos artistas mais palpitantemente *modernos*, mais caracteristicamente diversos dos antigos que hoje possui a França e a quem de passagem me referi nos meus anteriores artigos.

Este artista é Rodin. Os seus princípios foram rudes e difícilimos, como o de quase todos os verdadeiros artistas, quer dizer daqueles que trazem consigo um temperamento tão acentuadamente independente e tão intransigentemente pessoal, que desnorteia todas as rotinas e revoluciona todas as estéticas estabelecidas e todas as escolas triunfantes.

Hoje Rodin é, ele próprio, um triunfador.

Aceitam-lhe as suas audácias, proclamam-lhe a ativa independência artística, chamam-lhe um dos primeiros, senão o primeiro escultor do século.

Nem sempre contudo sucedeu assim.

Quando ele primeiro apresentou no *Salon* a sua figura denominada “L'âge d'airain”, que hoje, comprada pelo Estado, se admira no Jardim do Luxemburgo, a primeira impressão do Júri, diante da escrupulosa exatidão de algumas partes desse corpo enérgico, foi que o estatuário o tinha modelado sobre um corpo vivo e real.

Como se um tal excesso realista e antiestético não fosse a condenação de um artista e pudesse produzir outra coisa a não ser uma obra morta logo à nascença.

Foi em 1877 que a figura da “Idade de bronze” foi mandada ao *Salon*. Em 1881 Rodin expunha o “S. João de bronze”, “um anacoreta magro e robusto, de musculatura devastada e sólida, erguida sobre pés que a marcha endureceu, torso nodoso, habituado a todas as intempéries, com um gesto de pregador obstinado, que levanta a face iluminada e aberta dos místicos e dos coléricos.”

Até 1885 Rodin, que ao pé do “S. João” expusera também a “Criação do homem”, apresenta na grande nave do Palácio da Indústria os bustos

expressivos e magistrais de Jean Paul Laurens, de Carrier-Beleuse, de Victor Hugo, de Dalou, de Antonin Proust.

No entanto o acontecimento magno que até o presente domina a carreira artística de Rodin é a concepção e a execução da “Porta”, destinada ao “Museu das artes decorativas”, à qual me referi já nestas mesmas notas.

Fiz, acompanhada do meu amável *cicerone* o trajeto longo que leva ao “atelier” de Rodin.

Caminhamos pela rua da *Universidade*, através dos longos *boulevards* e das largas avenidas que se entrecruzam ou correm paralelamente nas proximidades dos Inválidos.

É uma rua aristocrática e sossegada; tem grandes palacetes e tem velhas árvores.

Outras vezes surpreendem-nos entre esses vestígios de antigas grandezas, pequenas casas graciosas com jardinzinhos à inglesa cuidados e cheios de flores.

No fim, perto da odiosa torre Eifel, escândalo de mau gosto, americanismo revoltante erguido em plena Atenas moderna, — a fisionomia desta rua plácida e tranquila modifica-se bastante.

Grandes muralhas nuas, grandes tetos envidraçados, mais altos do que as muralhas, anunciam ao observador que entra num bairro de escultores e pintores.

Entramos no nº 182.

Transposta a grande porta, que lembra o portão de uma das nossas quintas, achamo-nos dentro de um cerrado bastante vasto, em que o chão é musgoso e esverdeado, em que há recantos de erva alta e viçosa, e por sobre os muros do qual, verdes ramarias de árvores espreitam curiosamente...

A dois passos do vertiginoso movimento de Paris respira-se aqui uma paz profunda, uma quase solidão melancólica e doce.

Aqui e ali, enormíssimos blocos de mármore de formas diversíssimas, de cor frígida e branca, de arestas que brilham como aço ou como vidro ao sol de abril, de veias azuladas em que parece girar um misterioso sangue...

Dormem na severa prisão ciclópica desses blocos brutais corpos airoso, leves, esbeltos de ninfas florentinas, bustos delicados de Eva adolescente, divinas

nudezas de que esses mármorees são a primeira forma rude, formas delicadas em que o gênio do artista acenderá uma chispa misteriosa de vida imortal.

Que deliciosas figuras de mulher um cinzel magistral arrancará dessa massa dura e informe!

Como ele saberá flexibilizá-la em membros de uma graça serpentina, arredondá-la em braços que se abrem em uma curva deliciosa e sugestiva, derramar, sobre néveas espáduas nuas, a vaga fluida e revolta de uma cabeladura crespa e magnífica, entreabrir em um sorriso enigmático finos lábios feminis, alumiar de ignota chama o globo cavado de uns olhos, desabrochar em moles curvas a flor de um seio virginal...

Todas estas visões de um mundo incriado nos são sugeridas pela vista desse campo cheio de pedras enormes, que à tarde, na luz rósea e violeta do crepúsculo, parece — disse-nos alguém — uma charneca semeada de gigantescos túmulos...

Sobre esse armazém de pedra ao ar livre abrem as portas baixas dos “ateliers” de escultores que ali vieram buscar a comodidade e a solidão. Um deles é o atelier de Rodin, que eu ia visitar.

Infelizmente, foi traída a minha ansiosa expectativa. O mestre não estava, e o discípulo, que trabalha com ele, — um rapaz do Norte, de imensa distinção de aspecto, — nem sequer pôde mostrar-nos a esplêndida *Porta*, que estava no compartimento fechado contíguo àquele em que nós entramos, para admirar alguns grupos de mármore, em que a poderosa *grife* do grande escultor se imprimira profundamente.

O talento de Rodin é tão pessoal, é tão inconfundível a sua maneira, que, depois de se ter visto um corpo humano modelado por ele, não tornamos a confundir este poderoso manejador do cinzel com nenhum dos seus contemporâneos celebres.

Discípulo de Barye e de Carrier-Beleuse, a originalidade de Rodin destaca, contudo, em uma energia inominável.

E original é ainda o assunto que ele escolheu para essa *Porta* monumental, apesar de arrancado à Divina Comédia Dantesca. É uma transformação da ideia do poeta, não é uma cópia do seu pensamento, nem um reflexo exato da terrível visão florentina.

Transcrevo de um crítico eminente que fez a análise da obra do escultor a descrição dessa obra soberba, que eu tanto quisera ter visto.

Mas, antes disso, o retrato do escultor tal como ele aparece, envolto no prestígio de uma simpatia merecida, aos seus admiradores que se contam por milhares.

Rodin é baixo, atarracado e plácido de aspecto.

A barba loura cai-lhe em ondas fartas por sobre o peito, enquadrando um rosto friamente espiritual, um destes rostos de homem que valem principalmente pela luz interior que os ilumina, e que ora traduz a serenidade silenciosa do trabalhador satisfeito com a sua obra, ora a distração absorvente do artista em luta com as dificuldades ingentes da execução manual, ora a preocupação dolorosa do investigador insaciável em busca do novo e do perfeito. A fronte de místico, um pouco ogival na forma, é vasta bastante para conter um cérebro potente de pensador e de poeta.

O olhar e a voz estão em harmonia absoluta; olhar agudo, brilhante, que concentra em si a luz; voz doce, íntima, penetrante, que se insinua, e onde um toque de causticidade põe não sei que estranho realce...

Tal o artista de tenaz vontade, a quem a estatuária moderna, complicada e simbólica, revela os seus segredos mais subtis.

Como tipo representativo da arte moderna, não o há mais culto, mais filosófico, mais apto para entender tudo e tudo realizar.

E porque ele é assim, absolutamente incompatível com o simples ideal grego, é que procurou no grande poeta da Idade Média o assunto da sua obra definitiva e magistral, obra de metafísico e de observador, ao mesmo tempo que é obra de artista; representação trágica, complexa e soberbamente executada, da Natureza e da Vida, em alguns dos seus aspectos mais inquietadores.

VII

Tem seis metros de altura a famosa *Porta*. As estatuetas do alto, alguns grupos dos painéis, e os baixos relevos inferiores estão completos ou quase completos, mas há pela vasta oficina, espalhadas no chão, nos sofás, nas cadeiras, em *ètagères*, estatuetas de todas as dimensões, em todas as posturas incoerentes, convulsas; de súplica, ou desespero, de agonia ou de dor, dando a impressão de um campo de batalha em que os combatentes se conservassem

todos vivos, ou de um cemitério que houvesse ressuscitado inteiro, em virtude de qualquer galvanismo prodigioso...

O escritor a que me estou referindo considera esta multidão de estátuas um agrupamento humano tão significativo, tão eloquente, tão expressivo em cada uma das suas mil atitudes, que só o apreciará quem o estudar indivíduo por indivíduo, como se folheia um livro página por página, como se lê uma partitura nota por nota, como se analisa um corpo fibra por fibra...

É a *Porta do Inferno*, quer dizer a aglomeração num drama cheio de movimento e de vida dos Instintos, das Fatalidades, das Paixões inclementes que no homem vivem intensamente, dominando-lhe a vontade, vencendo-lhe a razão, subjugando-lhe as resistências, dobrando-o sob a sua ação irredutível, fazendo dele o instrumento inconsciente de uma força da natureza que a sua inteligência não compreende, e que a sua virtude não submete...

Sob o cinzel deste artista genuinamente, apaixonadamente, sentidamente *moderno* que é Rodin, o poema do vate gibelino não conservou a cor local, nem tão pouco o colorido católico que o especializa.

O escultor despiu o seu símbolo de toda a significação italiana e mediéfica, e somente aproveitou a moldura que ele lhe prestava para exprimir dentro dela os aspectos humanos e universais, que o tempo não transforma e que o meio não pode alterar.

A *Porta* ainda está por concluir; somente o enquadramento do poema esculpido se pode julgar executado e completo.

As divisões principais, todavia, já podem ser imaginadas.

Começando pela parte inferior da *Porta* vê-se que os baixos-relevos por sobre os quais se vai erguer a composição principal, têm nos painéis centrais máscaras inolvidáveis, contraídas por todas as expressões da Eterna Dor.

Corre em doida grinalda viva, em roda dessas fisionomias atormentadas, uma dança vertiginosa de mulheres, de sátiros e de centauros.

Pelos dois umbrais da *Porta*, sobe uma *teoria* de figuras apertadas no estreito espaço, alongadas, fluidas, em alto relevo parcial.

São as doces apaixonadas, as criminosas felizes da paixão ilícita, os amantes que a mesma angústia entrelaça, e as velhas, que já perderam o que tinham de humano, e as crianças inconscientes, nascidas de pouco tempo e já marcadas pela garra adunca da Vida, tentando em vão perscrutar com os seus olhinhos cegos o limbo incolor onde os membros raquíticos se lhes agitam

convulsamente.

No alto, sobre o frontão há três homens que são a representação viva do dístico dantesco: *Lasciate ogni speranza*. Inclina-se uns sobre os outros na atitude da desolação inconsolada. Apontam com os braços estendidos para um ponto ignoto, a região do irreparável, do horrendamente irreparável.

Por debaixo deles à frente das multidões movediças, que constituem o primeiro círculo do inferno, um poeta nu, sem nenhum dos distintivos que marcam uma época ou uma nacionalidade, medita, mas em uma postura de repouso.

Os membros fortes são feitos para as longas caminhadas e para as lutas aspérrimas, o rosto inquieto e intrépido, que se crispa na obsessão de uma ideia fixa, reflete e repercute a piedade, a indignação, a tristeza, todas as sensações que excitam o pensador até ao entusiasmo, e o comovem até à lamentação dolorida e trágica.

Aos pés dele, sob o seu triste olhar meditativo passa em turbilhão vertiginoso, cai no espaço vazio, ou rasteja dolorosamente a humanidade inteira, na sua teima feroz de viver, de viver através da luta dilacerante, de viver despedaçada, torturada, sangrenta, com espasmos violentos de gozo que fazem sofrer mais do que as dores, com agonias d'alma que lembram arroubamentos de êxtase!...

Extraordinária a concepção do Mestre! Dizem que esses esboços, esses estudos, essas realizações plásticas bastam para provar a tenacidade de trabalho do obreiro maravilhoso, a atividade genial de um criador de seres vivos!

Cada figura isolada, cada grupo freneticamente enlaçado, cada representação de uma das mil paixões que cingem nos seus tentáculos de polvo o corpo frágil e a alma dolorida da pobre humanidade, afirma vitoriosamente não só a destreza magistral do estatuário, como também a ardente visão do poeta e a compreensão soberba do pensador.

Há entre centenas de outros, cuja descrição acabo de ler enlevada, com pena inconsolável de os não ter chegado a ver com os meus próprios olhos, um que bastaria, segundo a mais exigente crítica assegura, para confirmar a grandeza de concepção, a força tranquila e a doçura melancólica deste grande artista, que em formas ásperas, atormentadas, sem a moleza amaneirada de que hoje a estatuária reveste o corpo humano, — soube encerrar e traduzir o infinito das tormentas morais e a variedade horrorizante das dores físicas.

Esse grupo é o de *Francesca e Paolo*, ou antes, tão suprimidas estão todas as condições do tempo e do lugar, tanto escrupulo houve da parte do artista em conservar os caracteres gerais e puramente humanos, este grupo é o do amante e da amante, quer dizer do Amor.

Do Amor, não como a Grécia o pintou nos seus mitos risonhos, mas do Amor ardente, apaixonado, cruciante e doloroso, cruel e divino, prodigo em êxtases e em torturas, em espasmos e em lágrimas, tal como a mórbida imaginação de hoje o concebeu e criou!...

O homem é alto e forte, esbelto e flexível. A mulher, em pleno desabrochar da puberdade, está sentada com tal ligeireza e tal meiguice sobre o seu joelho esquerdo, que parece pesar apenas o que pesaria uma ave.

A mesma doçura de contacto é perceptível aos sentidos no gesto com que ele, fazendo do braço um colar quente e caricioso, a prende a si, enquanto que a outra mão lhe toca no corpo com delicada ternura... Essa mão forte e musculosa, feita para se imprimir pesadamente nas cousas, tem a leveza divina do contacto de uma flor.

O abandono da amante é completo. Enlaça-o como uma liana, enrola-se nele com um carinho em que há a gratidão do amor feliz e a avidez insaciável de carícias; e com a mão que lhe fica livre deste abraço apaixonado toca feminilmente nos cabelos com um jeito feito de timidez e de graça pueril.

A cabeça do homem inclina-se, a cabecinha da mulher ergue-se para ele e as duas bocas encontram-se em um beijo que é como que a união mística de dois seres!

A extraordinária magia desse beijo consiste nisto: é um beijo visível! Visível na impressão violenta que contorce em uma atitude de sedenta adoração o corpo do homem; visível no arroubamento da mulher todo ardor e todo graça!

É triste e deliciosa essa representação sublime e simbólica do amor humano. Envolve-a como que o nimbo da tristeza que envolve aos nossos olhos tudo que é belo, intenso de vida e condenado à morte!...

Como vêm, a inspiração de Rodin participa do que mais agudo tem a observação da vida real, da vida verdadeira em todas as suas manifestações e formas físicas, e de tudo que mais alto e subtil tem a poesia das cousas e que delas se destaca como um perfume inebriante, capitoso e perturbador!

O que ele principalmente traduz é o amor nas suas infinitas modalidades trágicas ou divinamente belas...

O amor dos nervos, o amor da carne e o amor da alma entrelaçados e produzindo esse misto doloroso, que embriaga como um filtro, que corrói como um veneno, que contrai como uma convulsão, que entonetece os sentidos e dá ao coração as revelações da infinita Dor!

Dentre os criminosos de Dante, ele escolheu para os modelar pela sua mão genial de grande artista pensador, os criminosos que o amor subverteu no abismo infernal.

Eles exprimem o cansaço devastador da saciedade que já nada espera; o frenesi do êxtase que nada satisfaz; a ternura desbordante que a morte há de breve estancar; as fadigas as aspirações, os sonhos mórbidos, as angústias e as melancolias que essa paixão entre todas onipotente inflige aos seus condenados escravos.

O amor que Schopenhauer descreve como a astúcia suprema da Natureza que se recusa a morrer, e que a maior parte das vezes não passa de um arrebatamento efêmero, de uma ilusão rápida e momentânea; o amor que é a impossível aspiração que leva dois seres a quererem formar essa Unidade misteriosa que seria o supremo triunfo da Vida sobre a Dor, — aspiração que remata no trágico desengano e na falência absoluta do Ideal sonhado, pois que nunca uma alma consegue penetrar absolutamente outra alma, nunca dois entes estranhos conseguem ser apenas um *ser único*, e não há agonia mais trágica do que esse lutar angustioso para alcançar um impossível bem, — o amor tal como à triste lucidez dos nossos dias ele aparece, doloroso, violento e cheio de ardentes lágrimas: eis a inspiração, senão única, principal do grande tradutor plástico da sombria epopeia dantesca!

Como é triste, como representa bem o *Terror* sentido perante as duras revelações da Vida, a sua Eva admirável que, levantando os dois braços em um gesto de espavorida angústia, e como que esmagando com eles os seios túmidos da humanidade futura, tapa com as mãos entrelaçadas os olhos que tanta miséria têm de ver ainda na terra...

É triste, soberba e bela, rica sobretudo de maravilhosas interpretações a concepção que Rodin forma da estatuária moderna. E por ele ser, dentre os escultores modernos, o que mais frisantemente e voluntariamente se afasta do ideal da Antiguidade, é que eu, em face da *Vênus de Milo* radiosa, tranquila, serena e pura, quis levantar diante dos olhos do leitor um esboço ao menos rude e tosco embora, dessa trágica *Porta do Inferno*, pela qual o escultor nos faz penetrar na *geena* das loucas paixões insaciadas, que erguem na sombra o seu brado ululante de intraduzível dor...

VIII

Quando a gente de longe evoca a grande cidade do luxo, da vida inteligente, da indústria genial, pensa em tudo menos na beleza ideal das suas árvores. A mim, vejam que estranha cousa! — foi isso que positivamente me deslumbrou.

O arvoredo em Paris, nos arredores de Paris, nos jardins, nos parques, nos bosques de Paris, é verdadeiramente delicioso e de um encanto incomparável e único.

Naquela fornalha tudo parece possível menos o permanente idílio que as árvores representam, pois nem Cintra, essa orgia de verdura, me consolou tanto a alma a este respeito como Paris. Vê-se que o culto da árvore, a paixão da Natureza, vive em um canto do coração desse pagão extra-civilizado, que se chama o parisiense. E depois será realmente extra-civilizado como nós julgamos o parisiense genuíno? Não haverá nessa imensa cidade cosmopolita, a par de uma minoria pequena de artistas de talento, uma incontestável multidão de almas ingênuas que representam de boa fé toda a espécie de comédia, desde o ceticismo à *outrance*, até ao chauvinismo à Boulanger? Será verdade o que dizem dele os que o pintaram com uma amargura tão acre, F. Flaubert e Balzac, por exemplo?

Como quer que seja, cético ou sentimental, o parisiense adora as árvores, as flores, a natureza em todo o seu idílico e sereno encanto.

Um passeio ao domingo, em Auteuil, em Saint Cloud, em Neuilly, nas avenidas do Bois, bastaria para nos esclarecer a tal respeito. É que também ali as árvores são incomparáveis. Há alamedas longas e deliciosas, em que o arvoredo de um verde um pouco ruço se recorta no azul levemente grisalho do céu! Há longe verduras em Auteuil, por exemplo, que dão vontade de chorar, que penetram a alma de uma saudade doce e amarga a um tempo, a saudade que Adão teve de certo do Paraíso, de onde foi expulso! Os horizontes desdobram-se tão longos, tão calmos! Quem dirá que ali, a dois passos, se desenrola a múltipla fita dos *boulevards*, onde a febre da vida é tão tentadora e tão intensa! Auteuil parece ser o fim do mundo, tão sereno e vagamente adormecido é o seu aspecto, tão inefável bucolismo se exala da sua tranquila paisagem. Para cada lado que lancemos os olhos, se abrem larguíssimas avenidas ao lado de arvoredos, com uns fundos longínquos, em que há toda a espécie de cambiantes.

O céu de um azul muito lavado, em que parece ter-se estendido um véu diáfano de vapor, é bem diferente do meu céu português de uma cor tão quente, às vezes deslumbradora e excessiva! A água parece cristalina, ou sombreada de verde, de uma transparência deliciosa ou de uma cor glauca, através das rendas do arvoredo, movediças e multicores.

Abril tudo em flor, atira em flocos a sua neve perfumada aos troncos há pouco despídos; os castanheiros agitam os seus penachos brancos; os lilases saturam a atmosfera do seu cheiro estonteador; há uma expansão risonha neste paraíso artificial criado pelo homem, que se não encontra infelizmente nos nossos

países do Sul, onde o solo é tão fecundo, onde a Natureza um pouco acariciada e auxiliada se desentranharia em maravilhas de produção!

A nós basta-nos o sol ardente e a vida brutal de que as cousas palpitam no nosso verão africano; não sabemos pelo trabalho incessante, inteligente e metódico criar estes paraísos, onde repousa depois inefavelmente a frenética atividade do homem do Norte.

A mim, filha de um país acidentado, esta paisagem plena, em que as alamedas se desdobram lentas, majestosas *à perte de vue*, faz-me uma impressão de deliciosa calma. Não me canso de olhar para as árvores, as formosas árvores, enormes, colossais, de um verde tenro, de um verde ruço, de um verde *mauve*, de todas as gradações imagináveis do verde, e em que a nota do verde esmeralda, mais rara, aparece de vez em quando como uma estridula fanfarra de cor.

Do alto da torre de Eifel, Paris aparece todo entrecortado de manchas negras de arvoredo — “Não há cidade com mais arvores”, digo eu verdadeiramente abismada ao meu companheiro e *cicerone* que me responde: — “Londres ainda tem mais!”

Só nós portugueses, com uma terra maravilhosa, um céu esplêndido, um clima em que a flora de todas as zonas igualmente se doméstica, somos incapazes pela nossa inércia proverbial de ter esta abundância adorável de arvoredo, de verdura maciça em torno de nós!

As alamedas de Saint Cloud, com os cimos verdes entrelaçados, formando a abóboda sobre a cabeça dos transeuntes, pareceriam um bocadinho de floresta selvagem, se não fosse a invasão da burguesia e do povo vestido de gala que ao domingo positivamente as inunda e banaliza, tirando ao sonhador que ali foi acariciar a sua quimera íntima todo o gozo que ele podia beber na solidão.

Quando de Saint Cloud, por uma tarde serena e doce e luminosa de Abril, se regressa a Paris, como eu regressei, pelo caminho ao longo do Sena, entre o renque fino e tenro dos choupos que se debruçam nas águas do rio, e os *chalets* e os palacetes que espreitam do outro lado da estrada do meio dos jardins coalhados de lilases e de rosais em flor, não há coração por mais seco e positivo que resista ao encanto embalador deste passeio.

Surpreende-se uma pessoa a ser moça outra vez, moça e romanesca e a arranjar na fantasia uma existência que quereria ter vivido ali, naquela paz tão próxima da infinda agitação, naquele ermo tão chegado ao burburinho de uma vida em festa.

Deve ser bom viver e sonhar ali, perto do mundo e tão longe dele, a minutos de distância do *boulevard* da Ivete Guilbert, a deusa da *chansonete* moderna, da *Comedie* e da sua clássica e correta interpretação da arte, do *Chat Noir* e da sua fantasia revoltada, e ao mesmo tempo tão longe de tudo isto, no silêncio do arvoredo em flor, na serenidade panteísta da dormente e calma Natureza, no seio inebriante dos lilases e das rosas que estilam voluptuosa letargia de cada pétala da sua flor aveludada e tenra...

A vida para certos organismos de eleição só se compreende nestes dois pólos contrários. Ou tudo que a civilização tem de mais quintessencial e de mais extremo, ou tudo que a natureza tem de mais calmo e de mais *permanente*.

Juntar as duas cousas seria para o verdadeiro artista o ideal, mas que poucos são os que as sabem ou querem reunir!...

Pensava eu estas cousas vagas, ao passar diante de *Bagatele*, a casa campestre e o lindíssimo parque, que surdiram com tão vertiginosa rapidez de uma aposta entre a infeliz e então leviana Maria Antonieta e o Conde de Artois, e que hoje, depois de várias vicissitudes — as casas e os homens passam igualmente por elas — pertence aos herdeiros do célebre filantropo William Wallace. A lembrança desse tempo, dessa corte, dessa mulher, cujo nome se fez prestigioso no martírio, levaram a minha imaginação para longe, para bem longe no passado.

Fazia justamente cem anos que tanto luxo tanto prestígio, tanta glória tradicional se tinham afogado tragicamente em ondas de sangue.

Noventa e três, o ano fatal, surgia sangrento e trágico ante os meus olhos, produzindo em mim aquele espanto e aquela fascinação que eu sempre sinto quando voluntaria ou involuntariamente o evoco.

Também ela, a pobre rainha mártir, quis experimentar essa suprema sensação da vida feita de contrastes fortes; também ela quis, ao lado das pompas de Versailles, a deliciosa pastoral do Trianon; também ela, despindo os pesados brocados e as sedas tecidas com ouro da corte, quis enfiar, ligeira e garrida, o vestidinho de cassa, com o lenço castamente cruzado sobre os seios opulentos; a sua imaginação romanesca de leitora de Rousseau, de admiradora de Gluck, também se soube comprazer nesta delícia das experiências contrárias que é o sol do *diletantismo*, mas nem porque viveu intensamente a vida e gozou tudo que ela tem de melhor, desde a amizade até à arte, lhe foi menos pesada a sua cruz, nem menos cruel a sua dolorosa via desde Versailles até à Guilhotina.

O ambicioso coração humano deseja tudo, a tudo aspira e tudo quer!

E para que, no fim de contas? lá o diz Pascal na sua frase incisiva e sombria: “o remate é sempre idêntico, qualquer que tenha sido a comédia ou a tragédia que o antecedeu”.

E aqui está como a vista do arvoredo de *Bagatele* me levou para longe do bucolismo, encontrado, onde meu Deus?... a dois passos da fornalha de Paris!...

A mais completa visão de arte e de magnificência que ainda os meus olhos tiveram, de que eles guardarão para sempre o reflexo iluminado, foi em Fontainebleau que a recebi.

Fontainebleau está para Versailles como uma jóia de Benevenuto está para um vaso de maciça prata imperfeitamente burilado. Não há comparação entre os dois, e para um artista não há hesitação na escolha.

Como paisagem, aquele sítio, aquela poética e enorme floresta consagrada por tantas recordações artísticas, literárias e históricas, é tudo que pode haver de mais estranhamente belo.

Tem a poesia selvagem e a graça outoniça, e saudosa. Parece um país devastado onde se deram lutas de titãs, por onde passou o sopro de uma tempestade ciclópica, onde a natureza estrebucha em cataclismos tremendos, e faz ao mesmo tempo o efeito calmante e doce de um ninho de verdura que abriga a alma dolente, e a envolve no filtro subtil das suas essências vegetais. O outono na floresta de Fontainebleau, quando as árvores se revestem de toda a riqueza infinita de colorido desse período divino, quando a pompa vitoriosa das fortes verduras acres de seiva se degrada e decompõe em tons expirantes de um encanto misterioso, em como que gangrenas vegetais que desde o purpúreo sangrento e o amarelo alaranjado vão até ao cor de lilás e ao cor de malva, — o outono ali deve ser um poema de voluptuosa melancolia, destes que só sabem saborear os que se deleitam na tristeza como em um néctar sagrado, defeso às profanidades do vulgo...

Não admira que nessa floresta tenham vindo meditar e sofrer tantas grandes almas desenganadas da ilusão multiforme da vida.

Conta Michelet, que perguntando a uma mulher inteligente para onde ela quereria fugir se uma grande dor lhe desse a sede, a necessidade de um asilo no seio da Natureza, ela lhe respondera: — Para Fontainebleau.

— E se tivesse uma alegria enorme, uma alegria que lhe dilatasse a alma até ao infinito, onde mais lhe agradaria estar: — Em Fontainebleau!

É que realmente aquela paisagem, como diria Amiel, representa todos os *estados da alma*.

Por isso S. Luiz nas suas fundas dores, quando as ideias e os sentimentos do seu tempo agonizavam, dando-lhe um espetáculo que lhe pungia atrozmente o coração, era ali na floresta sombria que ia rezar pedindo a Deus conforto e paz.

Luiz XIV vencido e velho, corroído por esse tédio dos Césares, a quem nada resistiu — que é de certo o estado de espírito que mais deve aproximar-se da infinita desolação de Satanás, foge de Versailles, das suas pompas, dos triunfos que os seus pintores lhe coloriam e que então não eram mais que ironias diabólicas do passado orgulho, e vem procurar, sob as árvores colossais da floresta amiga, o repouso, o silêncio, o adormecimento às suas lancinantes dores de rei... Francisco I, desenganado desse sonho da Itália, que durante os séculos XV e XVI perseguiu os reis da França, vem ali construir uma Itália francesa que o console de haver perdido a outra, a que Miguel Ângelo e Rafael, Bramante e Donatelo, Leonardo de Vinci e o Ticiano tinham feito tão fascinadora e tão grande!...

É em Fontainebleau que Napoleão se despede do seu sonho homérico e sublime, desse sonho de um Império Universal, que unificasse o mundo civilizado sob um déspota inteligente, e que lhe foi comum com Alexandre, com César, com Carlos Magno e Carlos V, com todos os grandes capitães da história, tão raros como os grandes poetas.

É ali que essa epopéia majestosa e tremenda se lhe desfaz nas trêmulas mãos que assinam a suprema abdicação do poder e da glória.

Quantas recordações me sugere esse lugar fatídico de Fontainebleau, ou seja o palácio de fadas, ou seja a grande floresta sombria e vasta, onde talvez os Celtas, ascendentes dos franceses de hoje, colherão no tronco dos anosos carvalhos o *qui* das evocações druídicas.

E saindo dessas esferas da grandeza social para outra, mais ampla talvez, mas menos visivelmente pomposa, é em Fontainebleau, que Georges Sand e Musset dão aqueles últimos passeios tão tristes, de uma melancolia feita de tanta saudade, quando *ele* já sabe que não podia viver sem *ela nem com ela*, como diz a triste cantiga peninsular quando *ela* começa a perceber, que, Ashaverus feminil do amor, tem de percorrer até ao fim o seu amargo e cru fadário, sem encontrar quem satisfaça a sua sede do infinito, sem poder parar nessa caminhada atroz em procura do *impossível!*

Que fundo de paisagem tão triste para um fim de amor! Onde poderiam eles encontrá-lo que lhes saturasse a alma de mais tristeza, de mais melancolia, de mais intensa e inexorável saudade!...

Era ali ainda que Musset voltara mais tarde evocando em soluços imortais as melhores recordações do seu fatal amor.

*Dante pourquoi dis tu qu'il n'est pire misère
Qu'un souvenir heureux dans les temps de douleur
Quel chagrin t'a dicté cette parole amère
Cette offense au malheur!*

*En est il donc moins vrai que la lumière existe
Et faut-il l'oublier du moment qu'il fait nuit
Est ce bien ta grand âme immortellement triste
Est ce tu qui l'as dit?*

*Non, par ce pur flambeau dont la splendeur m'éclaire
Ce blasphème vanté ne vient pas de ton coeur
Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur*

.....
.....

As estatísticas dirão quantas léguas quadradas tem a floresta; os naturalistas saberão explicar quais as diversas qualidades da sua flora, e que essências se destilam das suas várias resinas; eu sei somente que ela me encantou, como uma das mais belas cousas que os meus olhos ainda contemplaram. Fui a Barbozin, a aldeia em que Milet e Rousseau pintaram as suas telas melhores, e evoquei ali as figuras da literatura contemporânea que tem por fundo majestoso — bem mais majestoso do que elas são grandes! — a floresta divina de Fontainebleau.

A cena capital e magistral da *Safo* de Daudet é ali que se passa; quando o pobre moço, empolgado pelo polvo terrível que é para a mocidade uma mulher perdida, tenta despegar-se dela, quer fugir-lhe para recomeçar ao longe uma existência calma e boa — em harmonia com as leis sociais, protetoras para quem as respeita, inexoráveis e implacáveis para quem as despreza ou para quem as ilude — e é vencido irredutivelmente pela piedade que ela lhe inspira, por aquele bramido de animal, longo, constante, ininterrupto, com que *Safo* acorda e sobressalta os ecos de imensa solidão ao ver iminente a ruptura de que ele lhe fala, que ele com mil precauções lhe faz prever... Grande quadro e de uma moral acre e dolorosa mas incontestável, que os moços deviam meditar, se é que os moços meditam, se é que a mocidade é compatível com a previdência e o cálculo.

O parisiense tem a uma hora e meia de caminho de ferro essa grande mata que é uma das maiores da Europa e a maior da França, por isso parte da literatura contemporânea a tem para teatro das suas cenas de entusiasmo, de paixão ou de desespero.

Os pintores vão ali procurar os efeitos maravilhosos da luz penetrando na espessura, banhando-a em púrpura, recortando em fundo de ouro a renda delicada da sua folhagem, picando de pontos deslumbrantemente luminosos os seus interstícios mais miúdos e mais finos; Millet arrancou-lhe em páginas imortais o segredo da religiosidade infinita que possuem as velhas arvores; Rousseau recortou em pequenas telas retalhos de paisagem em que a alma das cousas palpita misteriosamente.

A floresta de Fontainebleau educou uma geração de paisagistas, qual deles mais penetrado da melancólica poesia da natureza. Que benéfica tem sido a sua calma e sugestiva influência, que saudade eu tenho da luz a que ela me apareceu, luz primaveril, que punha tons de um tenro inefável em cada rebento, que rejuvenescia os velhos troncos colossais!

É perto dali o lindo Castelo de Francisco I, a que é preciso conduzir o leitor. Deixemos, pois, a floresta e penetremos no palácio.

X

Nos séculos XV e XVI todos os príncipes, todos os poderosos da terra tiveram um distintivo comum que os caracteriza: o seu amor entusiasta das maravilhas da arte.

Sabe-se o que foi Lourenço de Médicis, esse Mecenas da literatura italiana, esse amante apaixonado e prodigo da erudição, da arquitetura, da pintura, da estatuária. Esse homem inteligente e sagaz, poeta ele próprio, e apesar de humanista notável, sacudindo com bastante independência o jugo do antigo que pesava demais sobre as musas da Itália, — mereceu a glória suprema de ficar imortal no mármore modelado pela garra de Miguel Ângelo.

O *Penseroso*, das estátuas do mestre uma das mais emocionantes, uma das mais misteriosamente e tragicamente belas, teve por modelo o grande homem florentino, cujo túmulo havia de adornar mais tarde. Leão X, Júlio II e Clemente VII, foram os papas mais doidos pela arte de que reza a história.

Ludovico o Mouro encheu de bens e de glorias a Leonardo Da Vinci; os chefes da aristocrática República veneziana não hesitavam quando se tratava de pagar com prodigalidade louca aos seus soberbos pintores. Mas Francisco I, o rei da

França a quem se deve a mágica de Fontainebleau, esse não somente adorava a Arte, mas era amigo apaixonado dos artistas.

Sabe-se o entusiasmo louco com que ele acolheu na sua corte o já octogenário Leonardo Da Vinci.

— “Hei de afogar-te em ouro, dizia ele a Benevenuto. — *Faço-te cônego* — exclamou deslumbrado para o italiano Rosso no dia em que este, pela primeira vez o fez penetrar nessa galeria esplêndida, ainda hoje chamada de Francisco 1º — em que o rei desenganado e cansado passou depois quase todos os últimos anos da sua acidentada existência. E a promessa extravagante cumpriu-se tal como se fez. Rosso teve um lugar de cônego na colegiada da Sainte Chapele.

O que fizera ele para merecer tão piedosa distinção? Pintara o mais estranho e luminoso carnaval de alegria e de cor, que ainda a imaginação febril de um artista daquele tempo de febre concebera e realizara.

Uma multidão pantagruélica em que há de tudo: o belo e o horrendo, o delicioso de graça, e o grotesco; figuras virginais a que talvez serviram de modelo para o pintor, e de encanto efêmero para o rei, as doces raparigas que ali perto ceifavam as trêmulas searas, ou iam buscar as ânforas cheias de água cristalina das rochas, às fontes de Fontainebleau que Jean Goujon e Benevenuto vão fazer idealmente belas.

No meio da imensa turba de mulheres e de homens, uma flora e uma fauna inteiramente novas, a flora e a fauna que os navegadores e os conquistadores da península ibérica acabavam, no fim das suas aventurosas viagens, de revelar ao velho mundo atônito.

A delícia de Francisco I não teve limites ao entrar naquele recinto encantado em que o mundo da arte lhe desvendava os seus aspectos mais belos!

Interrogador e curioso como era, cada quadro lhe sugeria uma pergunta e uma investigação nova.

O mundo estranho de que o Rosso pintava algumas das maravilhas inéditas fazia cismar o pagão devoto que Francisco I era, como todas essas crianças grandes da Renascença. — Mas então mentia a Bíblia quando contava a criação do homem?

Essas raças, cujo segredo agora se desvendava pela vez primeira, não eram tal, não podiam ser filhas do bíblico Adão?

E a terra movia-se em torno do sol? Onde ficavam nesse caso as palavras de Josué?...

Depois contavam-lhe as magnificências da Turquia, a magnanimidade de Solimão, as maravilhas da civilização árabe, tão superior em certos pontos naquele tempo à civilização cristã, e esta ideia de que o turco não era finalmente o ante cristo, o inimigo figadal de todo o bem e de todo o belo, produzia um espanto infantil no ânimo de Francisco I.

Tempo encantador este de que a galeria de Fontainebleau ouviu as conversações curiosas, misto de tudo que há mais ingênuo e mais subtil, mais refinado e mais crédulo!...

Ao lado do fauno sensual, do sátiro coroadado, que foi Francisco I, — o qual para contrapor aos seus vícios inúmeros teve somente a vibrante sensibilidade para tudo que é belo; — surge a Margarida das Margaridas, a encantadora, a diserta, a latinista, a inteligente rainha de Navarra. Naquele tempo saber latim não é um requinte de pedantismo, é uma exigência da fina cultura.

Quem não soubesse latim não sabia nada, não tinha conhecimento nem da poesia no que ela tem de mais perfeito e mais belo, nem da História no que tem de mais sugestivo e de mais inspirador. Ora Margarida amava os poetas e a poesia, e ajudava seu irmão a fazer a História, aconselhando-o, auxiliando-o, inspirando-o, negociando por ele com os diplomatas do tempo.

A ciência, a erudição, a poesia enchem o espírito de Margarida; quem lhe enche completamente a alma é o irmão, esse irmão grosseiro e sensual, natureza que, a não ser o amor da arte, seria feita do barro mais vil, e que mesmo salvo por esse amor, que é no fim de contas mais uma sensualidade requintada do seu temperamento que uma aspiração espiritualista, reflete a onipotência dos seus instintos animais no soberbo, no inolvidável retrato que dele fez Ticiano, o maior retratista do mundo, aquele que melhor traduz a profunda expressão moral, a móbil fisionomia, o caráter pessoal inconfundível de cada um dos seus modelos...

Esse perfil de fauno sensual, que o Ticiano retratou, domina e absorve o coração delicado e subtil de Margarida.

Por isso eu a evocava agora, na galeria soberba, em que o sol entra a flux, ao lado do rei seu irmão, analisando com ele as belas pinturas que fazem das paredes um caleidoscópio tão curioso e iluminado, em que o velho e o novo mundo se confundem, discutindo — com Budé seu bibliotecário, com Duchatel seu leitor, com os dois irmãos du Belai, os celebres humanistas da Renascença francesa, seus favoritos e comensais, — um diálogo de Platão que tivesse

acabado de ler em grego, um verso de Virgílio de que ela houvesse há pouco saboreado o néctar subtil, servido na língua de ouro do século de Augusto; uma apóstrofe de Cícero, nas suas Catilinárias, mais abrasada em retórica flama; conversando com Marot, seu poeta e seu servidor, acerca da medição e do ritmo de um hexâmetro ou de um hendecassílabo; ou perguntando a todos eles, curiosamente, avidamente, informações acerca do novo livro extravagante que um físico e antigo tonsurado chamado Rabelais acabava de dar à estampa em Lião, contando as mirabolantes e inverossímeis aventuras de Gargântua e Pantagruel, dois gigantes de quem ninguém até ali ouvira falar, e de Panurgio, o maior sacripante que de memória de homem fora celebrado em língua vulgar...

Ao reinado do prisioneiro de Pavia segue-se o do místico e apaixonado Henrique II. Margarida eclipsa-se na sombra, e à musa dos poetas sucede a inspiradora dos artistas ébrios de entusiasmo...

No céu da Renascença azul e ouro, é Diana quem desponta... A Salamandra, emblema e símbolo do rei que arde continuamente na flama impura do desejo, sem jamais chegar a consumir-se, é substituída pela inicial de Henrique enlaçada por dois crescentes simbólicos, e esta data assim poeticamente indicada vale para a posteridade muito mais que a mais rigorosa cronologia marcada pelos sábios. Este anagrama amoroso representa um grande amor, um estranho sentimento que participa do misticismo cavaleiresco e do sortilégio mágico, do ideal mais puro e do *envoutement* mais pavoroso.

Quem é esta esbelta Diana, ligeira, airosa e bela? Não o perguntem à História, que essa, implacável como a verdade, falar-lhes-á de uma velha fúria, sedenta de dinheiro e de vinganças, esmagando os povos, que a maldizem, com o peso das contribuições mais engenhosas, das que tiram o sangue e a pele à plebe oprimida que se lamenta em vão.

Perguntem-no à Arte, a mágica divindade que transfigura tudo aquilo em que toca. Responder-lhes-á a Diana de Jean Goujon, encostada familiarmente ao veado manso e belo que lembra o príncipe encantado das lendas, ou mais longe ainda, sempre modelada pelo sublime artista, contemplando amorosamente o mesmo bicho simbólico, que aproxima da boca finamente recortada da deusa a sua boca de animal, como que a pedir o beijo misterioso que quebre o encanto que o tem encarcerado naquela forma inferior e que o restitua belo e vitorioso à antiga forma humana.

Responde-lhes a Ninfa de Benevenuto Cellini, ora entre as feras que caçou e os galgos que as perseguiram, ora estendendo-se voluptuosa junto à frescura das fontes, ora caminhando nua pelos campos, seguida pelo cortejo das ninfas que ela, a Diana imortal, a inspiradora dos eternos amores que não se extinguem, domina inalteravelmente pela altiva elegância e pelo majestoso porte régio.

De todas estas imagens estranhas, inverossímeis, de corpo longo e flexível, que parecem copiar na pedra dura a fluidez das águas correntes, o balouço ondeante das ervas altas, a voluptuosa flexibilidade das lianas que se enredam e entrelaçam, — de todas estas imagens que a arte prodigalizou aqui, a nossa imaginação compõe uma só figura, um só vulto, uma só imagem que as concretiza a todas.

É a mulher amada e triunfante, a Diana dos encantos invencíveis e inviolados, a que pediu à deusa, sua madrinha o segredo dos filtros que fazem parte do seu culto antigo, para ser eternamente amada, contra o tempo, contra a fortuna, contra tudo...

A arte que a imortalizou no mármore devia-lh'o. Ninguém como ela fez da arte uma auxiliar, uma amiga, uma feiticeira cúmplice dos seus encantamentos de mulher. Que importa o que diz a história de Diana de Poitiers? Quem fala verdade é a Arte. De todas as mil ilusões de que a vida se faz e se compõe, só ela é mais intensa do que a realidade, e mais verdadeira do que a verdade!

XI

Uma das excursões feitas por mim com mais prazer é a dos Museus, tanto artísticos como históricos.

Deixo para mais tarde falar no que senti em frente de alguns quadros do Louvre ou do *Museu de Madrid* e vou falar agora da minha visita ao museu Carnavalet. O palácio em que este museu está estabelecido pertenceu a Madame de Sévigné e foi habitado por ela; daqui a quantidade de recordações desta mulher encantadora, que o povoam e para mim o tornam particularmente interessante.

Há logo à entrada um busto dela que me fez parar enlevada em contemplação de uma das fisionomias mais espirituosas e mais simpáticas que o Passado legou aos nossos dias.

O *nez carré* de que ela fala nas suas cartas, e que tornaram célebre os seus contemporâneos referindo-se tantas vezes a ele, lá está, mas sem diminuir, antes acentuando o encanto da sua expressão. Os lindos cabelos penteados ao *nome dela*, (porque aquele penteado de corações que enquadra tão graciosamente o rosto feminino ficou sendo chamado à *Sevigné*) dão um característico especial à sua bela cabeça de juvenil matrona adorável. O bom humor, a graça gaulesa sorriem na boca espirituosa e finamente recortada.

A gente não se espanta, ao ver este lindo busto de mulher, de que o original inspirasse verdadeiras e ardentes paixões, e que até aos sessenta anos houvesse, não quem a requestasse à moda de Ninon ou de Catarina da Rússia, mas quem quisesse casar com ela, como quis o duque de Luines, que por sinal foi repellido.

Para mim, digo francamente, o *Museu Carnavalet* é Madame de Sevigné e não é mais nada. Este museu, extravagante contraste! está cheio de recordações revolucionárias. Lá está uma redução feita, creio que em pedra, da Bastilha, lá está uma galeria, por sinal detestável, de retratos dos vultos principais da revolução.

Por debaixo da fileira de retratos em que figuram Mirabeau, Robespierre e Marat, está a cadeira em que expirou Voltaire. A colocação pareceria propositadamente feita, senão fosse antes uma necessidade de simetria, pois que, encostada à mesma parede na outra extremidade da sala, está também a cadeira em que expirou Béranger.

Entre Voltaire e os homens da Revolução a afinidade é visível para o espírito, mas o pobre Béranger é que não vem aqui ao caso para cousa alguma, de modo que a intenção filosófica que eu à primeira vista atribui aos conservadores do museu ficou prejudicada pela segunda ideia que eles tiveram de colocar a cadeira de Béranger em simetria com a de Voltaire.

Uma conclusão apenas me atrevo a tirar: é que em França quem sai do vulgar morre *de cadeira*. Incomodíssima maneira de dar a alma ao Criador! Ainda bem que nem a Béranger posso aspirar, quanto mais a Voltaire; isto aumenta as minhas probabilidades de morrer deitada na própria cama, única maneira pela qual me apetece sujeitar-me à sorte comum de todos os mortais.

Não venho, já se vê, fazer uma descrição miúda do *Museu Carnavalet*. Além de não ter fixado tanta cousa que vi — e que vai desde os troços de ruínas e dos barros romanos achados em diversas escavações recentes ou antigas, desde truncados monumentos, ou fragmentários túmulos, pertencentes a épocas ainda anteriores ao domínio romano, até a centenas de relíquias da Revolução — não acho que isso seja suficientemente interessante para o leitor, a quem não posso comunicar impressões que não recebi.

Há, por exemplo, no *Museu* uma coleção enorme de caricaturas da época de Luiz Filipe, feitas, creio, que em barro. São hediondas. Tudo que teve um nome no reinado desse rei dos burgueses, burguês ele próprio dos pés até à cabeça, ali está representado sob uma forma que produz *cauchemar*, à força de irritantemente feia.

Lembro-me por exemplo de uma cousa que me impressionou: uma ordem autografa de Luiz XVI ordenando aos suíços da sua guarda que cessassem o fogo que estavam fazendo contra o povo. Ora, esta ordem — a última que ele assinou como rei — encerra nada menos que a sua abdicação e a sentença da sua morte e dos seus.

Acabada a resistência, o monstro jacobino pôde refocilar-se à vontade no sangue régio. Ninguém mais se levantou diante dele para obstar ao direito da sua vingança secular.

Tudo isso que em outro lugar e em outra ordem de ideias me produziria a maior impressão, ali aparecia-me inoportuno e deslocado.

Como aqueles objetos friamente classificados me pareciam estranhos ao tempo de febre de que eles são as relíquias, por assim dizer, mumificadas!... É preciso, para que certas recordações do passado nos “empolguem”, se apossessem ardentemente de nós, que as evoque a imaginação onipotente e criadora de um Michelet ou de um Carlyle! De outro modo, em vez de nos tornarem mais “vivo” o tempo a que se referem, parece que o recuam indefinidamente nos limbos do passado.

Um “museu” tira a vida aos objetos que encerra; não os conserva.

Assim como o processo de enterramento dos egípcios, criado em ódio à morte, concorre para tornar mais saliente a ideia da morte, assim também o desejo de conservar certas relíquias parece que lhes diminui a realidade no passado. É possível que eu exprima muito vagamente uma cousa que sinto sem a saber muito bem traduzir, mas o leitor inteligente, que tem visto muitos museus e tem talvez sentido esta mesma desconolação, compreende perfeitamente o que ela significa!

Repito, pois: o encanto do museu Carnavalet tirei-o eu de mim mesma, evocando naquelas frias salas que percorri, acompanhada pelo indispensável guia, as figuras que outrora as encheram de animação e vida.

Vi madame de Sevigné e o seu querido tio, o bom abade de Livri, que tão bem se saiu da educação da sua querida e inteligente pupila.

Pareceu-me escutar as finezas hiperbólicas, que à moda do tempo, Ménage e Chapelain, dirigiam cada um por seu lado à amável e gentil Maria. Ménage resolveu ensinar-lhe italiano e espanhol, e resolveu, o que é pior, apaixonar-se

loucamente por ela. O bom pedante perdeu, já se vê, o tempo e o feitiço que não era de amoroso, como igualmente o perdeu um homem que é o perfeito contraste dele, o cínico, o duelista, o *donjuanesco* Bussi Rabutin, que, depois de amar Madame de Sevigné, a odiou de morte, e depois de a odiar tornou a querer-lhe muito, encontrando-a sempre de pedra pura os seus transportes, mas capaz de apreciar o que havia de cintilante e cáustico no seu espírito, de intrépido no seu valor, de melhor no seu pouco bom caráter. Viúva com vinte e dois anos, e em uma corte licenciosa, em que ela própria se mostra cheia de estranhas indulgências para os pecados alheios — tudo passou por ela sem lhe macular de leve a fimbria do seu vestido branco.

Foi admiravelmente virtuosa, sem ser por isso implacável para as paixões que a cercam, e que fazem desse tempo um capítulo do mais acidentado romance.

Amiga extremosa de Fouquet, vê-se em riscos de sair levemente comprometida do processo do Intendente de finanças, em cujo cofre de galantes segredos se encontram cartas dela. No entanto essas cartas são simples pedidos em favor de um ou de outro protegido da marquesa, e se provam alguma coisa é a bondade, a generosidade do seu coração pronto a acudir e a valer. Se Fouquet guardava preciosamente esses bilhetes formalistas é porque talvez no coração do galante financeiro a formosa fisionomia de madame de Sevigné tivesse produzido uma impressão excepcional; mas isso não basta para comprometer uma mulher que as primeiras pessoas da corte, em influência e em virtude, protegem ardente e abertamente. Um dia Tonquedec, fidalgo da Bretanha, e o duque de Rohan-Chabot em casa dela, e por causa dela, armam uma espécie de briga que conclui por um encontro no campo, como todas as brigas daquele tempo. Nem por isso a fama de madame Sevigné sofre a mais leve arranhadura. Que culpa tem ela das loucuras e dos extremos que inspira a sua “razoável” e formosa pessoa!

O conde de Ludre esteve vai não vai a vencer as resistências misteriosas daquele coração de mulher que a precoce experiência da vida endurecera para o amor.

Mas, aquele asseio de arminho, aquele amor das cousas justas, retas e claras, que é em certas mulheres um preservativo eficaz contra os desfalecimentos da vontade, e o exclusivismo ardente do seu amor materno, salvam-na dessa tentação suprema, como a salvam do prestigioso amor de Turenne, da corte persistente do príncipe de Conti, do amor claro ou disfarçado de tantos entre os melhores, entre os mais queridos e os mais felizes em aventuras femininas.

No meio desse fogo que acende, a marquesa conserva-se alegre, calma, gostando das anedotas picarescas bem contadas, pronta a receber uma confidência escabrosa, contanto que lh'a façam com espírito e bom humor;

indulgente para o amor da sua maior amiga pelo duque de la Rochefoucauld, indulgente para as histórias mais ou menos salgadas que de todos os lados lhe veem aos ouvidos, dotada daquela filosofia tolerante que a mulher virtuosa tem como ninguém, porque sabe, como ninguém, o preço da virtude.

XII

Insensibilidade? Não de certo. Amor bem entendido de mãe, e medo talvez de sofrer mais do que sofrera já na sua curta experiência da vida conjugal, a que um duelo infeliz — e por causa de uma mulher — tinha dado fim.

Quem soube no amor maternal pôr tantos requintes de sensibilidade, tão intensa paixão, tanta vida, tanta abnegação, tão louco entusiasmo, o que seria em outra ordem de sentimento em que tais excessos são quase naturais? O que a salvou foi talvez o exagero da própria sensibilidade. Teve medo de si. Sondou-se e percebeu de que loucuras seria capaz, amando, aquela que da maternidade serena e calma soube fazer uma paixão tempestuosa. Tendo bebido na infância o amor dos grandes sentimentos à Corneille, de que a própria Mle. de Scuderi, a feiíssima Safo fez na sua obra vasta uma grandiloqua caricatura; iniciada pelos seus mestres Ménage e Chapelain nas extravagâncias grandiosas da literatura espanhola; tudo que provavelmente via em torno de si estava longe de corresponder ao seu ideal de sacrifício eterno, de inalterável constância. Daí, provavelmente, o seu propósito firme de se refugiar no amor materno, extraindo dele tudo que podia formar o alimento da sua alma exigente, ambiciosa.

Depois ela viveu em uma quadra e em um meio em que o papel de espectadora tinha o máximo interesse e podia satisfazer até mesmo um espírito como o seu. Tudo que a cercava era digno de atenção e de estudo. Tudo interessava, ensinava e dava ensejo para longas reflexões.

Em cima Luiz XIV — o Júpiter que ela viu sempre com olhos de adoração, de quase deslumbramento, olhos com que o seu tempo o viu também, com que a posteridade continuaria a vê-lo, se o desastre final de sua obra lhe não desse a sorte que tem sempre os vencidos, e se Saint-Simon não tivesse revelado ao mundo, com a sua espionagem genial, o monstruoso egoísmo, o acanhado espírito, a medíocre envergadura intelectual desse ídolo com pés de barro; — Luiz XIV que o amor divino e divinamente desinteressado da La Valière envolvera em uma nuvem de olímpico prestígio. Abaixo dele, — tudo nesse tempo ficava muito abaixo dele — essa adorável Henriqueta de Inglaterra, fina, branca, lirial, que a prematura morte embalsamada na eloquência sublime de Bossuet, e a vida cheia de graça, de encanto aristocrático e talvez de amor, transformaram na figura impregnada da poesia mais subtil daquele período

acidentado e romanesco. Em torno desses astros de primeira grandeza gravitam milhares de satélites de um brilho fulgurante e deslumbrador.

O amor e a guerra, como nos romances da cavalaria antiga, fazem dessa corte alguma coisa de excepcional na História do mundo.

A guerra já se vê, não como a faziam Frederico da Prússia ou Napoleão, mas a guerra pomposa que celebrou pomposamente Boileau; a guerra em que os banquetes, as festas, os bailes se entremeavam aos combates; em que um cerco durava longos meses, e cada marcha parecia uma cavalgada festiva...

Mademoiselle, a grande Mademoiselle, apaixonada por Lauzun chorava todas as lágrimas de seu corpo porque lhe não deixavam desposar o eleito do seu coração; a epopéia gentil das Longueville, das Chevreuses, das lindas e intrépidas heroínas da *Fronde*, andava ainda em todas as memórias e em todas as imaginações. Hoje era Luiza de la Valière a mais doce mártir de um régio amor de que reza a História, que depois de pedir humildemente perdão à sua rival coroada do escândalo que dera, fazia da cerimônia da sua consagração a Deus um destes acontecimentos palpitantes com que vibra uma geração inteira; amanhã é Montespan, a altiva Wasti, a sultana majestosa que toma posse do seu lugar de favorita com um impudor, uma soberba, uma pompa teatral, que escandalizam, que emocionam, que fazem trabalhar as penas todas da corte em *comptes rendu* mais ou menos pitorescos, mais ou menos eloquentes...

Depois as guerras entre os Jesuítas e Port-Royal; a luta teológica entre Fénelon e Bossuet; o aparecimento de uma tragédia de Racine; a publicação dos *Caracteres* de La Bruyère; as *Máximas* do Duque de Laroche-foucauld; o livro de Madame de La Fayette; um sermão do Père Bourdaloue; um conto de La Fontaine; os acontecimentos os mais sagrados e os mais profanos, as leituras mais edificantes e as mais gaiatas, os incidentes mais cômicos e os mais trágicos — tudo se sucede, tudo se entrelaça, fazendo da existência um espetáculo tão alegre, tão variado, tão divertido, tão interessante, tão *atordoador*, que fácil foi a Madame de Sévigné resinar-se a não pôr na sua própria vida interesses dramáticos, que outros se encarregavam de fornecer-lhe em profusão.

Basta a curiosidade para encher a existência, disse algures Fontenele. Esta *máxima* de egoísta acha-se justificada pensando na vida de madame de Sévigné.

Onde há espírito mais eminentemente *curioso* no sentido elevado e espiritual da palavra do que o desta eminente e deliciosa personalidade feminina?

Ela tem a curiosidade inteligente de todos os fenômenos de ordem moral e intelectual. Interessa-a o espetáculo das paixões humanas e achou um teatro perfeitamente adequado ao gênero de observações que mais a divertem.

A corte de Luiz XIV, antes que madame de Maintenon tivesse desdobrado sobre ela o véu de hipócrita devoção em que tão cautelosamente se embrulhara, é tudo que há de mais próprio a interessar, a apaixonar um observador, um moralista como Madame de Sévigné.

Moi qui aime tant à faire des reflexions, esta frase vem mil vezes nas suas adoráveis cartas. E que assunto sempre vivo, sempre palpitante para reflexões não é essa corte, onde tudo que as paixões humanas têm de mais ardente, de mais insaciável, de mais característico, de mais desordenado, se manifesta sob os mais variados aspectos e nas formas mais pomposas...

O amor sem outra lei que não seja a inconstância e o capricho; a ambição sem outra restrição e outro limite que não sejam os que fatalmente lhe impõe a fraqueza humana; a inveja, a soberba, a cobiça mais desenfreada, o orgulho ao mesmo tempo mais feroz e o mais cheio de aberrações inexplicáveis, orgulho que principalmente se compraz nos excessos mais abjetos do servilismo — e todos estes diversos sentimentos, uns simples, outros complexos, uns harmônicos, outros contraditórios, manifestados através de caracteres em que há ainda relevo, contorno acentuado, individualidade inconfundível, energia pessoal.

Pode haver espetáculo mais digno de interesse, contemplação que sem talvez elevar o espírito o divirta e o instrua mais?

Não é, porém, o jogo complicado, brutal ou subtil do interesse e das paixões pessoais, o único objeto de estudo para o espírito de madame de Sévigné. Ela tem uma vasta leitura, uma aptidão para se interessar pelos estudos mais áridos, quase maravilhosa.

Quando a vida em Paris a cansa, quando a sociedade habitual do seu salão começa a enfastiá-la um pouco, quando as graças de monsieur de Coulanges, a extrema amabilidade de d'Haqueville (o qual é tão extraordinariamente serviçal e de tal modo se multiplica para satisfazer os seus amigos que lhe mereceu a ela a alcunha de *Les d'Haquevilles*) lhe parece um tanto maçadora, quando a gota de M. de La Rochefoucauld o faz dar gritos que lhe excitam demasiadamente a sensibilidade, quando Le Père Bourdaloue a tem fatigado de predicas, quando enfim o *meio* habitual em que ela se move tem perdido, pela continuação, um pouco do seu interesse e da sua novidade, quando as salas que ela frequenta e das quais é o querido adorno mais precioso e raro, não oferecem assunto

nenhum que a satisfaça, quando a corte está em uma fase de sensaboria estacionaria, sem incidentes e sem dramas, ei-la que parte para Livri, ou para os *Rochers*, e aí na paz deliciosa do campo, que ela e La Fontaine são no século XVII os únicos a *sentir*, passeia sozinha debaixo das árvores, ouve o rouxinol, o cuco, e *la fauvete*, saboreia a graça primaveril do arvoredo em flor, e consagra a noite a longas leituras em que há de tudo, Tasso, Cervantes, Descartes, Racine, La Fontaine, até Horacio, porque a encantadora marquesa sabia latim e até o ensinou à filha.

O que mais célebre torna diante da posteridade Me. de Sevigné, o seu amor pela filha, é a maior prova de quanto pode a ilusão sobre um cérebro, sobre um coração de mulher! Me. de Grignan, *la plus bele file de France*, como lhe chamavam os que queriam por uma tocante atenção lisonjear o coração da mãe, não é realmente digna por motivo nenhum da adoração que inspira. Pedante, interesseira, ambiciosa, gastadora, ingrata sobretudo, ingrata para essa mãe adorável cujo crime único foi preferi-la em tudo ao irmão, Carlos de Sevigné, tão simpático quanto ela é antipática, tão dedicado quanto ela é egoísta, tão apaixonado pelas graças, virtudes e encantos da mãe, quanto ela parece ser-lhes indiferente, Me. de Grignan tem por única virtude a de ter inspirado essas deliciosas cartas, em que um período longo e interessantíssimo da História se reflete com incomparável vivacidade, com uma frescura, um pitoresco, uma animação que jamais serão excedidos.

No final da minha visita ao museu, quando eu tinha achado prazer infinito em evocar estas visões do passado, e muitas outras que não podem caber no limitado espaço destas notas, o guia que não sei porque tinha simpatizado comigo e com meu amável companheiro, decidiu de si para si que nós éramos dignos de ser apresentados ao conservador do museu, Monsieur Cousin, que não sei se é parente do celebrado filósofo do ecletismo.

Levou-nos, pois, a um gabinete reservado onde nos esperava uma encantadora surpresa. Monsieur Cousin vive fechado em uma pequena sala, furtada a todas as vistas profanas, imaginem com quem?

Com madame de Grignan! Não madame de Grignan em carne e osso, que isso não seria no fim de contas uma companhia por demais preciosa. Imagino que a convivência de *la plus bele file de France* não era tão agradável que a própria mãe, idólatra como era, não preferisse viverem em casas separadas, quando madame de Grignan vinha a Paris tratar das suas inúmeras demandas, e discutir com juízes, advogados e procuradores como uma verdadeira *madame Pimbêche* que era.

Não, a maneira por que madame de Grignan se achava representada naquele gabinete escondido, era por meio de um esplêndido retrato de Mignard. A filha da encantadora marquesa aparece ali formosíssima. Cabelos de um louro fulgurante, veneziano, o louro de Ticiano, ou de Palma Vecchio; pele branca, transparente, através da qual se sente girar um sangue vivo e puro, olhos azuis de uma beleza profunda e rara, penteado levantado na frente e voluptuosamente entrelaçado de rubras flores de romeira e de flores brancas de laranjeira.

No peito, completamente decotado, um ramo viçoso das mesmas flores.

— Flores de Provença, fez-me notar Mr. Cousin, com aquela nota carinhosa na voz, que revela o namoro de u velho sábio, o namoro que o seu homônimo Cousin teve pela duquesa de Longueville e pela de Chevreuse!

— Flores do meu Portugal, atalhei eu, que ao vê-las tivera tanta saudade do meu pequeno país longínquo.

Se a minha antipatia a Me. de Grignan não fosse fundada e irreduzível, tinha-a destruído de certo este adorável retrato que a representa verdadeiramente formosa, e o que é mais, sedutora! retrato que, apesar de ser de Mignard, parece feito na maneira ampla e superior dos grandes mestres.

Assim a viu o pintor, assim a viu sua mãe, assim a vê em pensamento e feliz enlevo o velho conservador, que se fechou com ela em um quarto e que a não deixa avistar se não a raros profanos!

O meu passeio pelo Museu Carnavalet mais me confirmou na eterna ironia das cousas grandes ou pequenas!

Não posso deixar de confessar que, tirando as minhas evocações íntimas, a melhor impressão que de lá trouxe, deu-m'a o retrato da minha *inimiga pessoal*.

XIII

Uma das horas mais comovidas da minha vida foi aquela em que entrei nos *Inválidos* para ver o túmulo de Napoleão.

Sei bem que é esta uma excursão obrigada aos viajantes da agência Cook, aos *touristes prud'homescos* da província, aos *badauds* de todas as origens, procedências e classes.

Mas terão esses porventura suficiente poder para banalizar uma figura como a do Imperador?

Depois, eu fui criada por uma mãe entusiástica de glória, no culto quase fanático de Napoleão.

Para mim ele nunca foi, como para os meus compatriotas do princípio do século, o *ogre da Córsega*, o monstro pior que Nero e Calígula. Pelo contrário. As manchas do seu caráter só muito mais tarde a história m'as fez conhecer. Na minha mocidade não me falavam senão nos esplendores da sua fama e nos prodígios da sua heroicidade.

Tantas mudanças têm passado pela França desde que, em uma ilha solitária e longínqua do Oceano, o grande homem expirou, renegado e abandonado por todos os seus, que eu receava encontrar lá muito esmorecida a sua memória, muito apagados os vestígios de sua passagem.

Enganei-me. A lenda napoleônica ressuscita com insólito vigor nessa França de que ela foi a glória última e inultrapassável!

Havia nessa ocasião justamente em Paris a exposição dos quadros de Meissonier, e essa exposição admirável dominavam-na dois quadros, que nunca mais podem ser esquecidos depois de uma vez terem sido vistos.

O primeiro quadro intitula-se *1807*. É Napoleão depois de *Friedland*, triunfante, glorioso, aclamado.

O Imperador ainda magro, esbelto e sóbrio, monta o seu lendário cavalo branco, rodeia-o um estado maior de marechais deslumbrante e numeroso, a cada título dos quais esta ligado um nome retumbante de batalha e de glória; os seus granadeiros admiráveis, a sua velha guarda fanatizada e invencível aclama-o em gritos que positivamente se *ouvem* na tela palpitante de Meissonier.

É o momento culminante da epopéia grandiosa. Sobejam os assombros, os crimes aparecem num esplendor de púrpura que lembra menos a cor do sangue do que a cor da aurora!

A tirania já se revela em mil sintomas da vida do conquistador e da vida do imperante. Os povos já perguntam num brado ululante de angústia em nome de que direito derrubam os seus tronos tradicionais e lhe invadem os seus lares pacíficos!

Mas ah! mais forte do que esse gemido desolado das nações invadidas, mais forte do que o choro convulso das mães a quem arrancam continuamente os filhos, os mais belos e os mais fortes, — é o clangor bélico do clarim que avisa a

França da suas vitórias incontáveis! Lodi, Arcole, Rivoli, Marengo, Lena, Austerlitz, estão em todas as bocas, produzem em todos os cérebros o assombro, o respeito, o entusiasmo!

O segundo quadro — 1814 — é a retirada, é a derrota, é a melancólica derrocada do sonho gigantesco e sobre-humano.

O herói vem cansado, abatido e triste. Cavalo, cavaleiro, cortejo militar, paisagem circundante, tudo respira a mesma desolação e o mesmo abandono!

A velha guarda ficou sepulta nos gelos da inóspita Moscou; os marechais cansados, são os mesmos que vão aceitar, sugerir a *déchéance* próxima...

Entre um ano, o da glória soberba e única, e outro, o da derrota universal, quantos crimes de lesa-nação, de leso-direito, até de leso-entendimento. Napoleão acabara por sentir aquela embriaguez dos Césares que os atirava ao crime e à loucura em virtude de uma atração irresistível e fatal.

Vencera todos e perdera o segredo indispensável de se vencer a si próprio. Daqui a ruína, daqui, depois da tragédia de Waterloo, o suplício *prometeano* de Santa Helena!

Bastavam estes dois quadros para dar a Meissonier o lugar eminente que ele tem entre os pintores franceses. Acusam-no de ser minucioso em demasia, de ter uma concepção acanhada da arte, de dar muito mais atenção aos pormenores que à estética geral da sua obra; mas estes dois quadros desmentem todas as acusações que lhe fazem os seus detratores. Meissonier compreendeu a verdadeira grandeza, a grandeza épica, a que inspirou Homero e Camões; a que faz ainda hoje palpitar os frios corações desta era de industrialismo e de interesse egoísta.

O herói que ele ali nos representa, tanto na hora estonteadora do triunfo, como na hora trágica da derrocada, é o mais importante dos *grandes homens*, no dizer de Carlile, o que vale mais que todos os outros, porque é aquele a quem a vontade de todos se subordina em um ímpeto de lealdade e adoração.

Eu tinha visto, havia pouco, os dois quadros famosos de que não posso nem sei descrever o interesse, a expressão, a intensa vida sugestiva, quando fui visitar nos *Inválidos* o túmulo de preciosa pedra, em que as cinzas de Napoleão estão guardadas.

Lá está ele cercado por doze silenciosas estátuas de mármore que simbolizam vitórias, e de bandeiras crivadas de balas que seu exército conquistou.

Não houve nada de banalmente curioso na minha visita; era uma romaria piedosa feita a um ídolo da minha mocidade, à única figura grandiosa que a idade moderna pode apresentar em face das grandes figuras antigas que se chamam Alexandre ou César.

Em toda a parte o tenho visto; a sua figura que participa da Lenda e que é da História, protege ainda a França como uma divindade tutelar contra a onda da *mediocracia* que avança. Nesse país onde hoje apenas soam reles nomes de reles *politiqueiros*, ecoa a pequena distância um nome que vale mais que todas as outras glórias modernas. Que valem Frederico II ou Pedro o Grande, que vale Luiz XIV, que valem Condé ou Turenne ou Luxemburgo, que valem Colbert ou Vauban, que valem Guilherme de Orange, ou Malbourough, que valem Wallenstein ou Carlos XII ao pé deste homem estranho, homem do destino, que reuniu em si, a todas as qualidades brilhantes do guerreiro, as qualidades solidas do administrador; que foi legislador e soldado, que dominou e venceu a anarquia, que levou através do mundo inteiro, do Sena até ao Neva e do Tejo até ao Vistula a ideia da Revolução, de que ele foi a fórmula tangível, o profeta feito homem, a representação concreta e o visível símbolo?!

É por isso que só na Antiguidade se encontram dois homens cuja missão excedeu em importância universal aquela que Napoleão representou na História, e que esses dois homens são Alexandre e César.

As campanhas de Alexandre tiveram no desenvolvimento intelectual da Grécia e do mundo uma influência enorme e decisiva:

Não é para mim falar das maravilhas estratégicas dessas campanhas, das quais uma manobra célebre foi genialmente reproduzida por Napoleão em Austerlitz; mas o que interessa à humanidade inteira e por mim pode ser lembrado, é a impulsão gigantesca que a inteligência do homem recebeu quando o gênio grego foi pela primeira vez profundamente penetrado pelo gênio do Oriente, quando os capitães e os soldados da guerreira Macedônia venceram o amolecido império persa, e caminharam desde o Danúbio até ao Nilo, desde o Nilo até ao Ganges, vendo cada dia cousas novas, sentindo cada dia impressões e sugestões até ali desconhecidas; quando eles estremeceram ao sopro gélido que vem dos países que se alastram ao longo do mar Negro, e foram quase que asfixiados, pelo *simoun* ardente, pelos vendavais de areia dos desertos do Egipto; quando se assombraram diante das Pirâmides que tinham resistido a vinte séculos de velhice, e interrogaram em vão os obeliscos de Luqсор cobertos de indecifráveis hieróglifos, e as longas fileiras de esfinges mudas, misteriosas exalando de si o pavor de um símbolo inexplicado! quando admiraram as estátuas colossais de reis que na aurora do mundo haviam vivido e reinado, e se assentaram nos salões de Esar Hadon sobre os tronos dos velhos reis da Assíria

que enormes leões alados estavam sombriamente guardando havia séculos e séculos...

À Grécia revelaram-se então noções do Universo que ela ignorava; maravilhas estranhas de uma civilização que não fora feita como a sua de proporção e de harmonia, mas que esmagava pela grandeza, e que se impunha pela força colossal.

Pela Ilíada e pela Odisseia se percebe que observadores eram os filhos subtis da alada Grécia.

Tudo que eles então viram e estudaram foi aproveitado mais tarde nas formas de uma civilização nova, misto do que a helênica teve de mais belo e a oriental de mais grandioso.

E que sensações deliciosamente novas lhe não daria essa paisagem que eles então conheceram e na qual havia de tudo, desde os areais sem fim até aos Jardins do Indústão; desde as miragens do deserto até às densas sombras das florestas profundas; desde as montanhas cuja crista se ia perder no seio das nuvens, até às redondas colinas esbrumadas em névoa de um ténue cor de rosa; desde o tigre real de salto felino e ondiante e o elefante que em Arbele fazia tremer a terra sob o peso gigantesco do corpo desforme, até ao rinoceronte e o hipopótamo, o camelo, e o crocodilo, do Nilo e do Ganges; dessa paisagem em que as árvores eram palmeiras e tamarindos, oleandros e verdes mirtais; em que os homens tinham todas as cores e todos os trajas; em que ao Persa acobreado sucedia o Sírio queimado do sol, e o Africano cor da noite...

Tudo isto era um encantamento e uma surpresa, tudo isto continha e incluía em si resultados que assombraram o mundo.

Os conhecimentos exatos, as noções verdadeiras e positivas acerca do universo, podem bem datar-se das campanhas famosas de Alexandre. Foi então que se fez essa união fecunda e miraculosa do espírito helênico e do espírito oriental, a Índia, a Pérsia, a Babilônia, continham em gérmen Alexandria e as suas escolas, os Árabes e a sua civilização efêmera mas deslumbrante...

Quanto a César, esse latinizou, romanizou o mundo até então descoberto; tornando possível a sua posterior cristianização.

Sob o cetro dos Imperadores o mundo tinha-se feito romano, e dali veio que sob o báculo dos primeiros Bispos ele pôde fazer-se cristão. Não havia já nem raças que mutuamente se dilacerassem, nem religiões que umas às outras se contradissem, nem tribos que entre si se combatessem... O Império novo

estava maduro para receber o batismo de uma só religião, à qual as hordas bárbaras viriam sucessivamente submeter-se...

É ainda, por isso mesmo, que os que hoje veem na História a lógica sucessão de causas e de leis produzindo a lógica sucessão de fenômenos que são resultados, veem em Napoleão a força ao serviço da ideia, o instrumento de uma grande transformação social obedecendo a uma missão superior, e cumprindo-a de uma forma perfeita. A Revolução francesa sem Napoleão, não chegaria a ser um fato histórico, igual nos seus efeitos à proclamação do cristianismo, superior nas suas intenções à Reforma do século XVI.

Essa Revolução hoje tão caluniada pelos mesmos que lhe gozam os resultados definitivos e os efeitos niveladores e libertadores, acabaria, a não dar-se o aparecimento fatídico de Napoleão, em uma anarquia ensanguentada da qual nem um princípio se salvaria talvez. Napoleão saído do meio da turba, como que encarnando em si a alma do povo, liberta da sua escravidão secular, fez da Revolução um fato, um fato irreduzível, contra o qual nem a mais reacionária vontade pôde nada. Em primeiro lugar ele formulou em leis, as doutrinas revolucionárias; o seu código civil tem resistido a todas as mudanças de regime político que há setenta e oito anos tem convulsionado a França à superfície, sem terem contudo alterado a sua constituição civil e o seu regime de propriedade; depois ele fez de uma Revolução local, que tinha por origem primeira os abusos financeiros, uma Revolução universal que levou o mundo a um dos períodos decisivos da sua marcha progressiva, e que transformou completamente a organização social de toda a Europa moderna.

Os seus exércitos assoladores como eram, e não os defenderei mesmo contra os que lhe chamam as hostes de Atila, os seus exércitos semearam, sem o saber, sem o querer talvez, a semente da liberdade por toda a parte onde levaram o lema da usurpação e da tirania. Eles passaram, e sob os pés dessas legiões terríveis que espalhavam o assombro e o pavor, ergueram-se por encanto instituições novas, e os povos readquiriram a dignidade e a liberdade, ambas perdidas na abjeta subserviência ao despotismo sem grandeza das modernas dinastias.

XIV

As belas teorias otimistas dos doutrinários que haviam proclamado os *Direitos do homem*, a Igualdade, a Liberdade e a Fraternidade, a bondade inata da espécie humana, o retrocesso à boa Natureza, o Culto da razão humana como a religião melhor e a mais infalível, tinham produzido, ninguém sabia em virtude de que sortilégio hediondo, uma horda de frenéticos canibais, devorando-se uns aos outros com delícia selvagem e requintes de ódio e covardia, ao pé dos quais

empalideciam as descrições que o passado nos legou das suas piores tragédias.

Ninguém atinava como de tão puras premissas tinham saído tão horrendos resultados; ninguém podia explicar como do bem se gerara tanto mal, como do progresso das luzes se tinha feito tão negra escuridão, porque motivo intenções tão sublimemente generosas tinham produzido tão monstruosos e contraditórios efeitos.

A primeira embriaguez da liberdade sem restrições e sem limites, produz sempre no homem esta demência má. A História assim o diz, mas nesse tempo era apenas uma restritíssima minoria, a que sabia ler a História e colher as suas lições.

Imagine-se que Napoleão não tinha então surgido; que depois da orgia de sangue que se chamou Terror, e da orgia de lodo e vinho e que se chamou Diretório, não se erguia, mais alto que qualquer individualidade e qualquer instituição, essa força disciplinadora, organizadora dos partidos internos, subjugadora dos inimigos estranhos, tão poderosa, tão eficaz, tão capaz de querer, tão profundamente inimiga da anarquia mansa, que dissolve as nações e da anarquia brava que as esfacela.

A reação mais desbragada e mais insólita tomaria então conta da França, que nesse momento decapitada, mutilada, exangue e cética, não achava dentro de si nem uma energia redentora, nem uma crença ativa, nem uma só fibra que não estivesse morbidamente combalida.

O sublime esforço de tantos gênios humanitários seria por um longo período, que hoje não podemos calcular com acerto, inteiramente perdido; da Revolução restaria apenas a memória dos seus inexpiáveis crimes. E porque havia rolado nos degraus da guilhotina a bela cabeça precocemente embranquecida de Maria Antonieta, e porque o pobre e burguês e inofensivo Luiz XVI tinha expiado, como quase sempre sucede em política, os erros e as faltas dos seus antecessores, acontecia que Montesquieu, Voltaire, Rousseau, Turgot, Condorcet teriam pensado, escrito, meditado, trabalhado em vão.

Quem é que seria capaz de pacificar os partidos exasperados a não ser esse homem superior a todo o seu tempo, superior à sua raça, e que pôde congrega no mesmo fim: — fazer grande e gloriosa a pátria comum; — os vencidos e os vencedores, os regicidas e os ex-emigrados os que tinham escapado por milagre às proscricções jacobinas e os que as tinham decretado, Fouché e Talleyrand, os filhos da antiga aristocracia espoliada, e os triunfantes espoliadores que estavam na posse do que fora dela?...

E dessa aglomeração de interesses contrários, de ambições que se excluía, de classes que eram antagônicas por instinto e por circunstâncias, de adversários que se odiavam mutuamente, quem tirou a França poderosa, afirmativa, unificada pelo mesmo código de justiça, enriquecida pelo mesmo regime de propriedade, tendo conquistado a igualdade civil para todos os seus filhos, vendo abertas todas as carreiras para as individualidades que se distinguiram no seu seio, consolidadas todas as conquistas, enfim, dessa liberdade que ameaçara suicidar-se, envenenando no seu sangue aqueles que dele haviam sonhado nutrir-se?

É este o papel cumprido por Napoleão na História, é esta a sua missão na França; como foi sua missão no mundo espalhar, propagar os princípios da Revolução que ele, sem talvez o querer, representava como ninguém!

Os que o julgarem mais tarde não de julgá-lo assim, e não de perdoar ou escurecer, como sucede com César, como sucede com Alexandre, os seus erros e defeitos pessoais, os quais, feito o balanço final, que só o futuro fará, foram talvez mais úteis do que nocivos, porque contribuíram para o inutilizar no momento em que o seu papel deixava de estar em estreita harmonia com as circunstâncias que necessitaram a sua cooperação.

Ultimamente, porém, desenvolveu-se no mundo a febre de atacar ou defender o caráter pessoal de Napoleão em *memórias* numerosíssimas, em folhetos, em livros de história, em panfletos, em ensaios críticos, etc., etc.

Quem deu o *branle* a este movimento bibliográfico extravagante, que tem como herói Napoleão, foi Taine em um dos seus volumes sobre as *Origens da França Contemporânea*, em que traçou do grande homem um retrato, por todos conhecido hoje, retrato à Rembrandt, cuja beleza magistral não fere à primeira vista senão os verdadeiros entendidos, quer dizer os psicólogos e os observadores e moralistas.

Taine para desenhar Napoleão serviu-se do seu velho processo de documentos miudinhos justapostos, que não é de certo o mais interessante para o grosso público. Interrogou as testemunhas oculares, os criados, as damas de honor da Imperatriz Josefina, as pessoas que mais ou menos estiveram na intimidade e no contacto direto de Napoleão. Ora, é bem sabido *que não há grande homem para o seu criado de quarto*, mas ainda assim Napoleão excede tanto a craveira comum e Taine sabe de tal modo vivificar os mortos documentos com que forma o seu *dossier* de investigador, a sua imaginação auxiliou-o de tal modo, indo procurar nos *condotieri* do século XIV e XV, como Stendhal já fizera antes dele, os antepassados cuja influência hereditária e atávica, se fez sentir com tão

pitoresco relevo no grande aventureiro do século XIX — que mais contribuem para a grandeza de Napoleão as acusações de Taine, que os elogios de mediocridades incapazes de entenderem a verdadeira grandeza.

Já se vê que um homem como Napoleão não pode ser julgado pelo nosso código moral. O seu potente cérebro, o maior de certo que a determinados respeitos tem havido no mundo, não se deixa subordinar pelas leis fatalmente restritas, pelas quais a simples humanidade tem de reger-se para mutuamente se suportar.

A sua imaginação portentosa põe-no continuamente a dois passos do crime ou da loucura; as suas paixões indômitas não conhecem regra, como não conhece obstáculos a sua vontade inflexível.

É em virtude destas faculdades extraordinárias que ele é capaz de executar cousas que os outros nem em sonhos ousariam conceber.

Não admira que as *memórias* do tempo lhe sejam muitas vezes contrárias. Ele teve de subjugar muitas vontades, de se contrapor a muitas ambições, de humilhar naturalmente muitas vaidades, de excitar muita inveja e muito despeito, para que os seus contemporâneos mais íntimos sejam capazes de perdoar-lhe a grandeza excepcional de um destino que a todos ofuscava.

Mas o que ninguém pode negar-lhe é o poder singular de sedução que o seu sorriso irresistível, que o seu olhar de águia exerciam. Venceu e dominou todos os que se lhe aproximavam, e os próprios imperantes, seus inimigos, receberam, ao contacto daquela grandeza simples que o distinguia, o choque elétrico que se comunicava fatalmente da alma dele às almas com que a sua estava em contacto.

O retrato de Taine indignou, porém, apesar da sua incontestável beleza artística, apesar da sua expressão intensa de vida, dos toques *humanos* que o fazem palpitar, os adoradores de um Napoleão imaginário, todas as virtudes burguesas de família, e clemência de *Moral em ação* e um escritor francês para mim desconhecido, o Sr. Artur Levi, acaba de publicar um grande volume com o fim de contrapor o verdadeiro Napoleão, o que ele chama *Napoleon intime*, ao terrível grande homem descrito por Taine, e de contradizer o crítico francês em todas as suas asserções acerca do caráter pessoal do Imperador.

Ora, o *Napoleon intime* do Sr. Artur Lévi é a mais falsa personagem histórica que pode imaginar-se, embora seja todo ele composto, como um mosaico laboriosíssimo, de pedacinhos de cartas escritas por Napoleão, e de pedacinhos de documentos de uma autenticidade incontestável.

O que mais irrita o autor do *Napoleon intime* é a hereditariedade italiana, que Taine tão logicamente lhe atribui. *Um burguês francês dos quatro costados e com todas as virtudes médias e as qualidades medíocres da burguesia francesa* eis o que o Sr. Levi pretende fazer do herói das Pirâmides e de Austerlitz e de Arcole e de Wagram!...

Sobre o túmulo de soberba pedra moscovita, que a piedade de nacionais e estrangeiros visita quotidianamente em venerável recolhimento, poder-se-ia escrever segundo o critério do Sr. Artur Levi, o que sobre a sepultura de um burguês de 1830 mandou gravar a família consternada:

Bom esposo, bom pai, bom filho e bom guarda nacional.

Napoleon intime está escrito, é verdade, com grande copia de referências, de citações e documentos. Em primeiro lugar, documentos e citações truncadas nada significam. Depois, quando muito, eles poderiam provar que uma das faces do múltiplo caráter de Napoleão era essa que o Sr. Artur Levi quer apresentar como predominante: isto é, uma certa fraqueza, que é frequente nos seres superiores para o seu *entourage* mais íntimo, para a família, para a mulher, para os amigos, sempre que os amigos lhe não resistiam.

O herói de mil batalhas desde as campanhas da Itália e do Egito até essa admirável campanha de França, a de mais superior estratégia, segundo asseveram entendidos; o organizador, o administrador, o general extraordinário em cuja visão se gravava toda a topografia de um país, com os seus acidentes de terreno, os seus vales, e montanhas, os seus recessos, as suas planícies, os seus pontos mais fracos e os mais fortes, e que fazia dessa ciência rara a aplicação mais genial e a mais prática; o homem de mil ocupações simultâneas, que deslumbrava, pasmava, esfalfava os seus colaboradores subalternos; o violento, o apaixonado, o teimoso, o tirano; o organismo de uma delicadeza de impressões, de uma violência de impulsos, de um apuro de sensibilidade excepcionais; o que sugeria milagres e os fazia; o que subjugou e seduziu uma nação inteira; a figura, enfim, *única!* em toda a História moderna, que foi Napoleão, nem por um momento transparece nas páginas de uniforme e banal elogio que o Sr. Artur Levi lhe consagra laboriosamente.

Napoleão antes queria, de certo, esse retrato às vezes de um cru realismo de toques, que Taine lhe consagrou, do que o monótono panegírico deste seu incomodo admirador.

Aquele que eu fui ver aos *Inválidos* é talvez o Napoleão de Taine, o do Sr. Levi, oh! esse é que afirmo com a infalibilidade da minha intuição de mulher, que não é de modo algum.

SEGUNDA PARTE

O FIM DO PAGANISMO (Gastão de Boissier)

A literatura francesa da atualidade é pouco abundante em obras fundamentais de ciência ou de história, embora conte no seu seio dois dos historiadores mais brilhantes dos modernos tempos Renan e Taine. À exceção, porém, destes dois grandes espíritos, que devem as linhas principais da sua educação intelectual à Alemanha e à Inglaterra e nos quais são profundamente sensíveis essas influências estranhas — pode dizer-se que a grande geração dos Michelet, dos Quinet, dos Auguste Comte não deixou herdeiros capazes de nobremente a representarem.

Continua, porém, a escrever-se muito em França, e como as qualidades eminentemente sociáveis desta nação privilegiada a tornam apta para o seu grande papel de propagadora, de educadora dos espíritos, pode bem acrescentar-se que nós os europeus do Ocidente quase tudo que sabemos, o sabemos passado pelos livros da França.

Ou traduzidos para francês ou assimilados pelo espírito da França, é por esse caminho que nos chegam todas as grandes ideias mais ou menos novas, elaboradas ou transformadas pela raça anglo-saxônica, pela raça germânica, ou pela raça eslava.

Eu por mim lamento infinitamente que em Portugal a literatura inglesa por exemplo seja tão incompletamente conhecida. Tenho achado tantas vezes um gozo incomparável na leitura de escritores ingleses, que não posso deixar de sentir que esse intenso prazer intelectual não seja mais universalmente partilhado. E é-o tão pouco que há tempos uma amiga minha — muito instruída e *grã ledora* por sinal — me afirmava ter ouvido a um *homem de Estado* português, ministro, e não sei que mais, se mais alguma coisa pode haver que ministro, na opinião *imparcial* de quem o é, — afirmar audaciosamente que para provar a inferioridade mental da Inglaterra bastava dizer isto: *é que a Inglaterra não tinha uma literatura!*

Que a pátria que viu nascer desde Chaucer e Spencer, até Shakespeare, Milton e Byron, desde Bacon até Herbert Spencer, desde Adisson até Macaulay, desde Richardson até Georges Eliot, desde Bunyan o inspirado da Religião até Carlile o inspirado da História — perdoe as heresias do jovem estadista, meu compatriota, cuja ignorância me parece o estar realmente predestinando para governar e dirigir a nossa metafórica Nau do Estado, por muitos anos e bons.

Vinha tudo isto a propósito de eu ter hoje, contra o meu costume, de apresentar um livro francês tão erudito, tão profundamente e facilmente elaborado, tão cuidadosamente feito sobre documentos autênticos, como se o firmasse o nome de um inglês estudioso, ou de um sábio alemão.

O livro, chama-se *O fim do paganismo* e deve-se à pena autorizada e seria de Gaston Boissier da Academia Francesa, grande e sincero cultor da antiguidade latina e autor de obras muito importantes sobre a história das letras clássicas.

A obra é enorme. Tem dois volumes maciços que tratam unicamente de assuntos estreitamente ligados ao seu título, mas apesar disso lê-se com imenso agrado, porque é profundo sem ser pedante, é vivo sem ser desordenado e está escrito com um sentimento intenso e profundo da época que o inspirou.

Essa época é aquela em que as últimas lutas religiosas se travaram no Ocidente entre o Paganismo que expirava e o Cristianismo que irrompia ardente, impetuoso, tímido de seiva, cheio de um longo futuro das entranhas fecundas da humanidade.

Abre com o século IV pela conversão de Constantino, isto é, pela cristianização do Império Romano, e fecha com a invasão dos bárbaros e com a destruição desse Império assombroso, que até às vésperas da sua completa aniquilação fez o espanto até daqueles mesmos que mais sofreram dele, e que não podiam crer que ele fosse destruído!

Já se vê que nos é impossível em um artigo, ou mesmo em uma série de artigos, resumir este trabalho que representa longos anos de estudo e de paciente investigação; que reflete a leitura aturada do mais enfadonho e difícil de todas as literaturas, a da igreja primitiva e a de Roma decadente.

Não queremos, porém, deixar de anunciar este livro àquela classe de leitores que amam sinceramente o estudo, e principalmente o estudo da história, um dos mais atrativos, um dos mais interessantes que existem no mundo, porque é um daqueles que sugerem mais variedade de pensamentos e mais extensa série de impressões intelectuais.

A que logo se destaca desta obra monumental de que tivemos a paciência de ler atentamente as mil e tantas páginas é esta: Como nas mais diversas épocas, os homens, tendo atingido um certo grau de civilização, se parecem entre si!...

Quantas semelhanças frisantes, que identidade de pontos de vista encontramos entre os homens que figuraram no IV século da nossa era e os homens de hoje!

Não admira, porém, isso tanto, logo que pensarmos que há bastantes semelhanças entre a fase de civilização que atravessamos e a desse século que assistiu ao esfacelar de um imenso império, ao fim tragicamente melancólico de uma religião, à transição violenta e brutal na distância, mas menos violenta de fato do que a imaginamos, de um regime para outro que lhe era totalmente oposto.

Não é por uma história sistematicamente escrita, cronologicamente ligada pelos fatos, que Gaston Boissier nos inicia nessa quadra tão afastada de nós.

O autor preferiu um método muito mais cativante e talvez um pouco menos difícil.

Traça quadros diferentes e livros completos em si. Forma como que uma galeria de figuras típicas, cuja influência se tenha feito sentir pela sua obra escrita ou pela sua ação direta sobre os contemporâneos.

Escolhe aqueles que deixaram um nome célebre e analisa-lhes os livros, as cartas, as poesias, etc. etc. Pede à história do tempo que lhe forneça os seus documentos mais incontestáveis e reconstrói com eles ou uma fisionomia de Imperador ou uma figura de Poeta, ou uma venerável e grandiosa imagem de Bispo ou de Doutor da nascente igreja.

Constantino, o imperador convertido, Julião, o imperador apostata, são dois estudos de alto interesse histórico e psicológico. Em ambos, o autor vê dois convertidos, dois fanáticos, um do cristianismo que se apossa da sua alma e a transporta em alucinações supremas, outro dos velhos deuses, abandonados, cuja restauração prepara com paixão ferosa e arrebatamento devoto.

Nem Constantino é o ambicioso que muitos historiadores têm imaginado e descrito, nem Julião é o livre-pensador que Voltaire entusiasticamente aplaudia.

São duas almas sinceras que usaram do poder ilimitado que possuíam, para imporem às almas dos outros a fé que os transportava. Julião vingava-se assim da opressão em que o tinham tido longos anos e associava à causa dos deuses vencidos a sua própria causa de oprimido e de vítima.

No livro intitulado *O Cristianismo e a Educação Romana*, Geston Boissier, o erudito escritor, traça o mais brilhante quadro dessa educação antiga, cujo poderoso encanto é tão penetrante, é tão subtil que nunca mais ela deixou de ser a base da instrução que o mundo tem dado aos seus modernos filhos.

Foi por meio da educação, dada publicamente por mestres pagãos à mocidade cristã, que os dois cultos inimigos se fundiram no coração e na imaginação da humanidade. Sem darem por isso, os cristãos receberam a influência do paganismo expirante, por meio dos livros dos seus poetas sublimes e dos seus admiráveis prosadores.

Quem bebera com o leite as inspirações de Homero e de Virgílio; quem aprendera a bem pensar com Platão e a bem dizer com Cícero; quem recebera a magistral lição da Filosofia e do Direito antigo; quem formara o seu espírito por esses moldes incomparáveis, não podia mais esquecer o mel de tão doce eloquência, a graça de tão perfeita poesia e a lição viril de tão alta ciência filosófica!

S. Jerônimo, Santo Antônio, Santo Agostinho, os grandes doutores, os grandes luminares do cristianismo, estão todos penetrados, até à medula, dessa influência suprema e invencível.

Foi, portanto, por meio da educação, que os dois elementos, o pagão e o cristão, se fundiram harmoniosamente.

É de um interesse profundo o quadro que Gaston Boissier desenha dessa educação romana, tão própria para formar chefes políticos e chefes militares incomparáveis. Mas no século IV da era cristã essa educação modificara-se muito, a ponto de já não parecer a mesma, nem ser capaz de produzir os mesmos frutos. Um romano de grande família não conhecia, nos tempos áureos da vida desse império, senão dois ofícios: a guerra e a política. Aprendia no campo a guerra; a política aprendia-a, não, lendo Aristóteles ou Platão, mas assistindo diariamente às sessões do Senado.

Esta educação prática de uma eficácia admirável fazia então os valentes capitães e os famosos dominadores políticos.

A Inglaterra contemporânea, de todos os países modernos o que mais se parece com a Antiga Roma imperial, também cultiva a força viril dos seus filhos nos mais variados *sports* que a desenvolvam; na natação, na náutica, nas corridas de cavalos, na luta atlética, nos jogos da ginástica moderna, — mais sabia, embora menos estética do que a antiga, — e também começa, de muito moços, a exercitá-los na arte da palavra, na educação que forma os oradores, os *debaters*, os grandes parlamentares da eloquência ou dos negócios.

Nas Universidades de Oxford e de Cambridge, há *clubs* especialmente destinados à discussão dos negócios públicos, onde se propõem e se debatem assuntos de interesse nacional e de política geral.

Mais tarde, quando os professores gregos se estabeleceram em Roma, os *gramáticos* e os *retóricos* tomaram conta da mocidade, ou nas escolas públicas, ou no seio das grandes famílias.

A Grécia cultivara com entusiasmo a filosofia, a música, a retórica, etc. Os Romanos, porém, de uma inaptidão estética tão justamente reconhecida por Momsen — não aceitaram com prazer, de quantas artes e ciências lhes trouxeram os seus educadores gregos, senão a gramática e a retórica. A filosofia afigurava-se-lhes um palavreado vão e inútil; a geometria e as matemáticas só os cativavam pelas suas aplicações de utilidade prática; eram para eles a arte de contar e de medir.

A retórica, porém, essa arte de falar que tanta influência produzia na imaginação antiga, impôs-se-lhes fatalmente após as primeiras relutâncias do instinto conservador, que detestava tudo que era inovação.

Foi então que a educação dividida em dois ramos, fez da leitura e explicação dos poetas, da crítica e análise das suas obras, a sua base fundamental.

Ainda hoje a Inglaterra, sob as suas aparências góticas a mais *romana* das nações, dá aos discípulos das suas universidades aquela forte educação clássica que torna tão substancial e tão nobremente florida ao mesmo tempo a eloquência dos seus grandes oradores.

II

Sem podermos acompanhar o livro altamente instrutivo de Gaston Boissier, nos variados assuntos que ele trata, sem tentarmos resumir os quadros magistrais da vida da antiguidade que ele traçou, nessas páginas tão ricas de informação e tão sóbrias de cor, escolhamos, para deles dar conta aos leitores, a quem este gênero de trabalho interessa particularmente, alguns dos seus capítulos mais notáveis.

A biografia de Tertuliano, um apologista do cristianismo, que o mundo moderno conhece apenas de nome, apesar da sua celebridade teológica não pode, por exemplo, interessar-nos tanto como a *Conversão de Santo Agostinho*.

Este Santo que conheceu até à saciedade, até à náusea, todas as delícias da volúpia pagã, este jovem elegante, que frequentou com tamanha paixão literária as escolas de Cartago, este cristão que seguiu com enlevo as procissões da *Mãe dos Deuses*, e que no teatro devorou avidamente as peças ligeiras do repertório antigo — interessa-nos pela violenta crise mortal que determinou a sua conversão.

Ele mesmo nos confessou em um livro que será sempre avidamente lido pelos perscrutadores insaciáveis do eterno abismo humano, todas as gradações, todos os cambiantes por que passou a sua alma sequiosa do Infinito e que procurava estancar a sede que tinha lá dentro de verdade e de luz, correndo atrás de todas as sensações acres e pungitivas, sondando com curiosidade inquieta todos os segredos da Paixão e do Prazer.

Tanto mais meritório é o sacrifício feito por Santo Agostinho, ao renunciar às delícias da literatura pagã, às graças da musa clássica, aos encantos da sociedade polida e culta, quanto era sincero e apaixonado o amor que ela tinha por todos esses prazeres da inteligência e dos sentidos.

Admirador de Virgílio, discípulo de Cícero, ele atirou-se porém, com ardente desejo de achar nelas a verdade que lhe fugia, ao estudo das Escrituras. Ao princípio a barbaria cristã revoltou o seu puro gosto. Só mais tarde é que, através da forma incorreta dessas traduções hebraicas feitas por escrupulosos e ignorantes cristãos, ele pôde perceber as correntes puras e límpidas, os mananciais de vida interior, as preciosas riquezas d'alma, que jorravam dos livros sagrados, e que vinham renovar a alma humana, vazar em moldes novos as suas aspirações e os seus sonhos, criar uma nova forma de civilização infinitamente mais rica e mais complexa do que essa, que a formidável depravação romana tinha gasto com os seus excessos orgíacos e os seus monstruosos e nunca vistos crimes!

Todo o capítulo consagrado a essa bela figura do cristianismo primitivo, a esse grande espírito que tanto concorreu para a organização definitiva dos seus dogmas, e em que Gaston Boissier conta as suas lutas interiores e, finalmente, o triunfo soberbo da sua conversão é de um interesse palpitante.

Têm sempre atualidade para aqueles que pensam os íntimos combates de uma consciência sincera.

Aos que forem verdadeiramente *homens* nada do que é humano pode ser estranho; e onde é que a maravilhosa planta dá a sua flor mais desabrochada e mais perfeita do que nesses tipos luminosos, nos quais o gênio concretizou todos os seus esplendores, a vontade, todas as suas sublimes energias, a consciência, todas as suas forças misteriosas!...

Santo Agostinho é o homem que amou, que aspirou, que conheceu a vida, que lutou e que venceu por fim, sobrepondo a todas as contingências da existência limitada e mesquinha o que ele na sua alta consciência julgou ser a eterna verdade!

Subir tão alto pela ação do seu próprio entendimento é conter dentro de si, em um momento cuja memória não mais se aniquila, fecundando eternamente

outras almas e outras existências; — aquela porção de *elemento divino* que é dado à frágil humanidade realizar e encarnar em si bem raras vezes.

São estas almas superiores as eternas benfeitoras da nossa raça imperfeita, tão grande pelo que sonha, tão mesquinha pelo que consegue executar.

As origens da poesia latina cristã, que compõem o livro 4.º, no segundo volume, são também cheias de interesse e novidade para quem não está acostumado — e quem o está hoje em dia? — a versar tão remotos assuntos!

A literatura cristã nasceu como já dissemos da mistura que se fez durante três séculos da antiguidade profana e do cristianismo.

Aos que conhecem e apreciam a literatura dos grandes séculos da Grécia e de Roma, deve incontestavelmente parecer medíocre, quase insuportável, essa rude e incorreta literatura, onde o melhor era imitado ainda assim, com inconsciente impudor, dos modelos antigos.

Mas muito embora ela não tenha valor literário, ninguém pode negar-lhe um grande valor histórico.

O grande abalo moral que o Cristianismo imprimira às almas não tem contudo, um eco que lhe corresponda na poesia deste tempo.

Era muito imperfeito o instrumento dessa língua latina em dissolução na qual tantos povos vários tinham introduzido as suas locuções bárbaras, e que manejada por humildes artífices ignorantes as mais das vezes, perdera o sabor e a graça ampla e perfeita da áurea latinidade.

Não pode pois ser classificada como uma obra de literatura, a série de escritos, que essa era, — no entretanto fecunda e na qual se estavam surdamente e subterraneamente elaborando tantos elementos novos — produziu e nos legou.

Nesse tempo cumpria-se justamente um dos maiores acontecimentos da História.

O mundo estava sendo revolvido até às suas entranhas mais profundas.

Havia dramas íntimos em cada consciência, parecidos com esse, de que Santo Agostinho nos representa o mais elevado tipo; havia lutas dolorosas em cada família; em uns a sede do martírio tinha voluptuosidades violentas; em outros a plenitude da paz religiosa atingia uma espécie de beatífico esplendor. Que novas sensações de uma intensidade inultrapassável conheceram então as almas! Que fontes de graça misteriosa jorraram subitamente nesses renovados

corações! Os crentes elevaram o espírito num êxtase até ali desconhecido. A vida eterna abria as portas resplandecentes aos sequiosos do eterno *au de lá*. Jesus Cristo mostrava as chagas do seu corpo, e os estigmas do seu martírio afrontoso aos que sentiam subir na alma como uma maré misteriosa, o novo sentimento do amor, a divina emoção da piedade fraternal, que súbito fizera todos os homens irmãos, e todos os irmãos sofrendo a partilha angustiosa da mesma agonia!

O Evangelho revelava as suas lendas cheias de graça, as suas parábolas de idílica inocência, as suas lições de simples e inefável bondade, aos saciados de uma civilização dissoluta e abominável!

Todos tinham um quinhão naquela herança preciosa!

Para todos havia pão e vinho naquela ceia simbólica, em que as almas rejuvenescidas por um sopro de amor comungavam maravilhadas!

Não é, porém, na literatura, mesmo nos mais rudes ensaios da literatura cristã do tempo, que este mundo de emoções novas tem o seu perdurável reflexo.

A alma do povo, na sua fecundidade prodigiosa, desatou-se, abalada por este impulso que a transfigurava e sacudia, em ideias, em tipos, em imagens, em lendas, que a Arte Cristã em todos os seus períodos tem largamente aproveitado. Em dois séculos, do segundo ao quarto século, a imaginação cristã elaborou e amontoou tesouros que enriqueceram o mundo moderno.

Os evangelhos apócrifos gerados espontaneamente pela alma popular, no tempo do cristianismo primitivo, são os tesouros mais ricos em que essa imaginação se desentranhou.

A mais doce, a mais imaginosa poesia do cristianismo encontra-se ali. Todas as lendas que fizeram o encanto da nossa infância, e que embalaram também com o seu ritmo dulcíssimo a risonha infância da alma moderna, são tiradas dessa poesia anônima, em que todas as almas colaboraram em um enleio religioso, e em uma fé palpitante e sugestiva, inconsciente dos prodígios que criava.

Essa é que é a verdadeira literatura cristã, aquela em que as forças espontâneas que geram os mitos e os adornam com todas as flores da mais variada poesia, se revelam com encantadora eloquência.

Passando em claro os capítulos consagrados a S. Paulino de Nola, um santo gaulês que inspira uma simpatia patriótica a Gaston Boissier; o capítulo que trata da vida e das obras do poeta Prudêncio; e muitos outros que estão cheios

de revelações sobre a quadra que descrevem, e em que nós os leitores podemos reconstituir com intenso colorido esse século estranho, em que um período da História da humanidade findava e outro principia a destacar-se nitidamente — paremos diante do *Livro quinto* do 2º vol. que tem este título que é só por si um regalo para os *gulosos* de tais estudos: *A sociedade pagã nos fins do século IV*.

Mas percebo agora que cheguei ao fim do espaço de que posso dispor. E este capítulo de costumes, — em que uma sociedade aristocrata, culta, amiga das letras, fastienta até ao requinte, frívola até à dissipação, muito ocupada de elegâncias mundanas, de convenções e de cerimônias, muito cética, separada por um abismo do mundo moderno cujos representantes eram justamente os que compunham a seita que ela teimava a desprezar como plebéia, humilde e ignorante, mesmo depois de fazerem parte dela homens de valor moral de Agostinho, — este capítulo, digo em que uma sociedade tão parecida com a nossa com os mesmos preconceitos, com os mesmos vícios, com a mesma despreocupação do perigo está posta de pé, com admirável vigor, precisa de um artigo especial que muito proximamente lhe consagrarei.

III

O método de Gaston de Boissier é, com algumas modificações secundárias, o método de Taine.

Para penetrar uma sociedade, o erudito escritor estudou a sua literatura. Para compreender bem a literatura de um dado período ele procura conhecer e investigar cuidadosamente a vida dos seus escritores. Cada tipo representativo — *representative man*, dizem os ingleses — dá-lhe o segredo das ideias, dos sentimentos que predominavam em uma determinada época.

Assim para dar a conhecer aos seus leitores a alta sociedade romana do quarto século, Gaston Boissier vai ler e faz-nos ler a nós as cartas de Aurélio Simachus — personagem de que muitos dos seus leitores e dos leitores benévolo deste estudo, encurralados na extrema especialização da educação moderna, nunca de certo ouviram falar.

Todos sabem, que as cartas de Plínio, o moço, e as cartas de Cícero lançam uma grande luz sobre a sociedade da sua época, e concorreram como documentos admiráveis para que a moderna crítica, tão erudita e tão compreensiva, reconstituísse através delas a alma da Antiguidade.

Pois Gaston Boissier pede às cartas muito menos características de Simachus o mesmo impagável serviço.

Naquele tempo, tão próximo da hora em que Alarico viria bater às portas de Roma, ninguém percebe a iminência do perigo que ameaçava a sociedade antiga.

Simachus ocupa-se muito pouco dos negócios públicos; acha-os, ou “nulos ou de pequena importância.”

Quem lê as correspondências, aliás adoráveis dos grandes amadores da *epistolografia* no século XVIII, também não percebe nelas o mínimo rebote dos perigos que ameaçam o regime que ia esboroar-se em sangue e em violências tremendas. Nem o próprio Voltaire, tão agudo de inteligência, tão perspicaz, tão penetrante, e que tão ativamente colaborara na propaganda a que se deveu a Revolução, percebe levemente a responsabilidade que assumia, e as tempestades que ele criara com a sua palavra de fogo.

Nas vésperas das grandes crises que iam transfigurar o mundo, ocupam-se todos de galantarias, de ditos graciosos, de versinhos bem feitos, de anedotas de velado escândalo, de intrigas de amor ou de ambição.

Quem presente sequer que Danton vai trovejar e que Robespierre vai sorrir sinistramente e que desse trovão e desse sorriso vai surgir um mundo novo?

Também hoje, um século depois da Revolução, quando, feitas todas as conquistas políticas, a alma inquieta, e nunca satisfeita, do homem reclama imperiosamente a solução pronta, radical do terrível problema da miséria — quem é que percebe nos salões de Paris, de Londres, de Nova York e de Berlim que a terrível liquidação está a chegar, e que uma era tenebrosa de anarquia e de lágrimas, de ruínas e sangue espera porventura os que teimarem em viver muito?

É da lei das sociedades não perceberem nunca claramente as transformações que se estão elaborando no próprio seio delas.

Como quer que seja, a verdade é que o grande senhor romano, cujas cartas nos interessam neste momento, se não preocupa absolutamente nada com os negócios do Império. Conquanto no seu tempo o Senado seja ainda um corpo importante, ele perdeu contudo o seu antigo esplendor.

Os Senadores deixaram de ser grandes e poderosos magistrados, mas conservam-se uma classe ativa, eminentemente aristocrática, impondo, já se vê, a moda e dominando os costumes.

É justamente a transformação que se opera na aristocracia européia, entre o fim do século XVII e o princípio do século XVIII. Ocupam grandes cargos honorários na corte imperial, como os fidalgos franceses de que nos fala Saint-Simon — e dominam — o que também frequentemente lhes sucedia a eles — na administração interna das províncias romanas.

Um dos encargos e das honras, que estes últimos têm e conservam zelosamente, consiste no caro privilegio de dar jogos públicos ao povo. O *pão* e *espetáculos*, de que fala Juvenal, continuam a ser até à final dissolução do Império, as únicas necessidades da plebe romana. Muitas cartas de Simachus, que era conservador das tradições antigas, tratam exclusivamente de encomendas de feras e de animais, feitas aos amigos que ele tinha em todo o mundo.

Na ocasião de investir da pretura o seu filho primogênito gastou ele uma soma equivalente a dois milhões de francos.

Para todos os lados manda emissários encarregados de lhe trazerem artistas de mérito, bichos raros, ornamentos estranhos, suntuosos e imprevistos, com que ele possa deslumbrar os olhos da plebe e manter a sua popularidade.

Neste ponto não podemos acrescentar que o mundo moderno tenha semelhanças com a sociedade antiga. Entre as nossas eleições constitucionais e estas festas populares com que se comprava o afeto do povo, a diferença não é realmente tão pequena como isso.

Os modestos banquetes, com que entre nós o eleito obsequia os seus eleitores não se parecem lá muito com esses prodigiosos espetáculos em que somente para lhe agradarem a ele, ao povo-rei, senadores como Simachus mandavam vir ursos do norte, leões da África, cães da Escócia, crocodilos do Nilo, — desse *verde* Nilo, de que Cleópatra fora a serpente lasciva, — cavalos de Espanha, cômicos da Grécia, gladiadores saxões, mímicos, cocheiros, de Bizâncio, o inferno!... Todo o mundo, então conhecido, contribuía para o prazer cruel desse povo insolente!

Eis um traço de costumes que demonstra, mais que mil dissertações a distância moral que nos separa dos homens desse tempo, ainda mesmo dos melhores:

Simachus, para essa festa monumental, mandara vir como gladiadores os prisioneiros saxônios, raça valente, sobre a qual contava para o pleno sucesso do espetáculo. Pois na véspera vinte e nove desses homens de bravo coração, não querendo servir para os prazeres do povo romano, estrangularam-se uns aos outros, no cárcere em que os guardavam.

Simachus, que era um bom homem, um homem culto, que conhecia a filosofia e a literatura antiga, que sabia, enfim, tudo que sabia o seu tempo, longe de perceber a selvagem grandeza deste ato heróico, enfureceu-se contra os desgraçados, e exclamou de muito boa fé: “Não quero que me falem mais desses miseráveis, que são ainda mais perversos que *Spartacus*.”

E esta exclamação de ingênua crueldade, vale mais que uma longa análise do caráter e da sensibilidade antigos.

O modo externo de viver em Roma difere pouco do já conhecido pelas Cartas de Plínio. As regras de civilidade social têm-se, porém, complicado ainda mais. O tempo nas altas classes passa-se a fazer e a receber visitas, a assistir a cerimônias mundanas, tais como casamentos, investidura da túnica viril, conselhos de família, etc., etc.

A paixão das letras é universal na sociedade elegante — tal como no nosso século XVIII. Os grandes e graves personagens do tempo passam a vida a trocar entre si versinhos mais ou menos chochos e a cumprimentarem-se com efusão pelos seus talentos literários.

Roma acolhe os literatos estrangeiros sob o reinado de Teodósio, como o fazia no tempo de Trajano. Os mais ilustres escrevem e aplaudem quem escreve, e, como no tempo dos Médicis em Florença — os quais, já se entende, tratavam de imitar a antiguidade — há banquetes em que se leva a noite a discutir doutamente teorias científicas e literárias.

A classe alta possui grandes riquezas. O nosso Simachus, um dos menos ricos, tem três casas em Roma e quinze *vilas* nas mais belas regiões da Itália. Não se excede em luxo, em graça voluptuosa, em douta cultura, em elegância magnífica, a vida dessa classe privilegiada, cujos avós tinham conquistado o mundo e que tratava agora de lhe gozar em paz as infinitas delícias.

Não se imagine, porém, que só a sociedade pagã estava contaminada deste egoísmo, desta preguiça epicurista, desta artística e suntuosa indolência. S. Jerônimo, que também, antes de convertido, tinha saboreado o gosto desta vida ostentosa e anestesiante, que também conversara com as mulheres de espírito, lera avidamente os deliciosos poetas pagãos, bebera enfim até à embriaguez essas “delícias de Roma” contra as quais se revoltava depois, é o próprio que nos conta o modo porque os ociosos e os ricos de *ambos os cultos* passavam a existência.

“Em que se passa o tempo na grande cidade? pergunta ele, em uma das suas cartas. Em ver e ser visto, em receber visitas e fazê-las. Em louvar os presentes, e dizer mal dos ausentes. Começa a conversação e não há meios de acabar.

“Contam-se histórias escandalosas. Morde-se e é-se mordido. Dilacera-se quem não está, e adula-se quem ouve.”

Não parece a descrição de uma sala do nosso tempo?

Querem ver agora o retrato de um abade da Regência?

“Levanta-se muito cedo e regula desde logo a ordem das suas visitas. Procura o caminho mais curto, e vai surpreender, ao sair do leito as damas que pretende visitar. Repara, porventura, em uma almofada, em uma toalha elegante, em algum objeto desta ordem. Apalpa-o, admira-o, lamenta-se de não possuir nada igual, e tanto faz, que acaba por conseguir que lhe façam presente dele.

“Onde quer que a gente vá, é a primeira pessoa que encontra; sabe todas as notícias; corre a divulgá-las antes de ninguém; inventa-as quando lhe faltam verdadeiras, e, em todo o caso, aformoseia-as com incidentes novos em cada vez que as conta.”

Pois este abadezinho galante, este jovem padre parasita e lisonjeiro, não é tal da Regência como eu lhes disse. É de Roma no tempo de S. Jerônimo e é ele quem o descreve, com este irônico vigor, com esta agudeza espirituosa em uma das suas *Epístolas*!

A diferença exterior entre esta civilização e a nossa é bem grande; os caracteres divergem extraordinariamente em resultado da distância que vai da moral antiga à moral moderna; o elemento da *caridade*, essa base fundamental do cristianismo, ainda apesar de enunciado e de pregado pelos seus apóstolos não penetrara profundamente nas almas, que a religião antiga afeiçoara e modelara — mas apesar de tudo isso, quantos quadros desse tempo que parecem copiados do tempo atual; quantas figuras dessa época que vemos reproduzidas na nossa; quantas paixões então dominantes, que a moral da igreja, que o sentimento religioso mais desenvolvido e mais educado, que a filosofia moderna mais piedosa e mais humana, não conseguiram ainda amordaçar.

Como essa sociedade que tripudiava no luxo colossal e na ostentosa e deslumbrante magnificência — esquecida ou despreocupada dos perigos que a ameaçavam, — assim a nossa sociedade de hoje, tendo atingido um grau de civilização e de riqueza material diferente, mas não inferior às de Roma, se estonteia no gozo egoísta de todos os prazeres, e no estadejar cínico de todos os

vícios, sem pressentir que uma seita, tão tenaz como a cristã, e menos pacífica e menos espiritualista do que ela, tão capaz de abnegações heróicas e de sacrifícios sublimes, e não tendo como ela o seu fim exclusivo no Reino dos Céus, no Reino que não é deste mundo, avança subterraneamente, recrutando-se nas minas onde não há luz, nas fábricas onde não há Deus, nas oficinas onde o trabalho é uma ignomínia, nas trapeiras miseráveis onde as crianças agonizam com fome entre as blasfêmias desesperadas dos pais, nas enxovias imundas onde o ar falta e onde a desesperança brama sinistramente — e se prepara enérgica e sombria para o definitivo assalto que há de render a velha sociedade apodrecida!

O que queriam — não esses cristãos degenerados e contagiados pelo paganismo de que fala com amargo desprezo S. Jerônimo — mas os grandes cristãos que sacrificavam e oravam nas catacumbas, que morriam nos anfiteatros e que escreviam com o sangue do coração os seus rudes hinos de adoração e de fé?

Queriam o desmoronamento total desse império que era a soma de todas as iniquidades pagãs, que era a escravidão do miserável e a apoteose do mau rico!

O que quer hoje o socialismo triunfante?

A morte desta sociedade, cujo esplendor maravilhoso se faz com o sangue, e as lágrimas do miserável, do, como nunca, miserável proletário!

Não é verdade que esta semelhança basta para dar ao livro um intenso e profundo interesse?

ANTERO DE QUENTAL: A OBRA E A SUA MORTE

I

Hesito em falar ainda de Antero de Quental! Sucedeu um tão silencioso esquecimento ao pasmo, ao sobressalto da primeira notícia do seu suicídio!... E no entanto, se havia fisionomia complexa, sugestiva, capaz de interessar e de cativar o nosso espírito era a deste poeta de tão requintada e extrema delicadeza de inspiração e de pensamentos.

A primeira impressão que recebi da sua morte, foi tão violenta e dolorosa que em vão tentei traduzi-la em palavras, ou metê-la no molde imperfeito e rude de uma apreciação crítica qualquer.

É hoje somente, depois de volvido um mês ou mais sobre esse suicídio, que devia enlutar as letras portuguesas, que eu me atrevo a conversar com os leitores a respeito dele.

O livro dos *Sonetos*, saudado na sua primeira aparição com sincero e quase religioso entusiasmo, pode considerar-se como a completa confissão daquela alma combalida, que procurou na Morte o extremo refúgio contra as lutas ásperas do Pensamento, contra as quimeras perseguidoras da Imaginação.

Se o considerarmos do ponto de vista pratico e material, de onde a maior parte da gente se coloca para julgar os homens e as cousas, Antero não era realmente um infeliz.

Tinha, pelo contrário, mil predicados, mil qualidades invejáveis.

Tinha, primeiro de tudo, um superior e belo talento incontestado; tinha a suficiente abastança para *não precisar viver dele* — o que eu pelo menos considero o maior dos bens — tinha a adoração dos amigos (que lhe chamavam *Santo Antero*), o respeito dos estranhos, a par de uma consciência imaculada que no exercício do bem encontrava permanente e inefável consolo; tivera até na mocidade o raro dom de uma beleza de Cristo, espiritual, meiga e serena.

E, contudo, apesar de tantas circunstâncias que se reuniam para dever tornar-lhe doce a vida, depois da leitura daqueles *sonetos* magistraes, em que tão requintadas amarguras e tão estranhos suplícios se cristalizavam, por assim dizer, em pérolas maravilhosas, não havia leitor que não sentisse esta interrogação desabrochar-lhe nos lábios: onde é que este homem tão tranquilamente e tão lucidamente desesperado encontra a força de continuar a viver?

O suicídio do grande poeta responde agora, lúgubre, mas coerente, terrível mas lógico, à irresistível pergunta.

O pessimismo de Antero não era, como a maior parte dos que nós por aí conhecemos, um pessimismo pessoal, egoísta, limitado às contradições e às tristezas do seu próprio destino.

Era um pessimismo filosófico, como o de Leopardi, como o de Schopenhauer, como o de Leconte de Lisle.

A sua concepção da vida, tão triste que faz horror e espanto, traduz-se no soneto: *A Divina Comédia*, em que ele figura os homens erguendo para os remotos céus os braços desesperados e apostrofando esses deuses que só produziram a Dor, a Paixão, o Pecado, as Ilusões, as lutas fratricidas.

“Pois não era melhor na paz clemente
Do nada e do que ainda não existe
Ter ficado a dormir eternamente?

Porque é que para a dor nos evocastes?”
Mas os deuses com voz ainda mais triste,
Dizem: — “Homens! porque é que nos criastes?”

A Morte, não sob uma forma repelente e odiosa, mas atraente como esfinge, perturbante e voluptuosa como sereia que vem cantar a sua cantilena de sedução à flor das águas de um verde glauco, a Morte, revestida de um misterioso encanto subjugador e estranho, paira por sobre todas as páginas deste livro, impregnando-as de subtil e contagiosa tristeza.

Dir-se-ia que os *sonetos* lhe são quase inteiramente consagrados. É a *ela* que ele vê sempre, chamando-o, chamando-o baixinho, entontecendo-o com as promessas do seu silêncio eterno, da sua paz profunda e vasta, do seu mistério que ninguém soube ainda violar.

Antero pensara tanto que o cérebro esgotado pedia enfim misericórdia. A sua ambição não fora de vãs glórias, nem vãos triunfos; quisera levantar uma ponta desse véu que esconde a eterna Verdade, além da qual tantas gerações humanas têm sonhado com alguma cousa de inextinguível e de eterno.

E essa agonia intelectual que o dilacerou exprime-se em todos os seus versos, com uma potência maravilhosa, e uma energia devoradora que acabou por consumi-lo!

A *ilusão, o vazio universal*, que encarava ao sair das suas vertiginosas contemplações metafísicas, faziam-no recuar pálido e trememente. A vida não lhe dava o que ele queria; para aquém desse vasto mundo invisível que a sua alma de sonhador pressentia e pelo qual ela ansiava, nada havia que lhe satisfizesse a sede ideal. Por isso Antero, fugindo voluntariamente dele, foi buscar a sua amiga de todas as horas, aquela que podia entregar-lhe a chave do eterno enigma que o desesperava; a

“*Morte! irmã do Amor e da Verdade*”

A propósito do suicídio de Antero, falou-se muito de três suicídios também famosos que o precederam; mas realmente, a não ser pela notoriedade que os assinala, eu não sei que eles tenham comparação com o deste poeta. Nem

Camilo, nem Júlio César Machado nem Soares dos Reis se mataram pelos motivos transcendentais que atuaram no ânimo de Antero de Quental.

Os três mataram-se porque sofriam mais do que é dado aos seres humanos sofrer sem procurarem no aniquilamento a paz invocada entre suplícios.

Um deles, Camilo, artista de nervos exasperados pela cegueira, temperamento de histérico para o qual a resignação era uma virtude impossível, matou-se para fugir às trevas densas de uma lóbrega morte em que se sentia perdido!

Júlio César Machado matou-se porque, no meio do mundo hostil que não satisfizera nenhuma das ambições da sua pobre alma delicada e sonhadora, ele concentrava as afeições todas do seu coração, os últimos sonhos da sua fantasia, a esperança, a suprema glória, no amor de um filho que se suicidara com 19 anos! — deixando-o só. O infeliz enlouqueceu e matou-se também...

Sobre a morte de Soares dos Reis paira uma sombra de mistério. Quem sabe que lutas íntimas, que drama de paixão intensa e dolorosa esse suicídio não veio rematar!

A morte de Antero obedeceu a outro gênero de impulsos. Não digo que para ela não concorresse também o estado de miséria moral e de anarquia mental em que via a sua pátria (da qual havia pouco ele tinha porventura esperado qualquer ato de enérgica reação contra o destino), mas a sua dor era uma destas dores de ordem aristocrática e rara, que não se originam como as da maioria dos homens no coração, mas que emanam do espírito cansado de cogitar em vão no mistério impenetrável das cousas...

Querem ver os espectros que enchiam de pavor sagrado as suas noites? Ouvi este *soneto* que é, como todos os outros, página solta de uma confissão intelectual complicada e dolorosa, tal como um Pascal ou um Amiel a escreveram também cada um, já se vê, na sua respectiva esfera, um nos seus imortais *Pensamentos*, outro no seu *journal* tão característico e tão pouco compreendido:

Espectros que velais enquanto a custo
Adormeço um momento, e que inclinados
Sobre os meus sonos curtos e cansados
Me encheis as noites de agonia e susto!...

De que me vale a mim ser puro e justo,
E entre combates sempre renovados,
Disputar dia a dia à mão dos fados
Uma parcela do saber augusto.

Se a minh'alma há de ver sobre si fitos
Sempre esses olhos trágicos, malditos!
Se até dormindo, com angústia imensa

Bem os sinto verter sobre o meu leito,
Uma a uma, verter sobre o meu peito
As lágrimas geladas da descrença!

Foram estas as dores que o mataram. A sua consciência não achava repouso em nenhuma das concepções do Universo em que alternativamente tentava acolher-se.

Ora, dirigindo-se à meiga Virgem do Catolicismo ele a invocava com infantil simplicidade; ora punha na *mão direita* de Deus o seu coração cansado, e lhe ordenava que ali *dormisse eternamente*; ora achava que a dúvida tinha soprado sobre o mundo *um vento de ruína e de morte*, que tudo emurxecera, que tudo apagara, deixando apenas uma humilde e misteriosa flor desabrochar a medo no fundo da consciência humana.

Aspirava ao *nirvana*, à paz inconsciente; queria cair naquele *vácuo tenebroso* onde na *imobilidade indefinida termina o ser inerte, ocioso*; e ao mesmo tempo a compreensão atávica da eternidade católica torturava-lhe em horas de luta o inquieto espírito.

Que aspiração intensa ao ideal, a deste formoso espírito alado! Que sublimes tormentos os seus, procurando sem descanso a verdade e a luz!...

Mas sempre, em todas as fases desta interna luta que talvez fizesse sorrir alguns dos leitores dos *sonetos* enquanto o suicídio do poeta lhe não deu o seu fundo de lúgubre realidade, — Antero chamou pela Morte, a invocou, lhe sorriu, lhe deu os nomes mais belos, os mais doces, os mais apaixonados!

Dele se pôde dizer que foi *um amante da Morte*, amante austero e triste, mas nem por isso menos fervoroso e ardente.

Por motivos inteiramente diversos dos seus, também Santa Tereza, a apaixonada castelhana, chamou a Morte com aqueles mesmos arroubos de êxtase que nos surpreendem e nos fazem estremecer a nós, pobres criaturas feitas de carne melindrosa e frágil, a quem o sofrimento repugna, e a sepultura com a sua podridão infecta repele formidavelmente.

Digam-me se há em língua alguma expressão de dor mais completa do que a deste *soneto* a que Antero pôs o título de *Despondenci* por não achar em português um termo que rigorosamente correspondesse ao estado de resinada e tranquila desesperança que ele traduz:

Deixá-la ir, a ave, a quem roubaram
Ninho e filhos e tudo, sem piedade...
Que a leve o ar sem fim da soledade
Onde as asas partidas a levaram...

Deixá-la ir, à vela que arrojaram
Os tufões pelo mar na escuridade,
Quando a noite surgiu na imensidade,
Quando os ventos do Sul se levantaram...

Deixá-la ir a alma lastimosa,
Que perdeu a paz e fé e confiança
À morte queda, à morte silenciosa...

Deixá-la ir a nota desprendida
De um canto extremo e a última esperança...
E a vida... e o amor... deixá-la ir a vida!

Não há por tudo isto motivos para espanto no suicídio de Antero. Ele não era, como já dissemos, um escritor de ofício, que de propósito exacerbasse e cultivasse em si próprio o desespero e as lágrimas, para as transformar em retórica *livresca*; não tinha também um vão amor de glória indesculpável em quem sondava com tão penetrante e lúcido olhar o vazio de todas essas quimeras, a efêmera duração de tudo que é da terra...

Era uma alma sincera e torturada, que naturalmente desafogava o seu sentir tanta vez contraditório e doentio, em versos de uma magia dolorosa, de uma graça delicada e triste, de uma profundidade de expressão inigualável, e nesses versos só uma nota era constante: *o elogio da Morte*.

Invocou-a sempre, chamou por ela, coroou-a de fúnebres flores, suplicou-lhe que o acolhesse no seu regaço frio, achando enfim que depois do *mal de haver nascido* não havia senão um bem: tornar ao Nada.

II

Quando o livro dos *Sonetos* apareceu escrevi eu um estudo sobre eles, que não tinha, já se vê, outro merecimento além de uma sinceridade absoluta e de uma imensa simpatia.

Lembra-me de que lamentava do fundo da alma que o autor dessas belas poesias tão raras na nossa literatura, — a qual como todas as literaturas meridionais não peca pelo *excesso de pensamento* — tivesse consumido a vida, que tão belas cousas podia dar-lhe, metido em si mesmo, naquela espécie de meditação alucinada que se traduzia, é verdade, em versos magníficos, mas versos que eram, como as pérolas, produtos de uma dor mortal.

E revoltava-me contra a solidão mental em que Antero se concentrara, contra as hesitações do seu querer, contra as flutuações do seu pensamento, contra o pessimismo búdico da sua doutrina, contra tudo que fizera dele um filósofo germânico, ou um sonhador nebuloso e doente, e o separava da vida, da vida que tem tantos risos no meio das suas charnecas desoladas, ou dos seus sarçais cheios de espinhos e de répteis...

Mesmo com o risco de parecer vaidosa, não quero deixar de oferecer aos meus leitores, a carta, até hoje *absolutamente inédita*, que Antero de Quental me escreveu então, depois de ter lido os meus artigos que se publicaram primitivamente no *Jornal do Comércio* de Lisboa, e que hoje estão incluídos no volume intitulado *Alguns homens do meu tempo*.

Aí vai a formosa e eloquente carta:

“Porto, 24 de dezembro.

Minha Senhora

Agradeço-lhe muito os seus artigos no *Jornal do Comércio*, e creia V. que o não faço só por civilidade, ainda que não é cousa que se deva desdenhar *par le temps qui court*. Não lhe direi que me agradaram os seus artigos, porque isso é o menos; dir-lhe-ei que me comoveram. Há neles uma sinceridade, que me encantou, e um tom fraternal que me foi direito ao coração, onde quero que não morra nunca a vibração dessas palavras amigas. Creio que V. se engana na apreciação que fez das doutrinas chamadas (quanto a mim impropriamente) *pessimistas* e nos receios que lhe inspiram as tendências búdicas que começam a manifestar-se por todos os lados, em sociedades que atingiram o *nec plus ultra* da civilização, ou em indivíduos que atingiram o *nec plus ultra* do pensamento.

Tudo isso, é verdade, está ainda bastante obscuro e confundido com elementos estranhos e até contraditórios, e por isso me não admira que não possa ainda ser apreciado sem grandes apreensões. O meu livrinho, apenas aqui ou ali em meia dúzia dos últimos sonetos, fere a nota exata e sã, porque infelizmente morreu-me o dom dos versos, precisamente quando começava a pensar e a

sentir alguma coisa que realmente merecesse ser posta em verso.

Não podia ele, tão incompleto e obscuro, justamente onde mais cumpria que fosse claro e amplo, dissipar aquelas apreensões, antes era natural que contribuísse para as radicar. Mas a minha convicção é que tais apreensões não são fundadas e que entre os sentimentos naturais e espontâneos do coração humano, entre o seu ideal de justiça, de harmonia e de beleza, e o ponto de vista ascético do Budismo, não só não há contradição verdadeira, mas que, pelo contrário, é só nessa esfera que eles encontram a sua mais perfeita expressão, libertos de muitas ilusões e de muitas imperfeições que lhe andam forçosamente misturadas, e atingem a plena consciência do que são e para que são. E seria singular com efeito que a doutrina, que entre todas, faz consistir no Bem a verdade suprema da existência humana, pudesse colidir com aqueles espontâneos impulsos da nossa natureza, que não são, no fundo, senão formas e momentos, mais ou menos obscuros, mais ou menos incompletos da nossa fundamental aspiração a esse mesmo Bem!

A, verdade é que a civilização moderna chegou, no século atual, como a civilização antiga, no período do Império Romano, a um ponto em que, sob pena de completa ruína, o problema metafísico-psicológico tem de ser sondado a uma profundidade desusada e proporcional ao grau superior da mesma civilização.

Hoje, como então, as questões metafísico-psicológicas são a chave de todas as outras questões porque, tendo o próprio progresso das instituições e das ideias arruinado os antigos alicerces morais da sociedade, a grande questão, a questão vital e inadiável não é já a do aperfeiçoamento das instituições nem do aumento dos conhecimentos, mas a da organização teórica e prática da vida moral, a criação da ordem nas consciências, em uma palavra a remodelação do *homem interior*, sem o qual o outro homem, da sociedade e da vida prática, por forte e sábio que pareça é mais miserável que o escravo mais embrutecido.

O progresso gigantesco do naturalismo, filho de uma civilização poderosa e complexa como nenhuma, só poderá ser equilibrado por um progresso equivalente do ascetismo. Sem esse equilíbrio a sociedade moderna, que já hoje nos causa mais terror do que admiração, poderá continuar ainda por algum tempo de poderosa, tornada formidável, e, de formidável, bestial: mas o homem, o verdadeiro homem, isto é, o homem moral, terá morrido: e morto ele, tudo cairá, por que só ele sustenta a grande mole social. A sociedade é, antes de tudo, um fato de ordem moral.

Mas não continuo com estas reflexões, porque desejo fazer delas o assunto de um escrito, até a certo ponto em resposta aos artigos de V. e que publicarei em forma de carta, se V. levar isso a bem.

E termino, minha senhora, pedindo a V, que me consinta assinar-me daqui em diante, como realmente sou, seu muito amigo. — *Antero de Quental*”

Esta carta tão bela na forma, e tão profunda no pensamento, apresenta porém a contradição fundamental a que Antero sucumbiu.

O ascetismo é a contemplação mais inerte: o Bem demanda a atividade mais incansável, o esforço mais tenaz.

Como conciliar estes dois termos opostos? Se para o extático e contemplativo pensador a quem o *nirvana* sorri como o supremo fim da sua ascensão ideal, cada homem não é mais do que um momento que toma consciência de si e logo passa, aquele que na terra procura o Bem e tenta pelo seu esforço criá-lo, sabe que se dissolvem as formas em que a consciência se encarna, mas que ela, a sublime chama não se apaga jamais... Nós os passageiros de um dia que conseguimos por instantes guardá-la no nosso seio mortal, passamos rápidos sim, mas não antes de a transmitirmos àqueles que nos sucedem sempre mais pura, e sempre mais intensa...

O patrimônio real da humanidade é este: por este lhe vale a pena padecer e lutar. Este não morre com as pobres gerações que se sucedem como as folhas das árvores, como as ondas do mar...

Não é pelo Budismo antigo, ou pela ascética renúncia aos bens reais da vida que a sociedade tem de salvar-se. É pelo exercício ativo das suas energias espontâneas, é pela fé na sua missão do bem, na sua ascensão a qualquer eminência moral, que ela ainda não antevê de longe, mas que existe decerto, mas que deve existir, ou este instinto de progresso a que obedecemos, seria mais uma ironia atroz entre outras tantas!...

A prova de que esse ascetismo a que Antero recorre na sua bela carta é estéril, é que ele, querendo salvar por este modo a sua clara consciência e o seu espírito genial, veio acabar na morte voluntária, no suicídio banal dos vencidos e dos fracos!

Infelizmente era eu, tão mesquinha, e não ele, tão grande, que tinha razão, e essa razão, foi o seu ato extremo que m'a veio dar.

Ninguém pensara mais alto e mais justo que esse homem de uma consciência tão delicada, de uma penetração filosófica tão subtil, e cujo entendimento parecia talhado para as mais elevadas especulações da metafísica e da

psicologia.

E no entanto ele não achou outra resolução ao problema que está presentemente posto diante dos olhos das sociedades extra-civilizadas e dos indivíduos que pensam intensamente, senão a do suicídio silencioso.

É profundamente desoladora a fase do espírito humano que, de vez em quando, se manifesta em fatos como este.

Como escapar a este estado de descrença absoluta em qualquer destino ulterior da nossa espécie? Retroceder à boa Natureza, à primitiva ignorância dos simples, como manda Tolstoi? Mas em primeiro lugar a natureza não é boa, depois, quem *sabe* pode porventura, e só por efeito da sua vontade começar de um dia para o outro a *ignorar*?...

Cada sociedade que chega ao extremo da sua civilização particular, o que, exaltando de um lado o orgulho natural do homem, produz por outro, no espírito dele, uma irritação doentia, uma penosa desesperação resultante dos limites que este acha sempre à sua curiosidade transcendente — cada sociedade que atinge esta perigosa eminência, está por esse mesmo fato, muito próxima da sua fatal degeneração.

Nenhuma civilização se elevou mais alto nas abstrações do pensamento, nos arrojos da metafísica do que esse Budismo em que Antero de Quental tentava encontrar a suprema paz da consciência humana. E o que tem ele produzido senão resultados negativos, e alucinações doentias? A civilização antiga, grega e romana, procurou resolver o problema do destino do homem divinizando-lhe as paixões, e fazendo a permanente apoteose da força. E todos sabem em que agonia vasquejante o mundo antigo se diluiu. A Idade Média teve uma compreensão harmônica e grandiosa da vida e do destino humano, mas tanto exigiu do espírito e tão pouco pensou na fatal realidade, que fez de cada organismo de homem um anjo e um animal perpetuamente identificados, e ao cabo do sublime esforço, respondeu-lhe o retrocesso pagão da Renascença.

O mundo moderno quer achar na ciência a chave do todo o eterno enigma que até hoje se conserva inviolado, a explicação do universal mistério que o envolve e penetra, a resolução de todos os problemas complexos que se têm acumulado diante do seu espírito em dois ou três mil anos de pensamento — e a ciência impotente, incompleta, desconsoladora não tem água que sacie a nossa sede, não tem piedade que unja a nossa lenta agonia!

Os melhores abdicam ou pelo indiferentismo inerte, ou pelo suicídio; que é ainda uma vitória do espírito ultrajado sobre si mesmo!

E um véu de tristeza densa e plúmbea envolve este mundo enorme, agitado, convulso, atravessado de fios elétricos que em minutos transmitem de um ao outro dos seus extremos o pensamento e a palavra; cortado de locomotivas vertiginosas; abarrotado de riquezas brutas; ébrio de orgulho material, de luxo e de vaidade; persuadido de que é a realização mais completa da felicidade e do triunfo moral do homem; mas tremendo a cada abalo subterrâneo que revele quão minados estão os seus alicerces e em que movediça areia assentam os seus edifícios de Babel!

Contudo há uma afirmação, no meio de tantas dúvidas e de tanta desordem mental, que pode ser feita sem medo!

O Bem existe! A consciência humana conhece-o mesmo quando o atraiçoa ou o desdenha. É ela que o tem criado em séculos de luta sublime! Os humildes de coração são talvez os que estão mais perto das fontes vivas de onde ele promana, e é pela humildade e pela aceitação resinada do seu destino incompleto e triste e eternamente obscuro, que a pobre humanidade definitivamente se salvará!

Por mais que amemos e veneremos a memória de Antero, não podemos pois achar justo o seu suicídio.

Contentamo-nos em achá-lo explicável.

ANATOLE FRANCE

I

Conhece porventura o leitor este mestre do estilo, que é francês e moderno, e podia ser grego e antigo?...

Conhece este discípulo de Renan, discípulo que dispõe de mais liberdade moral e de mais fogo juvenil que o seu querido e respeitado mestre?

Anatole France é, como Renan, um *charmeur*, mas é mais do que ele — um voluptuoso.

A sua filosofia, mais *Renanesca* do que *Hegelian*a, move-se fantasiosamente em um universo de ilusões.

E as fúlgidas imagens, sempre renovadas, da sua esplêndida imaginação, reveste-as uma melancolia deliciosa e mórbida, como se ele as evocasse com a

consciência de que lhe mentiam, e as adorasse perdidamente, mesmo depois de as saber fugitivas, falsas, efêmeras...

Um dos melhores livros que ele tem escrito, e cujas edições se multiplicam com espantosa rapidez — apesar dele o ter no pensamento dedicado aos delicados, aos *happy few* de que fala desdenhosamente Stendhal — chama-se *Taïs*.

Taïs é uma *lenda dourada* dos primeiros séculos cristãos, que entre parêntesis estão sendo apetecível mina de estudos literários, de poesias, de erudição e de arte.

Tem o livro como personagens principais Pafnúcio, um anacoreta da Tebaida, de carne mortificada pelos longos jejuns, flagelada pelos duros cilícios, curtida pelos sóis causticantes do deserto, amachucada nas caminhadas extenuantes por sobre as penhas bravas e os quentes areais — e *Taïs*, uma gloriosa e aplaudida atriz de Alexandria, bela como *Vênus*, e inteligente como *Aspásia*, e prodiga de afagos como as duas, em que esplendidamente se encarnara para enlouquecer e perder os homens.

Pafnúcio construíra nas margens do verde Nilo uma pobre cabana feita de ramos de árvores e de lodo amassado.

Vivia ali na penitência e na castidade; na contemplação e no ascetismo. Obedeciam-lhe e amavam-no as feras do deserto; legiões de anjos, belos como adolescentes gregos, visitavam-no de vez em quando na sua Tebaida escondida; os demônios, com figuras de animais imundos, vagavam uivando em torno dele e dos solitários que aqui e ali tinham escolhido para morada o deserto — e tentavam em vão os santos ascetas.

Quando eles iam de manhã encher as suas bilhas do barro ao poço que os dessedentava, viam as patas dos sátiros e dos faunos travessos impressas na movediça areia.

Considerada sob o seu verdadeiro aspecto, a Tebaida era um campo de batalha, onde se travavam a toda a hora, e especialmente de noite, os maravilhosos combates do inferno e do céu.

Mas tão profunda era a virtude desses santos cenobitas que submetia ao seu poder as próprias feras.

Quando um solitário estava para morrer, vinha um leão abrir-lhe a cova com as garras. O santo homem, logo que conhecia por este sinal que Deus o chamava a si, ia beijar uma por uma as faces de todos os seus irmãos espirituais.

Depois deitava-se sereno e calmo e adormecia no seio do Senhor.

Esta descrição do Deserto e das suas maravilhas, do ascetismo e das suas visões, da Tebaida e dos alucinados combates que aí as paixões humanas travavam com a perfeição ideal, todo este simbolismo *humano* e compreensível está traçado com mão de mestre.

Parece nos seus lineamentos visíveis a pintura de um *primitivo*, tanto é certo que só o extremo requinte na Arte sabe traduzir bem a inefável simplicidade.

Pafnúcio nascera em Alexandria, de pais nobres, e fora por eles instruído na delícia das profanas letras. Era de muito longe que ele tivera de partir, para chegar à perfeição santíssima da sua vida de anacoreta cristão.

Um dia, porém, lembrou-se por sua desgraça espiritual, ou por seu aperfeiçoamento superior, que tinha conhecido em Alexandria uma formosa atriz chamada Taïs.

Tão bela como a mais bela das suas visões esplêndidas do Paraíso e condenada à eternidade das penas, à perdição infernal, à ignorância absoluta do bem!...

Conhecê-la, lembrar-se nitidamente dela e não a salvar, não tentar salvá-la ao menos!...

Pafnúcio não pôde submeter-se a esta dura lei.

Deixa, pois, o deserto, procura a cidade faustosa e tentadora onde Taïs fazia as delícias e a admiração do povo, e vai arrancar ao inferno a sua presa deslumbrante.

É necessário fazer notar que ainda bem Pafnúcio não começara a premeditar esta santa empresa, já os demônios que em figuras de chacais costumavam uivar lamentosamente em torno de sua cabana, sem contudo lhe penetrarem pela porta sempre aberta, se permitiram entrar por ela dentro, deitando-se perto dele, familiarmente, como amigos velhos. Que encontrariam os demônios na alma do velho cenobita para assim procederem?...

A graça irônica, a comoção subtil com que estes quadros são traçados, podem ser indicados pelo comentador, mas não podem ser fielmente traduzidos por ele.

Ao pé do altivo asceta, que julga ter dentro de si força que baste a dominar as inomináveis, as onipotentes paixões humanas, e se considera com direito de desafiar o Pecado e de o vencer, há uma encantadora figura de frade laborioso e simples, que nem chega a odiar o Mal, porque lhe ignora os requintes tentadores, e que cultiva no deserto um pequenino jardim e uma horta em miniatura, aceitando o amável convívio dos bichos e dos passarinhos,

envolvendo no mesmo amor humilde e doce a vasta natureza cheia de graças e de assombros.

As gazelas vêm apoiar a fina cabeça inquieta nos joelhos do santo: as figueiras que ele trata dão grandes figos cheios de nectar cuja contemplação é para ele um regalo inocente.

Este bom homem dá de conselho ao orgulhoso apóstolo que se deixe de tanto zelo, pois que, vista a impossibilidade em que a gente está de emendar o mundo, mais vale emendar-se a si próprio de todos os pecados até daquele que consiste em se julgar impecável.

Mas Pafnúcio não o quer de forma alguma atender; isto, seja dito de passagem, com alegria dos chacais seus inimigos antigos e agora seus inoportunos familiares.

Põe-se, portanto, a caminho. Vestido tão somente de um longo cilício, ei-lo que se dirige para o Nilo — no desígnio de seguir a pé a margem líbica até à cidade fundada por Alexandre.

Que deliciosa a narração desta romaria, feita pela língua de ouro de Anatole France! Há frases que cantam no ouvido como uma flauta da Jônia!... Há imagens que se desdobram diante de nós como uma evocação de magia!

Nem a tradução literal poderia fazer pressentir o encanto rítmico, embalador, quase mórbido, de requintado que é, deste estilo em que as palavras se harmonizam em um concerto ideal, para formarem a mais suave, e subtil, e sugestiva das músicas.

E enquanto assim se encaminha para Alexandria, Pafnúcio foge das cidades e das aldeias; tem medo de encontrar crianças a brincar na soleira das portas, mulheres paradas à beira das cisternas, sorrindo cariciosamente ao peregrino que passava, como a Nosso Senhor a Samaritana já sorrira.

Quando, ao entardecer, a aragem passava nos tamarindos em flor, o sombrio apóstolo puxava para o rosto o seu capuz escuro, tal era o receio que sentia de enternecer-se diante da beleza inefável, do divino mistério das cousas...

Viu uma enorme esfinge egípcia talhada no rochedo de granito e obrigou-a a confessar o Santo Nome de Jesus Cristo. Encontrou um eremita búdico, todo nu, de barba branca a flutuar-lhe em ondas no peito curtido ao sol, e, depois de lhe ouvir a confissão do seu *niilismo* absoluto, depois de lhe escutar as blasfêmias

de um ceticismo sem fim, ainda tentou convertê-lo à fé profunda que lhe abrasava o coração.

A paisagem luminosa e estranha desentranhava-se em maravilhas; o *ibis* misterioso e hierático retratava no líquido espelho do rio o seu longo pescoço cor de rosa pálido; os salgueiros agitavam a múrmura folhagem argêntea; as cegonhas voavam no céu claro; e nos canaviais da margem escutava-se o grito de outras aves aquáticas.

O vale perdia-se ao longe em ondulações verdes; as águas palpitavam como um seio de virgem; a seiva, a vida, a fecundidade, o amor fremente e criador parecia pulular em tudo, em tudo...

Pafnúcio, porém, só pensava na cortesã esbelta e branca, de braços cor de lírio e olhos cor de violeta, que em Alexandria representava as traições de Helena, os delírios de Fedra, o sacrifício da cândida Efigênia, ante uma turba delirante, que a sua beleza embriagava e perdia...

II

A primeira vez que, em Alexandria, Pafnúcio avista Taïs é no teatro em que ela representava a imolação de Polixena.

Tal contra a linda moça Polixena
Consolação extrema da mãe velha
Porque a sombra de Aquiles a condena
Co' o ferro o duro Firro se aparelha...

Não se lembram do nosso Camões? Era justamente esse lance da epopeia homérica que Taïs traduzia pela mímica expressiva e perfeita, a qual, na decadência da Arte antiga, supria agora na cena, viúva dos seus grandes mestres de outrora, a alada, a divina poesia de Eurípedes e de Menandro. Taïs altiva e doce apareceu ao austero monge dando-lhe, como dava a todos que a contemplavam “o trágico estremecimento da sua fatal beleza.”

Segue-se então a luta travada entre o asceta e todas as seduções pagãs que circundavam a cortesã esplêndida, para converter esta à religião dos pobres, dos miseráveis e dos simples.

Taïs fora iniciada em pequenina por um escravo negro da Núbia, chamado Amés, nessa religião que reveste de tão voluptuosas delícias o sacrifício e a dor.

Tinha-a mesmo batizado, em uma época de perseguições e de angústias, o bispo proscrito de Cireno, que pela Igreja sofrera os mais horrendos martírios.

E toda a dulcíssima e piedosa lenda evangélica lhe fora contada baixinho, pela voz queixosa e cantante do mísero escravo negro, quando Taïs, maltratada pelos pais, sem teto carinhoso que lhe abrigasse o corpinho infantil, torturado de açoites, ia deitar-se à noite a um canto do estabulo, entre animais domésticos, com Amés perto dela — sentado sobre os calcanhares, as pernas dobradas, o busto direito na altitude hereditária da sua raça, e o rosto negro banhado naquela divina luz de esperança e de misericórdia com que a estrela de Belém tem, durante dezenove séculos, inundado, casta e divina, os deserdados de todo o bem terrestre.

Portanto, não a espantou em excesso a aparição do monge, depois de uma vida consagrada ao prazer, que lhe dera o tédio sem lhe dar a felicidade.

Só um momento, durante esses vinte anos de embriaguez hiper-aguda, ela conhecera a efêmera felicidade de amar. As lágrimas que chorou tinham tido para a pobre um sabor acre e doce ao mesmo tempo. Nesse amor encontrara tudo — até a perdida inocência e a divina puerilidade da sua fé. A bela cortesã de Alexandria realizara o delicioso pensamento do poeta, e também ela, como a Marion dos perdidos amores, podia repetir exultante:

Et l'amour m'a refait une virginité

Mas súbito esse homem, que de todos lhe parecera diverso, apareceu-lhe tal como os outros todos, e ela fugiu espavorida, para não ver mais a imagem da sua ilusão que se partira.

Conheceu depois a glória, os aplausos, os entusiasmos, as adorações febris, que duravam uma hora e que se tinham julgado eternas.

Por ela os filósofos se fizeram crianças crédulas; os voluptuosos tiveram a coragem do suicídio; deram-lhe tesouros os avarentos; lágrimas, os egoístas; os poetas chamaram-lhe a sua Musa; os políticos esqueceram, para se demorarem aos seus pés, o bem dos Estados e os requintes que há no prazer do mando.

E Taïs, indiferente a todos e com todos brincando cruelmente, conservava no fundo da sua alma a recordação indistinta e vaga desse mundo misterioso de que lhe tinham revelado o encanto.

Supersticiosa e cheia de ânsia indefinida, tinha a sede atormentadora do desconhecido, a que faz as santas, as arrependidas sublimes, e as loucas...

Quando Pafnúcio lhe apareceu, cedeu quase que sem resistência à rude voz que a chamava para o aspero caminho dos penitentes. Para seguir o seu implacável mestre deixou os banquetes em que a aclamavam, sob os belos e poéticos

nomes da poesia antiga, os homens mais opulentos e considerados da Alexandria, os poetas, os retóricos, os sacerdotes de Serapis, os dândis do tempo, preocupados como os de hoje, com a arte de amestrar belos cavalos e de enamorar belas mulheres.

Para o seguir, deu ordem aos numerosos escravos que a serviam, que queimassem os seus tesouros de arte: os cofres de marfim, de ébano e cedro, que, entreabrindo-se, deixavam cair coroas, grinaldas, colares esplêndidos; e os seus ricos tapetes, os seus bordados de prata, as tapeçarias floridas, os leitos faustosos, os coxins macios: e as estátuas de ninfas que pareciam animadas como mortais: e o Eros ebúrneo a quem se atribuíam maravilhosas e não sabidas virtudes, e que valia o seu peso centuplicado em ouro.

Para o seguir, desprezou os seus vestidos brilhantes; os mantos de púrpura; as sandálias de ouro; os pentes, os espelhos, as lâmpadas cinzeladas por industriosas mãos de escravos artistas; as teorbas, as liras: — todos os instrumentos da sua sedução complicada e subtil, todas as belas cousas que representavam as recordações de uma vida de luxo, de opulência e de amor... Não a prendeu a glória de atriz estremecida; chamavam-lhe a clara estrela, a doce lua do céu alexandrino, e o rude solitário arrebatou-a falando-lhe em penitências duras e em flageladores cilícios, em lágrimas de vergonha e de amargura choradas ao pé da Cruz.

— Mulher, dizia-lhe o monge com voz colérica, arrastando-a consigo ao longo da costa — vê esse enorme mar azul. Nem toda a água que ele tem pode lavar as tuas manchas asquerosas!

E enquanto ele a apostrofava com a eloquência do mais impetuoso e ardente horror, relembrando-lhe uma por uma, com minuciosidades de confessor, as ignomínias em que se perdera o seu corpo, que Deus fizera tão belo, Taís seguia-o docilmente sob o sol abrasador, e por cima dos penhascosos caminhos, onde os seus pés nus, tão lindos, tantas vezes cobertos de beijos, se desfaziam em sangue.

Todas estas páginas que contam o piedoso furor do apóstolo, e a humildade infável da pecadora arrependida, estão escritas com uma paixão acre e flamejante.

Vê-se bem que o inferno e todas as suas fúrias estão dentro desse orgulhoso coração de monge, que se julga acima do Pecado e que é vencido pela força irreduzível de um Poder que ele negou.

Taís, não; essa arrependida e submissa é em Cristo que pensa e a sua alma anseia por desprender-se do impuro corpo, para subir, lavada em lágrimas, ao seio eternamente misericordioso do Homem Divino que perdoou à Madalena, e que não consentiu que fosse lapidada a mulher adúltera pelos que não tinham direito de a julgar.

A última parte do livro está impregnada de uma ironia, delicada como tudo que sai da pena de Anatole France, mas destoante da opulência da cor e de estilo que inspiram as duas primeiras partes.

Consiste toda ela na narração das penitências a que Pafnúcio se entrega logo que percebe nitidamente que o zelo que o levou a salvar Taís conduzida por ele a um convento de mulheres — não é tão puro nem tão desinteressado como na sua ilusão a respeito de si próprio ele supusera até ali.

As penitências às vezes chegam a ser de um cômico *voltaireano*. Exemplo: a coluna no alto da qual, místico acrobata, ele se encarapitou um tão longo espaço de tempo, que em volta deste novo Simão o *Stilita* construiu-se uma grande cidade com todas as abominações mais ou menos legalizadas, que há sempre nos centros populosos.

Pafnúcio dizia, porém, aos bispos e à brilhante clerezia, que atraídos pela fama da sua virtude rara, e dos milagres que ela operava sobre enfermos epilépticos, coxos, cegos, manetas etc., etc., vinham cumprimentá-lo e visitá-lo de muito longe:

— “Meus irmãos, a penitência que me imponho é nada em comparação das tentações que tenho, e cujo número e força me espantam. Um homem visto de fora é pequeno, e do alto da coluna a que Deus me elevou, vejo os seres humanos agitarem-se como formigas. Mas considerado interiormente, o homem é imenso; é grande como o mundo porque o contém em si... Tudo que se estende ante os meus olhos, esses mosteiros, essas casas, essas barcas sobre o rio, essas aldeias, e o que descubro ao longo de campos, de canais, de areias, de montanhas, tudo isso é *nada* ao pé do que eu tenho aqui dentro! Há no meu coração cidades inúmeras e desertos sem fim. E o mal, o mal e a morte estendidos por sobre essa imensidade, cobrem-na, como a noite cobre a terra. Eu sozinho contenho um Universo de pensamentos maus.”

Falava assim, acrescenta Anatole France, porque o *amor da mulher*, como uma serpente, se lhe enroscara no seio.

O final do livro, ou antes, a moral do livro é esta: Pressente-se a salvação da cortesã arrependida que trouxera sempre, dentro do seu corpo manchado, a

saudade nostálgica do ignoto bem, a chaga aberta e sangrenta de uma aspiração insaciada — e a perdição do apóstolo orgulhoso, que dera ao seu desejo, à sua paixão terrena, a forma de um fanático proselitismo, e que tão rudemente falava às gentes do Pecado e da Virtude.

Que quer Anatole France provar? pergunta a crítica conspícua, um pouco escandalizada desta orgia de estilo, de descrições, de paisagens, de *diletantismo* artístico.

Cá por mim imagino que ele não quis provar nada.

Quis fazer divagar a sua imaginação de poeta pelos desertos onde os monges vivem penitentes e castos, e pelas cidades douradas e luxuosas onde as atrizes bebem em taças de cristal as pérolas diluídas de uma adoração voluptuosa.

Quis levar-nos ao banquete do opulento pagador das esquadras de Alexandria, onde filósofos e poetas disqueteiam com a elegância e o requinte da civilização de Bizâncio. Quis fazer-nos penetrar na alma de uma louca mulher daquele tempo, tão bela que, em ela entrando na sala do festim, coberta de flores naturais, parecia emprestar a estas a sua vida e receber delas o mimo, a frescura o encanto virginal.

Quis — é este o sentido profundo e filosófico do seu livro — dizer-nos que às vezes os que apresentam mais austera virtude são os que trazem mais serpentes venenosas no coração farisaico, incapaz de indulgência e de perdão, e que o arrependimento, quando é sincero, humilde, e parte de uma alma sedenta do infinito e capaz de o conter em si, pode resgatar grandes erros e lavar na fonte cristalina das suas lágrimas, muita nodoa de que o mundo, o impecável mundo, costuma fugir enojado e austero...

ERNESTO RENAN: SUA OBRA, O SEU ESPÍRITO, A SUA FILOSOFIA

I

Venho tarde para acrescentar qualquer coisa ao que neste jornal de certo se tem dito a esta hora da vida de Renan, e da sua morte. Venho tarde para ajuntar, qualquer dado biográfico, qualquer inédito incidente aos já citados aqui por informadores hábeis e inteligentes.

Mas venho cedo, talvez, para conversar com os leitores acerca desse espírito encantador, que desaparecendo dentre os vivos, deixa na Europa culta uma lacuna impreenchível.

Não é, porém, meu intento fazer *obra de crítico*, o que além de mais, seria prematuro ainda. Tentarei apenas dar a impressão, que a minha sensibilidade recebeu da leitura desse fino artista, desse poeta, que tão bem se conhecia a si mesmo, que um dia, figurando-se a si sob o nome *Leolin*, nos *Dramas Filosóficos*, dava do seu gênio esta adoravelmente exata definição:

“O que é que eu faço no mundo? Contemplo e gozo. Vou a toda a parte; entro em todos os lugares e em todos compreendo alguma cousa. Eis a minha profissão. Procuo o Belo, devorado de sede, que jamais saciei. A verdade demanda maior dose de perseverança nos que a buscam; é por isso que ela me foge, talvez.”

Não há convivência mais estreita, que a que tem largos anos existido, entre mim, obscura e pobre mulher, e essa deliciosa inteligência de artista, um dos mais requintadamente perfeitos que a literatura tem possuído em todo o mundo.

É fora de dúvida que, para mim, o *hebraisante*, o erudito, o epigrafista sagaz, o arqueólogo meticoloso, o decifrador de textos assirios, o *sábio*, enfim, que era Renan, me interessava mediocrementemente. Admirava que um tão grande poeta tivesse a humilde ambição de ser apenas um grande erudito; ambição que lhe era de resto cruelmente contestada por terríveis homens calvos, de óculos azuis com aros de ouro e nomes impronunciáveis de terminações bárbaras, que eu nunca tinha lido, e julgo aqui entre nós, que somente se tinham lido a si mesmos...

Esses, escreviam volumes *in folio* para provarem que o *Sr. Renan não conhecia os textos*, e o divino celta que tanta vez me fizera vibrar até às lágrimas com as notas da sua harpa misteriosa — desesperava-se com a incredulidade daqueles medonhos eruditos alemães, de que toda a gente que se presa ignora a existência, não atinando sequer com a arrevesada pronuncia dos seus respectivos nomes...

O *hebraisante* era-me pois indiferente, mas o historiador ficava de pé, com a sua intuição extraordinária da alma religiosa das multidões extinctas; com a vida intensa que ele sabia dar aos personagens do passado; com a sua visão clara e profunda das cousas que já foram; com o mágico poder de evocação que ele possuía, como Carlile o possuiu, como o possuíram Michelet e Victor Hugo, mas de um modo inteiramente diverso daqueles todos.

Um Michelet ressuscitando períodos históricos de entusiasmo fremente e de doentia exaltação, saberá dar vida às perturbações nervosas, aos desfalecimentos e aos êxtases dos seus congêneres do passado.

Um Victor Hugo dará o nítido contorno das cousas, e até para o mundo da alucinação levará o seu poder de descrever o incomensurável, de figurar o impossível...

Um Carlile terá a visão ardente de um mundo como foi o puritano, capaz de produzir Cromwell; e saberá — desmontando peça a peça o maquinismo complicado desse caráter de alucinado e de batalhador, de pérfido condutor de homens, e de crente quase fanático — revelar-nos o segredo da quadra estranha de que ele é o produto natural, a resultante lógica...

Renan saberá principalmente interpretar e traduzir problemas e sentimentos morais, estados de consciência. Para ele, como para o grande inglês que escreveu o *Culto dos heróis*, a história, *é uma cousa viva, uma cousa inefável e divina*, destinada a ressuscitar diante dos olhos do nosso espírito, os sofrimentos, as emoções violentas ou delicadas, as lutas, as tristezas, as fraquezas e heroicidades, dos nossos irmãos que morreram, das gerações que modelaram fatalmente a nossa, e às quais devemos o que somos em bom e em mau.

Quando a notícia da morte de Renan nos veio surpreender dolorosamente a todos, acabava eu de passar dois meses no campo, em uma solidão quase absoluta, em uma isolamento moral quase selvagem, lendo apenas com íntima delícia, o mais árido talvez, por ser o mais erudito, de todos os livros do grande exegeta: a sua longa *História do Povo de Israel*, cujo 4.º e 5.º volumes ele deixou para serem postumamente publicados.

E depois de ter vencido aquele primeiro impulso de preguiça, que um espírito de mulher indolente não podia deixar de experimentar ante um trabalho desta ordem — eu acabara por sentir-me irresistivelmente e deliciosamente transportada àqueles tempos obscuros em que o semita nômade, o soberbo vagabundo da História, enriqueceu o tesouro humano, com a mais alta noção religiosa a que à nossa espécie foi dado ainda atingir, a noção de um *deus único*, cujo espírito está em tudo, e ao qual o vasto Universo obedece submisso!...

Assim como a Grécia criou a alta cultura intelectual, a filosofia, a poesia, as artes plásticas; assim como Roma criou as fortes instituições políticas, tendo o Direito por base; o semita criou a religião de que a nossa alma se tem alimentado longos séculos, e que tão profundo cunho lhe imprimiu, que ainda hoje o mais cético de entre os céticos demolidores do passado se não pode libertar da sua poderosa e absorvente influência!

Essa gênese de monoteísmo, que Renan intitulou a *História do Povo de Israel*, é

talvez de todas as suas obras aquela em que as soberbas e múltiplas faculdades do seu grande espírito tiveram melhor espaço para se desenvolverem.

Nada mais belo, nada mais profundamente interessante para um espírito que pensa, do que a evolução da ideia religiosa, seguida passo a passo, com os seus períodos de impetuosa florescência, com os seus desfalecimentos e os seus eclipses, com os desdobramentos súbitos de sua apaixonada energia, com as aquisições morais, tão laboriosamente e dolorosamente feitas através de violências espasmódicas e de paroxismos convulsionários.

Sendo a civilização moderna uma resultante da colaboração alternativa da Grécia, da Judéia e de Roma, as origens da história dessa raça misteriosa, em cujo seio havia virtualmente *Jahve* e *Jesus* não podem deixar de produzir uma ardente curiosidade em todo o espírito ávido de conhecimento e de luz moral.

Eu tinha-me pois, nessa reclusão completa em que vivera, embriagado longamente, voluptuosamente, da prosa, de Renan, capitosa e perturbadora.

E quem como ele sabia, da língua que falava, extrair efeitos de harmonia, ao pé dos quais, os das outras artes me pareciam absolutamente secundários?

Falando do idioma hebraico, Renan diz em uma das belas páginas da sua *História do Povo de Israel*:

“Uma aljava de flechas de ouro, um grosso cabo de potentes contorções, um trombone de bronze, dilacerando o espaço com duas ou três agudas notas: eis o hebraico.

“Uma língua destas não pode exprimir nem um pensamento filosófico, nem um resultado científico, nem uma dúvida, nem uma percepção do infinito.

“As letras dos seus livros serão contadas como números, mas serão feitas de fogo como a chama. Dirá poucas cousas essa língua, mas as que disser, serão marteladas sobre uma bigorna.

“Derramará ondas de cólera, terá gritos de raiva contra os abusos do mundo; clamará pelos quatro ventos do céu para que acudam ao assalto das cidadelas do Mal. Como os instrumentos rituais do santuário não servirá para uso algum profano; nunca lhe será dado exprimir a alegria inata da consciência, a luminosa serenidade da Natureza; mas clamará a guerra santa contra a injustiça, e o apelo dos grandes panegíricos; será o clarão das neomênias e a trombeta do Juízo final. Felizmente que o gênio helênico comporá, para a expressão das alegrias e das tristezas da nossa alma um alaúde de sete cordas, o qual saberá

vibrar uníssono com tudo que é humano, um grande órgão de mil teclas igual às múltiplas alegrias da vida.

“A Grécia conhecerá toda as delícias, desde as danças em coro nos píncaros do Taigeto até ao banquete de Aspásia; desde o sorriso de Alcibíades até à austeridade do Pórtico; desde a canção de Anacreonte até ao drama filosófico de Ésquilo e aos sonhos dialogados de Platão.”

Este admirável, este soberbo trecho, que acabamos de traduzir integralmente, em que o gênio das duas línguas toma forma, em uma outra língua, nunca falada com tal melodia e tal poder, quisera eu que fosse posto como epigrafe à *História do Povo de Israel*, em que Renan traduziu genialmente sob a divina inspiração do gênio Grego, a alma tumultuosa e sombria, agitada e sequiosa de justiça, dos profetas da raça semítica.

Oh! como eles renascem ali nas páginas do grande escritor, os fundadores de quanto há de tremendo e de sombrio na religião que veio depois a dominar o mundo!

Como ali se reflete igualmente, na prosa divina do Mestre, a Grécia que *sobre a Acrópole* lhe revelou o segredo dos seus primores! O assunto é o semita, mas a língua em que essa sublime evocação se fez, o mágico instrumento, através do qual nós comunicamos com o árido e difícil assunto, a inspiração adorável, que presidiu a este trabalho de reconstituição histórico-religiosa, a arte plástica, com que ele é genialmente modelado, tudo isso foi colhido pela alma de Renan, abelha ébria de luz e de perfume e de sucos balsâmicos, no coração da Grécia!

É só aí que a Beleza e a Razão têm a mesma forma e a mesma essência; é só aí que a Vênus Anfitrite sorri à musa de Sócrates e que a Poesia e a Religião enredam voluptuosamente a fantasia e a sensibilidade do homem na mesma rede azul e ouro tecida de sonhos, que são símbolos e de quimeras entontecedoras, que são divinas verdades.

Mas quem leu somente de Renan a *História do Povo de Israel* ficará conhecendo todo o gênio complexo do escritor?

Decerto que não. Ele é um grego pelo amor da beleza plástica, mas é um celta pela sensibilidade doentia, pela delicadeza concentrada do seu gênio.

Os que desejarem conhecê-lo, precisam de ler tudo que ele escreveu.

Precisam de segui-lo através dos meandros, alguns quase inacessíveis, da sua *História das origens do Cristianismo*.

Precisam de penetrar bem no estranho misticismo que há no fundo deste temperamento de céptico; precisam de interrogar os escaninhos inesperados desta imaginação de poeta, que em certas páginas, — como por exemplo, no sonho de Leolino, na *Eau de Jouvence*, invocando a alma da adorada irmã morta; nas páginas dulcíssimas dos *Souvenirs de Jeunesse*; na sinfonia esplêndida que se chama *La Prière sur l'acropole*; na dedicatória de um dos seus livros celebres; em trechos dos seus estudos de *História Religiosa*; — atinge uma *virtuosidade*, um poder de harmonia, excita uma emoção, faz vibrar tão intensamente os nervos do leitor, que pode bem dizer-se que a língua falada e escrita se transforma sob os seus dedos de mágico em música transcendente que parece vir de além da terra, em música que penetra no coração e o desfalece de delicioso êxtase.

II

Este conhecimento da obra total do grande escritor, que eu considero imprescindível em quem, com acerto e justiça, quiser falar dele, não o tinham, estranho é dizê-lo, senão com raríssimas exceções, os que em França, no jornalismo, comemoraram lutuosamente o passamento de Renan. A acusação que eu aqui deixo, fê-la, com a sua graça incomparável Júlio Lemaître no artigo que ao seu querido filósofo consagrou no *Jornal dos Debates*. Porque Renan escreveu muito, escreveu imenso. Durante cinquenta anos trabalhou dez horas por dia, o que é extraordinário.

E além das monografias científicas e dos estudos especiais que publicara nas *Revistas* e nos *Jornais de Ciências*, além da *História das Origens do Cristianismo*, que vai de *Jesus* a *Marco Aurélio*, e que se compõe de sete grossos volumes, além da *História do Povo de Israel* de que há publicados três volumes e para publicar dois, ele passou as horas que não consagrava à sua principal tarefa, a escrever toda a espécie de artigos literários: *ensaios críticos*; *diálogos filosóficos* à maneira de Platão, como os que publicou em volume com o título que acima demos; *comédias e dramas* à moda e na tradição de Shakespeare como o *Prêtre de Nemi*, *L'eau de Jouvence*, *Caliban*, etc. etc.; cartas que são celebres como aquela escrita *à un ami d'Allemagne*, e outra a *Mr. Berthelot*; fragmentos de história religiosa; estudos de moral; trechos adoráveis como o consagrado a Francisco de Assis, o santo que teve a adoração de Michelet e de Renan, etc. etc.

As mil faces do talento de Renan só as conhece o que leu essa obra vastíssima atravessada por uma flecha ideal de encanto e de magia; para a saber apreciar devidamente, é contudo, necessário mais do que havê-la lido, porque então,

nesse caso estava a minha humilde pessoa, a qual se recusa a tão elevada empresa.

Uma das acusações feitas a Renan, até pelos seus críticos mais benévolos, é a de contraditório e a de incoerente.

Batizaram de *renanismo* uma certa qualidade requintada e subtil de dúvida amável, que acolhe todas as ideias, que acha em todas alguma cousa de verdadeiro e muito de falso, que se balouça voluptuosamente entre doutrinas adversas, que se inclina ora para uma ora para outra das mil formas da vida sem se dar completamente a nenhuma delas, que em cada quimera acha um fundo de verdade, e em cada verdade aceita e indiscutida um fundo de inanidade e de ilusão, que ante a Natureza, — Isis de mil faces, — se limita a compreender e aceitar as contradições do Universo, explicando-as se pode, e admitindo a legitimidade absoluta dos mais variados pontos de vista, sem ter nenhuma das qualidades estreitas e limitadas do sectário ou do fanático.

Ora esse modo de ser intelectual é tanto da nossa época, que Renan, professando-o, não fez mais do que representar em uma condensação superior de pensamento e de crítica, a filosofia do seu tempo.

Que culpa teve ele de nascer justamente em um período da civilização em que estes caracteres da inteligência são justamente os que assinalam o *homem superior*, o artista consciente, o *representative man* de uma fase do pensamento humano.

De resto, querendo dizer a verdade toda, esse estado de espírito de Renan, é-lhe comum com as inteligências mais altas de todos os tempos. Shakespeare, que foi também um *diletando* genial não dizia já que o *homem è talvez feito do mesmo estofo que os seus sonhos?*

A interpretação dos fenômenos visíveis do mundo é feita por esses espíritos, não de um modo racionalista e lógico, mas consoante a fugitiva inspiração do momento que passa.

A raiz de toda a realidade mergulha em um abismo insondável e obscuro, em que eles gostam de debruçar-se, ora trementes de pavor, ora gelados pela dúvida...

Mas a justiça, que nem sempre fazem a Renan e que é necessária fazer-lhe, exige que se acrescente a esses traços por assim dizer exteriores de seu talento esta qualidade fundamental que ressalva o que eles podiam ter de perigoso para os discípulos de sua filosofia.

Há uma coisa em que ele acreditou sempre, da qual não negou nunca a existência *necessária*, embora lhe contestasse às vezes nos caprichos da sua ondeante palavra, cariciosa e triste, os resultados úteis, ou as compensações interesseiras; essa coisa é a *moral*!

“A moral é a coisa séria e verdadeira por excelência; basta ela para dar um sentido e um fim à vida humana, diz ele no prólogo dos seus *Ensaio de Moral e de Crítica*.

“Escondem-nos véus impenetráveis o segredo deste mundo estranho, cuja realidade se impõe a nós e nos esmaga; a filosofia e a ciência procuram eternamente, sem jamais a encontrarem, a fórmula desse Proteu que a razão não limita e que a linguagem não exprime. Mas há uma base indubitável que o ceticismo por mais completo não pode abalar, onde o homem achará até ao termo dos seus dias o ponto fixo de todas as incertezas; o bem é o bem; o mal é o mal. Para odiar um e amar outro, não é necessário qualquer sistema, e é neste sentido que a fé e o amor, que na aparência não têm ligação alguma com a inteligência, são o verdadeiro fundamento da certeza moral e o único meio que o homem possui para compreender alguma coisa do problema da sua origem e do seu destino.”

Por estas palavras sinceras e que Renan honrou tão nobremente, em uma longa existência laboriosa, honesta e casta, consagrada ao trabalho incessante, à desinteressada investigação da verdade, às sondagens tão difíceis da História, — por estas palavras se percebe bem claro, que o renanismo não significa indiferença moral, mas sim benévola simpatia por ideais diversos, contemplação amorosa dos fenômenos que se sucedem em perpétua fluidez, em perpétua transformação, embevecimento perante as mil formas aliciadoras com que a eterna ilusão nos tenta, nos seduz, nos anestesia, para nos fazer aceitar o pesado encargo da vida...

A riqueza extraordinária desta inteligência consiste na quantidade de contrastes, de aspectos e de *nuances* que nela se conciliam e nela se contém. Os contrastes de um caráter são o sêlo da sua individualidade, da sua vida exuberante e intensa. Os contrastes de ideias cabendo em uma inteligência dão a medida do seu grande valor.

As contradições que desnorteiam uma lógica vulgar, não assustam por exemplo o pensamento alemão de uma tão extraordinária complexidade. A concepção, a síntese magnífica de um Hegel envolve e concilia os mais contrários termos no seu vastíssimo seio. Ora, em Renan, além da influência da Bíblia, tão acentuada no seu modo dizer e de sentir, além da influência grega tão esplendidamente demonstrada na *oração sobre a acrópole*, que vem inserta nos

adoráveis *Souvenirs de jeunesse*, atuou de um modo profundo, decisivo a influência da Alemanha.

Na sua moral Renan obedece à inspiração de Kant, na sua concepção do Universo, Renan é Hegeliano. E senão vejamos esta frase característica:

“Deus é imanente no conjunto do Universo, e em cada um dos seres que o compõem. Não se reconhece, porém, igualmente em todos. Reconhece-se mais na planta que no rochedo, mais no animal que na planta, mais no homem que no animal, mais no homem inteligente que no cérebro limitado, mais em Sócrates que no homem de gênio, mais em Buda que em Sócrates, mais em Cristo que em Buda.”

Eis o resumo de toda a teologia hegelina e *renanesca*.

Se acrescentarmos a isto a afirmação de que nenhuma vontade particular se tem manifestado até hoje, nem poderá jamais manifestar-se na evolução do Universo, ou na marcha da humanidade, mas que esse Deus, de que ele nega a existência pessoal, está por assim dizer em formação no tempo e no espaço, à proporção que o mundo vai atingindo a consciência sempre mais perfeita de si próprio, e que o homem vai descobrindo as eternas leis da verdade, da beleza, da virtude e do bem; de que o Universo tem um fim ideal, aspira a um divino objetivo e não é nem pode ser a resultante de uma agitação inane, inútil e vã; que a razão, reinando mais e mais sobre a humanidade, acabará por *criar Deus*, criando o bem absoluto, e a divina harmonia das cousas; — nós teremos completado a filosofia de Renan, nem sempre original, e em todo caso pouco consoladora para os humildes e para os pobres de espírito que em nada colaboram para a formação definitiva desse Deus, que está em via de aparecer visível aos homens que hajam atingido o mais alto ponto da consciência...

Esta filosofia reveste-se porém, das mais deliciosas formas, ela tem para se desenvolver e para se reduzir a preceitos gerais, um instrumento incomparável, de uma graça que nenhum artista ainda igualou.

Esse instrumento, que é a prosa de Renan, é que o torna principalmente querido entre os que lêem...

A sua melancolia de celta, a sua sensibilidade doentia, a doçura estranha, inspirada de algumas das suas frases, tem tido sobre a minha alma de mulher o poder inexplicável de um sortilégio.

III

O desinteresse levado quase a um extremo irritante para os práticos homens de hoje, a fidelidade tocante a todas as causas vencidas; um amor das tradições da raça, que se exalta até à poesia, uma forma de imaginação absolutamente singular e inconfundível caracterizam os Celtas, a cuja raça Renan tanto se orgulhava de pertencer.

“Em parte alguma, diz ele, a eterna ilusão se adornou de mais sedutoras cores, e no grande concerto da espécie humana nenhuma família igualou esta, nos sons penetrantes, que vão até o coração. Os seus cantos de alegria acabam em tom elegíaco; nada iguala a deliciosa tristeza das suas melodias nacionais; dir-se-iam emanações do céu, que, deslizando gota a gota dentro d'alma, a penetram, como reminiscências de outro mundo.

“Ninguém, como ela, saboreou jamais tão longamente essas volúpias solitárias da consciência, essas reminiscências poéticas, em que se cruzam simultaneamente todas as sensações da vida, tão vagas, e profundas e penetrantes, que, a prolongarem-se muito, fariam morrer, sem que pudesse dizer-se se era de delícia ou de amargura.

A infinita delicadeza de sentimento que caracteriza a raça céltica está estreitamente ligada à sua necessidade de concentração... Daí esse pudor delicioso, esse *não sei quê* de velado, de requintado, de sóbrio, a igual distância da retórica do sentimento tão familiar aos povos latinos e da ingenuidade refletida que tanto se faz sentir nos alemães.

“Essa raça quer o infinito; tem sede dele; procura-o a todo o preço, para além da tumba, para além do inferno...”

Estas frases de Renan, colhidas no seu esplêndido estudo sobre a *poesia das raças célticas* são o segredo de mil particularidades daquela fina sensibilidade de artista.

O que ele diz dos cantos nacionais da sua raça, podia igualmente aplicar-se ao gênero indefinível de encanto quase físico que a sua prosa exerce em temperamentos acessíveis a certa ordem de emoções.

A estranha combinação que nele se fez de duas inspirações tão opostas e ambas tão pronunciadas no seu espírito, a da poesia bíblica e a da poesia dos Celtas; a alta cultura complexa que o seu entendimento assimilou de um modo tão feliz; o dom irresistível da ironia que a fada que presidiu ao seu nascimento lhe trouxe oculto entre as mais finas flores de uma sensibilidade mórbida; o otimismo de um temperamento são e de uma calma existência, lutando com a noção pessimista que a ciência lhe deu do Universo e da vida; as suas tendências de *diletante* e de aristocrata, desenvolvido em um meio de brutal democracia e de *luta pela vida* frenética; a hereditariedade de uma mãe da

Gasconha e de um pai bretão; até a estranha circunstância de ele ter ouvido — nos braços maternos e dos lábios queridos de onde lhe escorria o mel dos únicos beijos que não mentem, — contados com a mais graciosa florescência de incidentes e detalhes, todas as nebulosas tradições do Ciclo de Artur, todas as lendas poéticas de Bretanha, isto por uma deliciosa voz irônica, que não acreditava nelas, e que era como o acompanhamento musical da serenata de D. Juan, o risonho desmentido àquela poesia tecida em sonhos; — todos estes contrastes, todas estas influências contraditórias, compuseram em não sei que misterioso laboratório, a essência rara que era o gênio de Renan.

Esse filtro capitoso, inebriante, seria salutar? Parece-me, receio bem que não! Renan era muito do seu tempo para não ter dele a pontinha de corrupção intelectual, que, em temperamento físico menos equilibrado, levaria ao ceticismo dissolvente, à egoística indisciplina que se traduz pela satisfação de todas as paixões, ainda as mais funestas.

Ele, que era um santo na prática da vida, e que, saindo do seminário, quis trazer para o trato social as virtudes, a castidade, a serena despreocupação de sentimentos que o agitassem, que lhe haviam sido recomendadas pelos padres que o criaram; ele, que era um santo na moral, podia na vida intelectual ser esse delicioso *diletante* que se comprazia em perder-se nos complicados meandros do pensamento, amando como Sócrates a virtude e chamando-lhe como Bruto um *nome vão!* glorificando o martírio e notando ao mesmo tempo a impossibilidade que há para o homem superior em morrer por *uma ideia*, necessariamente falsa, pois que nunca a verdade pode estar em uma só face de qualquer doutrina; recomendando a *moral* como “a cousa por excelência verdadeira e séria” e dizendo aos homens, aos fracos mortais a quem o desinteresse custa tanto, que nenhuma recompensa lhes advirá dos sacrifícios feitos a essa abstração sublime; negando a intervenção de Deus na obra universal e afirmando que o Universo tem um fim divino; sentindo e comunicando aos que o lêem, as sensações mais dúbias e as mais contraditórias; vibrando ao influxo das ideias mais diversas, desde o misticismo até a transcendente ironia, tendo feito a viagem à roda do mundo do pensamento, e vindo de lá, da sua longa e laboriosa romaria, igualmente indiferente ou igualmente benévolo para todas as doutrinas, para todos os estados da alma, menos para o fanatismo dos sectários, que lhe inspirava um desdém piedoso, e que ainda assim compreende, porque ninguém entendeu melhor Jeremias e Ezequias, os profetas da feroz Jerusalém!

Ele podia ser essa encarnação suprema do gênio da crítica moderna. Mas os que não têm o mesmo dom feliz de separar a vida da inteligência da vida dos sentidos? Mas os que vivem a sua filosofia e traduzem em atos as suas teorias?...

Oh! para esses, a doutrina desse santo será o mais corrosivo dos venenos; o encanto miraculoso daquele gênio ondeante, cujo pessimismo desabrochava na flor de um sorriso e cuja esperança se afundava, misteriosa e lúgubre ninféia, no pântano glauco de uma negação sombria, — seria a mais desorganizadora e a mais corruptora das lições!

Mas esquecemos o que houve de triste e de negativo nessa filosofia, cujas raízes mergulham no complicado e cético pensamento germânico!

Nós, as mulheres, amemo-lo pela graça — esse dom feminino, que ele possuiu como ninguém mais, pela linguagem divina, de que ele revestiu as suas ideias, por milhares de trechos verdadeiramente impecáveis, de uma untuosidade evangélica, de uma pureza transcendente, de uma poesia inefável, com que ele enriqueceu a literatura universal.

Como havia em Renan de tudo, — e é este o seu característico mais singular, e é este, em face da estrita lógica, o defeito mais repreensível da sua inteligência — podia um admirador consciencioso e delicado extrair, dos seus livros inúmeros, um livro piedoso, espécie de *Imitação*, menos ascético, porém, mais perfumado das flores do Evangelho primitivo; livro para ser lido em hora de crise d'alma, livro para ser decorado pelos delicados, pelos contemplativos, pelos tristes...

No prefácio dos seus *Estudos de História religiosa*, diz Renan pouco mais ou menos isto mesmo.

Formula o voto de que alguém, das pérolas soltas do seu escrínio, que sabemos ser de milionário, compusesse uma espécie de *livro d'horas*, para ser folheado depois da sua morte, por finas, esguias e brancas mãos patricias, na paz obscura e calmante das catedrais.

Oh! Como a subtil ironia que atravessa, flecha de luz área, este voto estranho, é bem dele! Desse aristocrata, que deveu à democracia a liberdade que amplamente gozou; desse *diletante*, desse místico que desejava ser enterrado na nave lateral de uma sombria igreja católica; desse ironista que manejou tanta vez o arco de Voltaire com setas mais finas, setas feitas de ouro; desse filósofo que pregou a inaniade da sabedoria; desse sábio que se ria da ciência; desse iconoclasta dos templos que ungiu de bálsamos tão inefavelmente doces os pés de Jesus Cristo, e que achou na piedade da sua alma uma fórmula de ceticismo mais respeitosa que muitas orações, de um realismo por assim dizer concreto e material...

Se eu pude traduzir a impressão que ele me dava, impressão confusa e deliciosa, indefinível e querida, impressão que era ao mesmo tempo receio de me deixar seduzir, encanto ao sentir-me arrastada na corrente daquele feiticeiro perigoso; se eu pude dizer todo o amor com que lhe quis, e todas as restrições com que este sentir me subjugara, dou-me por feliz, porque a fazer a crítica da obra de Renan, a isso nunca eu ousaria aspirar.

OLIVEIRA MARTINS

I

Três meses decorreram já desde que a negra terra do cemitério o encobriu aos olhos dos que o amavam, e não está de molde o mundo moderno, que tumultua desvairadamente anárquico para chorar os seus mortos ou para comemorar os seus heróis!

Desde que ele morreu, esta pobre nacionalidade portuguesa que a sua alma soube tão bem estudar, compreender, amar nos momentos típicos da sua grandeza, chorar nos espasmos convulsivos ou no torpor comatoso da sua longa agonia, desde que ele morreu, já esta pobre pátria, tão sua amada, se tem deixado afundar mais alguns graus no abismo de uma decadência para que não há cura. Quase todos o esqueceram, a ele, ao grande melancólico que, durante mais de vinte anos, se não cansou de avisar os despreocupados, de acusar os cínicos, de analisar cruamente ou desalentadamente o lento processo por que uma nação se desagrega e esfacela e para quem a história foi mais uma obra de moralista do que um trabalho de laboriosa e minuciosa erudição.

Quase todos o esqueceram, ou se recordam apenas do que mais efêmero e contingente houve no seu espírito, e uma das coisas que mais dói é este silêncio, mortalha pior que todas as mortalhas, que na hora seguinte ao desaparecimento de um grande espírito lhe envolve nas funerárias dobras o nome que parecia tão brilhante em vida!

Depois, mais tarde, é certo que a posteridade vingará esse nome da indiferença da geração a que ele devia ser mais querido, mas isso não impede que a impressão geladora de tão duro esquecimento faça sofrer algumas almas raras que não esquecem o que amaram...

Para mim, a morte de Oliveira Martins foi um golpe dolorosíssimo...

Feridos os dois por uma doença traiçoeira que se apresentava no empobrecido organismo de ambos, igualmente ameaçadora de morte próxima e que para ele

tão cedo realizou a negra ameaça, ambos tínhamos partido com diferença de dias apenas para Cascais.

Eram contíguas as casas que habitávamos, davam ambas para o lindo parque que o falecido Visconde de Gandarinha ali plantou luxuosamente.

A primavera tinha desdobrado pelo parque todo em viço e pela extensão dos campos um enorme estendal das flores mais frescas, mais vivas, mais cheias de mimo e cor. Inundavam-nos as salas os lírios amarelos, as rubras papoulas, os malmequeres brancos e dourados, as verdes espigas, toda essa divina e inofensiva flora dos campos que consola os doentes sem os envenenar.

Através das rendas transparentes do arvoredor em que todos os tons, todas as *nuances* do verde se casavam em uma gama opulenta e maravilhosa, avistava-se, das janelas dos dois convalescentes, o mar, o grande mar azul, em que Oliveira Martins lera tão comovedoramente a lenda do nosso destino nacional, a história gloriosa e trágica da vida e da morte da Pátria Portuguesa.

Barcos de vela passavam a cada instante, e ele sabia conhecer cada tipo de embarcação.

Cada vela que atravessava o mar longínquo, palpitando ao vento fresco de abril, tinha para ele uma sugestão viva, uma lembrança saudosa ou pitoresca.

A luz, a luz embriagante da primavera de Portugal, derramada em caudais da côncava safira dos Céus, reanimava-o dia a dia, dava-lhe aspirações frementes de vida, de alegria, de trabalho, de atividade mental.

Ouvi-lo era um encanto.

Menos abatido de espírito, e mesmo de corpo, que eu, era ele quem, descendo a escada da sua casa e subindo a da minha, vinha sentar-se na pequenina sala onde eu quotidianamente esperava aquela visita deliciosa.

E de sua voz lenta, cheia de pausas, de uma doçura como que abafada, modulando-se em tons de íntima melancolia, de acre desprezo, de tolerante e passivo desdém, e às vezes, raras vezes, de alegre e despreocupada ironia, ia preguiçosamente escorrendo toda uma filosofia da Vida, triste sim, mas não desesperada nem crua...

Místico de temperamento, místico de sentir, o seu ceticismo das coisas era temperado sempre por aquele instinto tão raro na alma peninsular, positiva até na sua fé, o instinto do mistério ambiente, o pressentimento de alguma coisa ignorada que nos cerca, acompanha, domina, nunca revelada, nunca explicada, nunca tangível, mas tão impossível de definir como de eliminar...

*“There are more things in heaven and earth, Horatio.
Than are dreamt of in your philosophy.”*

Estas palavras do Hamlet lembravam-me quando o ouvia discorrer de vagar, sempre muito de vagar, olhos de sonho fitos vagamente no espaço, como que vendo nele coisas que nós lá não víamos...

Falávamos de tudo. Mais, no entanto, do presente que do passado. Era nobre, glorioso, épico o passado? De certo!

Mas que importava, se estava inteiramente extinto para nós. O presente causava à grande alma especulativa e triste de Oliveira Martins um tédio inenarrável. Esta agonia sem grandeza; esta luta de mesquinhos, de baixos interesses, lembrando a germinação e o fervilhar de vermes na putrefação de um cadáver querido; esta inconsciência de perigos iminentes; esta ignorância universal de todas as forças e elementos que, ou conjugados ou antagônicos, hão de fatalmente ter uma influência capital no modo de ser orgânico da sociedade portuguesa; este risonho cinismo que anima as classes dirigentes e lhes inspira todas as manifestações da sua atividade ou da sua inércia; este quadro desolador de um país que luta pela vida, é verdade, mas que perdeu todas as energias materiais ou ideais, por meio das quais uma vida se conserva — arrancava-lhe expressões de uma tão inconsolada tristeza, como eu me não recordo de as ter ouvido a mais ninguém.

II

Outras vezes, nas horas mais calmas, mais doces da conversação, quando o crepúsculo ia envolvendo a paisagem marítima, tão doce, sugestiva e melancólica, em uma espécie de ideal neblina azul — era pelo seu trabalho passado que os olhos do grande morto se espraivavam.

Dizia-me então a comoção intensa, dolorosa, extenuadora, com que ele *vivera*, por assim dizer, algumas cenas da sua História, revelando essa profunda e hiper-aguda sensibilidade intelectual que é talvez a feição predominante, a *faculté maitresse* do seu gênio...

Em momentos sagrados, destes que serão um eterno segredo entre o artista que *sente* e o Deus que o inspira, ou antes em momentos em que o artista se sente um deus, isto é, um Criador, e em que o elemento divino, de que o seu gênio é a revelação suprema, o levanta acima de si próprio e da sua pobre existência efêmera, fugitiva, mortal, o grande artista, que havia em Oliveira Martins, vivia séculos de gozo extenuante, de volúpia ideal incomparável...

— “Saía desses momentos alagado em lágrimas e como que exausto, envelhecido” — contava ele, deixando transparecer na palavra e no gesto um vago assombro.

É por isto que o trabalho lhe exauriu a mais pura seiva do seu sangue, não porque fosse nem excessivo, nem brutalmente aturado, como por exemplo o de Balzac.

Outras vezes ainda a saudade levava-o docemente, talvez sem dar por isso, a evocar a memória do querido amigo morto, de Antero de Quental. Oliveira Martins fora o companheiro, o confidente, o amigo dileto do poeta dos *Sonetos*, em quem Souza Martins, num magistral estudo psíquico-patológico, acaba de descobrir uma ascendência escandinava, que explica e justifica a essência de sonho nebuloso e místico de que o seu talento parece haver sido elaborado.

Falando de Antero, era inesgotável a memória de Oliveira Martins. O íntimo drama daquele coração e daquele espírito ninguém melhor o conheceu e interpretou.

A excessiva idealização na esfera sentimental, o abuso do pensamento, a aceitação simultânea das mais contrárias, das mais opostas, das mais irredutíveis teorias, a múltipla concepção da vida que nesse desequilibrado de gênio se transformou na loucura e na morte: tudo ele analisava, estudava, esclarecia com aquela atenção paciente, com aquela agudeza de inteligência, com aquele estranho dom de penetrar e compreender as almas mais diversas, — e até uma alma diversa segundo os momentos, a influência exterior, as crises mórbidas, a própria temperatura física, — com aquela extraordinária lucidez crítica, serena, impessoal que assinala os homens verdadeiramente superiores.

Para ele próprio — deixem-me este orgulho de que aliás tenho recordação escrita pela sua própria mão e confirmado pela sua sublime e dedicada e heróica enfermeira, amiga e esposa — para ele próprio estas conversações que o capricho de cada momento ia inspirando e movendo, se tinham tornado um prazer subtil e delicado. Eu ouvia, sem muitas vezes fazer mais que sugerir, excitar, conduzir um pouco ao sabor da minha curiosidade intelectual o rumo errante da sua palavra fascinadora...

Ele pensava alto, e gozava talvez de dar forma concreta às visões fugitivas da imaginação, de prender o peso de uma definição verbal, à asa subtil de uma ideia que ia esmaecer, volatilizar-se, fugir espaço em fora...

O ardente desejo de Oliveira Martins, sedento de vida, como todos os feridos por aquela doença atroz que escolhe os melhores e os mais delicados organismos, para os fulminar em plena flor de inteligência e vida — o ardente

desejo de Oliveira Martins era partir para Castela e estudar de perto o teatro de cenas que a sua mão magistral ainda deixou esboçadas em rápidas notas. Escrever o seu livro sobre D. João II e depois terminar por D. Sebastião, — o querido herói lendário, o nosso rei Artur fielmente esperado durante séculos por tantas almas de fé, — o ciclo da nossa vida nacional; que depois não tem feito mais que arrastar-se, desprestigiada, desformizada, pervertida na forma e na essência, até esta tristeza de hoje amorfa e gelatinosa: eis o sonho concebido pelo escritor glorioso e admirável.

Foi com o fito de visitar a Espanha e depois de ir trabalhar em algum eremitério bem recolhido, bem arejado e fresco, bem afastado de todo o movimento social, que Oliveira Martins mais robustecido, e na aparência melhorado, deixou Cascais.

Há uma carta sua de Salamanca em que transparece do novo aquela tristeza que na doença o acompanhou como um pressentimento funéreo. Não resisto ao desejo de copiar alguns trechos dela: — "Aí vão duas linhas do viajante que pisa agora as terras de Santa Tereza.

"Em Alba de Tormes esteve ela; aqui na catedral tem um dedo que eu ontem tive a honra de tocar.

"Dizia a Santa, ardendo em divino amor: *muero porque no muero*. Eu não digo outro tanto, mas, em verdade, a vida não é realmente senão o desdém de viver e de morrer. Morrer para quê? Para quê viver? Os espanhóis têm uma locução muito frequente e muito expressiva. É uma frase, na qual, como sucede com a música, cada um mete o que tem na ideia. *Quien sabe?* Quem sabe o que é viver? Quem sabe o que é morrer?"

Nesta flutuação vaga do pensamento que se comprazia em ver sempre de cada problema as duas faces contrárias, está em *racourci* muito do que foi a filosofia particular de Oliveira Martins!

Da viagem a Espanha voltou ele já ferido sem apelo e sem possível cura pelo punhal traiçoeiro da Morte!

Ainda esperou contra todas as esperanças, ainda a paisagem agreste e idílica a um tempo do convento de Brancanes e cercanias o embriagou como a última estrofe deliciosa desse poema da Natureza, que para a alma dele, como para poucas almas, tinha harmonias, cores, visões divinas, filtros alucinantes e poderosíssimos. E ainda como última exalação do seu querido espírito para o meu, algumas palavras me vieram provar a força pertinaz da sua ilusão e os extremos da sua delicada e preciosa amizade.

“ — Ontem, para provar a mão, comecei a trabalhar no meu *Príncipe Perfeito*. Não imagina a alegria que me deu ver que não tinha morrido ainda. Ainda escrevo. Ainda vivo. Cumpra depressa a promessa da sua visita...

“ — Não há calmante como a paisagem e os rumores do campo. Sente-se a gente árvore. Aqui há tudo. Solidão no meio de um campo habitado, pomares nos vales, montes em volta, em frente o mar. Que mais se quer? O convento onde estou é enorme; cabe aqui tudo. Há terraços delirantes. Há árvores verdadeiras; uma mata a valer; pinheiros, sobreiros, medronheiros. Venha depressa...”

É a última vez que a sua mão traçou linhas que me fossem dirigidas e eu própria infelizmente, preza pela doença em Cascais que nunca deixei, não o tornei mais a ver.

Mas publiquei trechos destas duas cartinhas preciosas, porque duas faces bem características do espírito complexo de Oliveira Martins estão aqui adoravelmente retratados. Numa a ondulação melancólica e vaga do seu sonho ante o mistério da vida e o mistério da morte. Em outra, na última, o seu ardente amor panteísta da natureza viva, aquela paixão fremente que o fazia dar uma alma à paisagem, comunicar a sua fecunda emoção às árvores e às cousas, sentir no seio delas a comunhão misteriosa que prende em uma cadeia de infinitos elos sem quebra, a pedra à planta, a planta ao animal, o animal sem alma à alma infinita, à alma Universal!

III

Diante da obra tão vasta e variada de Oliveira Martins não pode ainda a crítica lavrar qualquer juízo definitivo. É cedo de mais para que esse tribunal pronuncie a sentença decisiva que tem de ficar gravada no Panteon das glórias portuguesas. Mas se a crítica impassível e austera tem de adiar ainda o resultado da sua investigação, é lícito a cada um de nós dar a impressão íntima que recebeu do trabalho deveras extraordinário do escritor que se finou.

Em primeiro lugar a dualidade de aspectos que essa obra apresenta, transforma-a em uma espécie de problema altamente interessante para a psicologia.

Em Oliveira Martins, a par do místico contemplativo, do sonhador filósofo, do moralista desdenhoso, havia — estranha coisa, tão rara na nossa raça simplista — um ser inteiramente contrário a esse, um espírito positivo na análise dos fatos, rigoroso nas deduções do pensamento, pratico na administração dos negócios, e em que uma rara sagacidade das coisas se aliava a um método maravilhoso na classificação dos conhecimentos positivos.

Estes dois homens tão diversos formaram um só, às vezes contraditório até ao enigma irritante, incompreensível ao entendimento médio, ilógico perante a opinião do vulgo. Separados, cada um deles formava um conjunto completo de qualidades harmônicas, uma força intelectual de primeira grandeza. Juntos, havia momentos em que eram capazes de desnorrear, de entontecer até o espírito mais perspicaz e mais aberto ao feliz dom da simpatia inteligente. Assim como o seu talento tinha estas duas faces distintas quase inconciliáveis, pois que pressupõem qualidades em absoluto antagonismo e temperamentos em radical oposição, assim também a sua obra parece dividir-se em dois ramos diversíssimos. A um desses ramos, o mais árido para mim, o que nada admira — pertencem os seus tão notáveis artigos jornalísticos, quase todos compilados nos volumes *Política e economia nacional* e *Carteira de um jornalista*, os seus opúsculos e livros sobre o *Regime das riquezas*, o *Socialismo*, as *Eleições* e até o seu magnífico projeto de *Lei de fomento rural*, que pode bem chamar-se um programa completo de restauração patriótica, uma espécie de sistema de higiene aplicado ao organismo exangue de um país que, primitivamente destinado a uma existência modesta e rudemente tônica de trabalho rural, de obscura felicidade sem história, se gastou nos excessos e nas aventuras desse sonho ultramarino que o fez viver, é certo, e que lhe deu renome, mas que o condenou à longa e incurável anemia de que todos morremos hoje aos poucos...

É como um homem verdadeiramente pratico que aparece aos nossos olhos, o publicista, o deputado, o político nem sempre feliz, embora sempre perfeitamente intencionado do período que talvez mais do que nenhum outro, ele quiereria ter riscado da história, aliás tão nobre da sua vida. É sob essa face que ele assombrou muitas vezes não somente os espíritos da nossa terra mais chãos e mais positivos, mas ainda os *homens de negócio* estrangeiros com quem teve de tratar tantos assuntos de importância e que ficavam falando dele como de uma inteligência rápida, aguda e fria, absolutamente rara nas nações peninsulares.

Se essas faculdades sem o auxílio de outras já são suficientes para assinalar o alto valor de um homem, o que fará quando a essas se ajuntam em raríssimo conúbio outras, mais altas, mais nobres, mais reveladoras de uma grandeza ingênita e de um valor moral amplíssimo?!... Quando o mesmo homem, que há pouco parecia versar, com tanta segurança e tão fino critério, questões de que dependem o bem estar material e a ordem administrativa e econômica das nações, se revela de repente um delicado artista vibrante e criador, um entendimento alado, capaz de erguer-se às cumiadas mais altas do Pensamento, um vidente para quem a história é uma contínua revelação de recônditos segredos da alma, uma evocação mágica de figuras vivas, uma palpitante sugestão de moral e de justiça?!...

Os que tiverem de pôr de pé diante da posteridade a figura inteira de Oliveira Martins, têm de evocá-lo sob estes dois aspectos e fundir ambos na culminação intelectual a que ele atingiu.

Outros fizeram a história com mais exatidão e mais verdade — se a verdade histórica é apenas a verificação rigorosa das datas e a decifração lenta dos documentos coevos; outros fundiram em mais brônzeo estilo as cogitações do seu vasto pensamento; outros interrogaram com mais paciente e minucioso escrúpulo os monumentos do passado, legados sob múltiplas formas materiais ou morais, artísticas ou religiosas, à geração sua contemporânea: poucos têm possuído, mais ardente e mais vivo esse poder estranho de penetrar na alma de uma raça e de lhe traduzir as aspirações ocultas ou os sonhos realizados; de ler a sumula completa dos destinos de uma nação na obra truncada que ela tentou em vão consumir; de evocar em plena vibração de vida, em plena intensidade de emoção comunicativa os tipos representativos de uma época remota e finda; de emprestar a sua própria alma à alma dos mortos e de os fazer ressurgir do sepulcro, onde pareciam para sempre esquecidos, à luz fremente do mais belo e claro dia.

Acusam-no com razão de contradições, de inexatidões e erros de fato, que um espírito inferior metuculoso podia facilmente corrigir ou evitar. Sim. Tudo isso é verdade.

Mas escrevam, se são capazes, a História que ele escreveu, interessem-nos apaixonadamente como ele nos interessou, dêem o vigor, o relevo, a vida que ele deu aos personagens que evocava, façam de cada um dos seus livros o drama agitado que ele fez, transformem a História como ele a transformou, em uma profecia, em um lamento, em uma lição, em uma sugestão ardente, em uma saudade inconsolada do que foi e não pode tornar a ser.

Outros narram precisamente os fatos, ele comentou-os, esclareceu-os, deu-lhes o sentido oculto, a amarga e profunda filosofia.

O nosso destino histórico; o papel particular que aos portugueses foi distribuído nessa tragédia épica da península ibérica, que deu mundos ao mundo inconsciente; o preço atroz por que nós pagamos a posse desse ideal que foi nosso um momento e que perdemos justamente por tê-lo realizado completo; — quem melhor o soube explicar, tornar claro aos olhos ainda os menos penetrantes, tornar palpável aos entendimentos ainda os mais obtusos?

IV

Na obra que ele deixa tão grande, que revela uma capacidade e um método de trabalho assombrosos, pois só assim se poderia escrever tanto, longe de tudo

ser perfeito há muita coisa desigual, muita coisa que ele não teria escrito se a necessidade quotidiana o não houvesse por largos anos espicaçado, — porque é preciso que se saiba lá fora que este trabalhador incansável foi um chefe de família exemplar, e que, ficando na quase infância órfão de pai, foi ele quem auxiliou nobremente sua mãe a educar e formar uma família numerosa de que até ao último instante foi desvelado amigo.

Deve também confessar-se que há muito de injusto e de cruel nos juízos que na, temerária mocidade, isolado, e inexperiente ele formulou a respeito dos homens e das cousas. O seu *Portugal Contemporâneo* foi mais escrito sobre panfletos e artigos de jornal, sempre suspeitos, do que sobre documentos autênticos completados pelo austero e profundo estudo do movimento liberal que iniciou para nós a era moderna. Há capítulos na *História de Portugal* que os seus livros posteriores, unguídos tão docemente pelo amor dos heróis pátrios, parecem negar, contrariar, anular inteiramente. Ele próprio teve de contradizer, na maturidade do seu grande espírito, no qual um incessante progresso se faz sentir, grande parte das teorias que primeiro enunciara e que tão profundo eco tiveram na sociedade portuguesa e tão irremediável influência exerceram no espírito pessimista e desenganado da contemporânea geração. O culto dos heróis que ele acabou pregando e exemplificando da maneira mais irresistível, mais poderosa e mais bela, foi ele — força é dizê-lo, porque diante das cinzas de um grande morto, a verdade impõe-se como um dever sagrado — foi ele quem quase completamente o destruiu na nossa alma, aliás disposta a derrubar todos os ídolos, a escarnecer todas as religiões!

Mas como estas maculas parciais, mas como estes mesmos enganos do seu entendimento que lentamente se foi formando, aperfeiçoando, cultivando e depurando, desaparecem no conjunto da sua obra! Mas como resgatam amplamente e soberbamente esses senões secundários, livros como a sua *Civilização Ibérica* tão admiravelmente traçada por um pincel de artista e de pensador, como o seu volume *Os Filhos de D. João I*, feito todo ele sob uma inspiração soberba da epopéia, como o seu *Condestável* tão belo, tão puro, em que a sua alma parece entender tão bem os mais íntimos segredos de uma alma de êxtase e de fé, prenunciando deste modo a resignação infável, a pacificação serena e alta, a submissa doçura ao mistério supremo, no qual todas as contradições se conciliam, a humilde piedade untuosa da sua morte edificante, dessa morte que tantos bálsamos verteu no dilacerado coração da esposa, que nela teve a sua crucificação e a sua coroa, a sua maior dor e o seu consolo mais sublime!

Como em Nuno Álvares o interessa mais ainda que o guerreiro audaz o asceta e o santo! Que trechos aqueles em que ele, subindo a uma altura onde não tinha subido ainda e que representa a culminação suprema a que o seu engenho

chegou, nos conta os arrebatamentos, as visões, as ascéticas delícias em que a alma do santo Condestável se dilata até aos céus!

Neste livro, mais que em nenhum outro, o estilo de Oliveira Martins pode ser apreciado na sua complexidade e nas suas modalidades tão várias!

É um estilo único, inconfundível, atormentado, desigual, feito de imagens propriamente suas, de torneios de frase inimitáveis e que o põem a cem léguas do classicismo aceito e consagrado. Ora se levanta em uma espécie de sonambulismo vago a alturas enevoadas e insondáveis, ora cai de chofre na vulgaridade de um realismo voluntariamente plebeu; à ironia transcendente de umas páginas opõe o amargo pessimismo de outras; à cólera convulsa que o espetáculo das cousas lhe acorda no coração, segue-se o desdém benévolo e superior de quem julga este mundo todo ilusórias aparências, que umas nas outras se esvaem e se transfiguram; o seu grande poder de sugestão vem menos dos vocábulos empregados, menos dos epítetos escolhidos, do que da repercussão indefinida e infinita que certas frases que ele emprega nos acordam na alma. Às vezes, há uma limpidez serena e correntia neste estilo mágico; outras vezes, é obscuro erriçado de símbolos, enredado em labirintos em que a mente se perde e desnor-teia!

Se o estilo deve traduzir todas as *nuances* de uma dada individualidade e ser o transunto claro e fiel de um temperamento artístico nunca houve ninguém que tivesse um mais acentuado estilo do que Oliveira Martins!

De cada uma das *maneiras* do escritor eu queria dar ideia, transcrevendo um trecho que lhe correspondesse, mas não será melhor que cada leitor procure na obra tão complexa e tão variada, aquilo que melhor quadre ao seu gosto especial, à sua concepção artística, à índole do seu espírito...

Recomendo-lhe, porém, as últimas páginas da mais transcendente e ideal beleza da *História de Nun'Alvares*, as descrições que esmaltam ora com o colorido brilhante de uma tela de Veroneze, ora com a melancolia pungitiva de uma paisagem de Ruisdael, ora com a luz aérea, docemente *unreal* de um trecho de floresta pintado por Corot, esse livro de todos o mais admiravelmente escrito que o historiador nos legou.

Recomendo-lhe a análise do carácter de Nuno Álvares, de João I, dos *Ínclitos Infantes*, principalmente de D. Pedro, páginas de uma psicologia tão delicada, penetrante e subtil, em que o fundo místico da imaginação de Oliveira Martins se alia à sua profunda intuição dos segredos da alma humana! E o quadro magistral feito a duas pinceladas rápidas da Corte de D. Fernando, ai de nós! tão parecida com a sociedade de hoje que não sei mesmo dizer se não foi ela que serviu de modelo ao artista para chegar a conseguir tais efeitos de realismo brutal e de frisante e juvenalesca ironia!

Não farei comparações sempre inexatas entre Oliveira Martins e outros escritores que o precederam. Acho que essas comparações não são em alguns casos mais do que erros palmares de crítica que desconcertam e irritam! Um escritor que se parece com outro, é raras vezes um artista de raça. Não pode um talento grande deixar de supor uma personalidade acentuada, forte, isto é, *diferente*. De resto não conheço em Portugal escritor algum, cuja índole, cujas tendências, cuja compreensão das cousas se possa comparar com as de Oliveira Martins.

Ele nunca poderá ser considerado como um *representative man*, nem do tempo nem da raça a que pertenceu. Daqui a sua originalidade viva e talvez o principal característico do seu talento.

À viveza, à meiguice, à sensibilidade vibrante do meridional, ele juntava a profunda melancolia, o simbolismo vago, a flutuação de sonho do germano, e como ele tantas vezes se comprazia em ler os vestígios de antigas influências étnicas, no caráter dos seus personagens históricos mais diletos, pode também dizer-se que no seu gênio tão complexo, tão estranho, tão cheio de meandros, complicações e antagonismos inconciliáveis se casam o poético elemento celta, o positivismo calculista do fenício, a profundidade e o pessimismo semita, a viva paixão do árabe, e o sentimento da Natureza que o bárbaro do Norte primeiro sugeriu ao coração seco do civilizado latino!

BIOGRAFIA

Maria Amália Vaz de Carvalho nasceu em 2 de fevereiro de 1847, e faleceu no dia 24 de março de 1921.

Filha de José Vaz de Carvalho e de Maria Cristina de Almeida e Albuquerque, descendente do chanceler-mor do reino D. José Vaz de Carvalho no tempo de D. João V, que vivia no Palácio de Pintéus tal como seu marido. Foi casada com Antônio Cândido Gonçalves Crespo, também poeta, e a primeira mulher a entrar para a Academia das Ciências de Lisboa, eleita em 13 de Junho de 1912.

Escreveu em várias publicações portuguesas (*Diário Popular*, *Repórter*, *Artes e Letras*) e brasileiras (*Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro), com o pseudônimo de Maria de Sucena. A obra de Maria Amália Vaz de Carvalho, tem um caráter de versatilidade, pois, para além de obras poéticas, escreveu também contos, ensaios, biografias e crítica literária. Das suas obras, destaca-se o *Contos para os nossos filhos*, uma compilação de contos infantis, publicada em 1886, escrita em parceria com o seu marido, e que foram aprovados pelo Conselho Superior de Instrução Pública para utilização nas escolas primárias.

A sua residência foi o primeiro salão literário de Lisboa, por onde passaram grandes nomes da literatura, e da cultura, portuguesa, como Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão ou Guerra Junqueiro.

Em 1993, o município de Loures instituiu em sua honra o "Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho", recordando o fato de a poetisa haver residido durante a sua infância na freguesia de Santo Antão do Tojal, então parte do concelho dos Olivais e atualmente integrada no de Loures.

São as seguintes as obras de Maria Amália Vaz de Carvalho: *Vida do Duque de Palmela D. Pedro de Sousa e Holstein* (biografia), *Contos para os nossos filhos*, *Contos e Fantasias* (contos), *Alguns Homens do Meu Tempo*, *Pelo Mundo Fora*, *A Arte de Viver na Sociedade*, *Em Portugal e no Estrangeiro*, *Figuras de Hoje e de Ontem*, *Cérebros e Corações*, *Ao Correr do Tempo*, *Impressões da História*, *Coisas do Século XVIII em Portugal*, *Coisas de Agora* (crítica), *Mulheres e crianças: nota sobre educação*, *Cartas a Luísa* (educação), *Serões no Campo* (ensaio), *Uma Primavera de Mulher*, *Vozes no Ermo* (poesia).